

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO – PSICOLOGIA DA GRAVIDEZ E DA PARENTALIDADE

TESE DE MESTRADO

Sem ninho:
– Saída de Instituições de Acolhimento e Gravidez na Adolescência

Ana Carina Pereira da Silva Sanches – N.º 14635

ORIENTADOR: Prof. Doutor António Pires

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

2009

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio e incentivo fundamental de elementos chave que constituíram o meu “ninho” para a criação de ideias, motivação, e sintonia com esta investigação. Desta forma agradeço:

- À minha Família, nuclear, alargada e “adoptada”, a todos os Laços Verdadeiros, minhas âncoras, que me guiaram e serviram de continente para a as minhas angústias e fragilidades. Obrigada por serem o meu chão e me oferecerem um céu imenso como tecto.

- Ao Professor Doutor António Pires, pela confiança e incentivo, pelas janelas e portas abertas nesta casa de saberes que ajudou a construir. Valeu a pena!

RESUMO

Esta investigação teve o objectivo de cruzar a experiência da saída da instituição, em casos de crianças retiradas às suas famílias por longos períodos de tempo, com a gravidez na adolescência, entendendo como se tornam mães, estas jovens que cresceram em lares de acolhimento.

Os participantes foram duas jovens institucionalizadas, quatro jovens que já tinham saído da instituição, uma ajudante de lar e a directora da instituição de acolhimento. Foram realizadas nove entrevistas semi-estruturadas, posteriormente analisadas segundo o método da Grounded Theory.

As jovens constroem muitas expectativas sobre a sua saída do lar, bastante direccionadas para a fantasia de liberdade. Ao saírem do lar de acolhimento são orientadas para a reunificação familiar ou para processos de autonomização. É evidente o sentimento de abandono, a revolta, a solidão e o desamparo nesta adaptação ao mundo fora da instituição, sendo que a gravidez representa a possibilidade de mudança para uma vida diferente, terem alguém só para si, e um sentido para a sua vida, apesar de demonstrarem, paralelamente, um arrependimento de terem engravidado naquela altura da sua vida.

Palavras-chave: Institucionalização, gravidez na adolescência, grounded theory, desamparo.

ABSTRACT

This investigation had the objective of crossing the experience of leaving the institution, in cases of children removed from their families for long periods of time, with teenage pregnancy are understanding how became mothers these young people who grew up in foster care.

The participants were two young institutionalized, four youths who had already left the institution, a member of the staff, and the institution's director. There were nine semi-structured interviews, then analyzed by the method of Grounded Theory.

The teenagers build a lot of expectations on its way out of the residence, rather directed to the fantasy of freedom. When they left the foster care, are geared toward family reunification or to autonomy's processes. Clearly the feeling of abandonment, anger, loneliness and helplessness in this adaptation to the world outside the system of care, and the pregnancy is the chance to move to a different life, having someone just for them, and a sense for they life, while showing at the same time, a regret of having gotten pregnant at that time of their life.

Keywords: Institutionalization, teenage pregnancy, grounded theory, helplessness.

ÍNDICE

Introdução	1
Enquadramento Teórico.....	3
Vinculação, a Família e as Crianças Institucionalizadas.....	5
As crianças Institucionalizadas e os cuidadores em lares de Infância e Juventude.....	11
Trajectos de vida: Antes, durante e após a saída da instituição.....	14
Gravidez na adolescência:.....	20
Formulação do Problema	26
Método	28
Resultados.....	31
Discussão	37
Referências Bibliográficas	40
Anexos	45
Anexo A: Grounded Theory.....	46
Anexo B: Lista de categorias	50
Anexo C: Memorandos	60
Anexo D: Entrevista 1	83
Anexo E: Entrevista 2	89
Anexo F: Entrevista 3	96
Anexo G: Entrevista 4	100
Anexo H: Entrevista 5	105
Anexo I: Entrevista 6.....	113
Anexo J: Entrevista 7.....	121
Anexo k: Entrevista 8.....	129
Anexo L: Entrevista9.....	138

INTRODUÇÃO

A ideia desta investigação surgiu de uma pesquisa que realizamos sobre a parentalidade em famílias de crianças institucionalizadas. Tirando o enfoque na parentalidade destas famílias, interessa-nos agora entender, como se tornam mães, estas jovens que crescem em instituição.

Na sociedade actual somos cada vez mais confrontados com o conhecimento de situações familiares muito graves que suscitam a necessidade de retirada das crianças do seio meio natural (família biológica) para uma colocação em instituições. Quando se chega à situação em que é necessário separar judicialmente uma criança dos pais, é porque, sem dúvida, a criança se encontra já em grande sofrimento. A partir do momento em que a situação é identificada, a decisão da separação visa essencialmente a protecção imediata da criança face a um meio que lhe é manifestamente nocivo. Podemos concluir que se trata de crianças privadas de um meio familiar estruturante que assegure o seu crescimento e desenvolvimento.

As crianças são acolhidas em lares de Infância e Juventude onde ficam a residir durante anos, em muitos casos até atingirem a maioridade. Com a saída dos lares de jovens iniciam o seu percurso de autonomia ou a reunificação familiar. Verifica-se que em vários casos surge a gravidez na adolescência.

Interessa-nos, então, perceber como se desenrola o percurso de vida destas crianças depois de um acolhimento de longa duração, quais são os seus projectos de vida, as suas expectativas sobre o futuro, a sua capacidade de adaptação ao presente, os acontecimentos mais frequentes, as emoções, os sentimentos predominantes, levando-nos à compreensão do contexto onde surgem as gravidezes destas jovens, como surgiram, como foram vivenciadas, que significado lhes foi atribuído, que mudanças trouxeram para a vida das jovens?

O método da Grounded Theory permitiu um contacto directo com estas adolescentes e funcionárias do lar, e através de entrevistas foi possível explorar estas determinantes específicas, e construir uma teoria sobre a ligação da saída de acolhimentos de longa duração e a gravidez na adolescência.

Escutar o que os adolescentes têm a dizer sobre este tema vai assumir uma importância fulcral para o conhecimento desta problemática, dado que a pesquisa incide, assim, nos protagonistas da acção, e pelo ponto de vista delas, podemos então definir o enquadramento real desta situação de risco.

Para tal, foi essencial fazer um enquadramento teórico sobre a institucionalização, a vinculação, as famílias e a criança institucionalizada, os cuidadores em lares de infância e juventude, os trajectos de vida, antes, durante e após a saída dos lares, e a gravidez na adolescência.

Enquadramento teórico:

Para a compreensão da gravidez na adolescência que surge nas jovens após a saída dos lares de acolhimento, fizemos um levantamento de estudos entre o ano de 2000 e 2008, na medida em que existe pouca literatura específica sobre os parâmetros que nos propomos estudar. Para tal usámos descritores para a pesquisa como: foster care, adolescent pregnancy, loneliness, e family reunification.

O acolhimento institucional de crianças e jovens é uma realidade cada vez mais visível, sendo os Lares de Infância e Juventude uma *resposta social, desenvolvida em equipamento, destinada ao acolhimento de crianças e jovens em situação de perigo, de duração superior a 6 meses, com base na aplicação de medida de promoção e protecção*. (Instituto de Segurança Social, 2007).

Em Portugal encontravam-se, em 2006, **12.245 crianças e jovens acolhidos em instituições**, ressaltando-se que 60% desses acolhimentos se reportavam a casos de institucionalizações de longa duração. As estatísticas confirmam ainda que 5.971 dos menores acolhidos, tinham entre os 12 e os 17 anos, sendo mais predominante o sexo feminino. As raparigas são alvo de institucionalização mais precoce, apresentam tempos de permanência mais prolongados e têm menos perspectivas de saída para o seu meio natural de vida. Em suma, as raparigas ficam mais limitadas à desvinculação do acolhimento imposta pela idade e não propriamente por terem alcançado as competências pessoais e sociais necessárias. (Instituto de Segurança Social, 2007).

A institucionalização de crianças e jovens, está associada essencialmente a situações de negligência, maus tratos e abandono, o que representa situações de perigo para a vida das crianças, sendo impreterível a sua separação do meio familiar nocivo, processada através de uma intervenção do estado. **As problemáticas do agregado familiar** que conduzem a criança à institucionalização, estão inscritas num quadro de carências sócio-económicas, alcoolismo, toxicodependência, ruptura familiar, morte de um dos progenitores, desemprego, precariedade habitacional, problemas de saúde mental, problemas com a Justiça, violência, negligência, maus tratos, violência doméstica, dificuldades emocionais no exercício do poder parental, famílias numerosas, prostituição, isolamento social, gravidez precoce/ não desejada, residência em comunidades perigosas e violentas (Alberto, 2004; Ansay, 2001; Berger, 2003; Black,

Workman & Tata, 2001; Chapman, Wall, & Barth, 2004; Chinitz & Shulman, 2005; Cunha, 2005; Gauthier, Fortin & Jéliu, 2004; Haight, Instituto de Segurança Social, 2005, 2007; Kolland & Sinkkanen, 2001; Kroll, 2004; Litrownick, Newton, Mitchell & Richardson, 2003; McNichol & Tach, 2001; Pearce & Pezzot-Pearce, 2001; Roditti, 2005; Santa Casa da Misericórdia, 2003; Vig, Chinitz & Shulman, 2005).

Apesar disto, muitos projectos de vida passam pelo regresso a casa da família, após o acolhimento institucional, ou opta-se por processos de autonomização dos jovens.

Os estudos científicos levados a cabo sobre a institucionalização de crianças e jovens, têm-se centrado maioritariamente sobre as consequências que essa permanência em acolhimento tem na vida das crianças. É comum a vários estudos, tanto qualitativos como quantitativos, a fragilidade emocional destas crianças e jovens, o isolamento, a solidão, e estigmatização, instabilidade, distanciamento emocional, baixa auto-estima, baixo nível de escolaridade, tendo por mecanismos de defesa por excelência a negação e a idealização, manifestando um comportamento agressivo, insegurança, e depressividade (Abaid, 2008; Antonni e Koller, 2000; Blower, Addo et al., 2004; Cecatto, 2008; Mapp & Steiberg, 2007; Santa Casa da Misericórdia, 2003; Zonléa, Kneutz e Johann, 2008).

Uma descrição semelhante é feita das jovens **que engravidam na adolescência**, a proveniência de contextos socioeconómicos desfavorecidos, negligenciadas, com famílias disfuncionais marcadas pela violência doméstica, criminalidade, tornando-se adolescentes emocionalmente privadas, com carências afectivas profundas, imaturidade, com abandono escolar e desemprego, depressividade, e sentimentos de desamparo e de solidão (Canavarro, M., & Pereira, I. (2006); Gontijo & Medeiros, 2004; Hudson, Elek & Grossman, 2000; Oliveira, 2002; Joffily & Costa, 2003; Rodrigues, Figueiredo et al., 2004; Klein, 2001; Santos & Carvalho, 2006; Soares, I., Marques, M. et al. (2006); Williams & Vines, 2001; Carpenter, Clyman et al., 2001.).

Vinculação, a Família e as Crianças Institucionalizadas

A institucionalização protege as crianças em perigo de um meio natural nocivo, confinando-as, no entanto, a um meio artificial, onde estas vivem durante anos a fio.

Sobre a **vinculação das crianças institucionalizadas**, temos o estudo de Alexandre e Vieira (2004), onde são investigadas 14 crianças dos 3-9 anos, de ambos os sexos, através da técnica de observação do sujeito focal, e técnica de registo de comportamento, em dez sessões de dez minutos em dias e horários alternados. Segundo os autores, a institucionalização representa a garantia dos cuidados alimentares e de higiene bem como o acompanhamento médico e escolar das crianças sejam assegurados. Salvaguardam, no entanto, a dificuldade de se estabelecerem relações significativas e a **evidente falta de intimidade e cumplicidade num lar!** O objectivo do estudo era investigar como se desenvolvia a vinculação entre as crianças num lar. Identificaram-se seis categorias: o contacto físico, o olhar, rir, aproximar, falar e estender os braços. Num estudo transversal observou-se 49 episódios de interacção social entre as crianças.

Os resultados demonstram por categorias temáticas, uma *baixa auto-estima* (imagem de si mesmo desvalorizada); *desejo de ir embora* (voltar para junto da família de origem, preocupação com os irmãos, ou o desejo de serem adoptadas); *sentimentos em relação à mãe biológica* (culpar a mãe por estarem em acolhimento ou defesa da mãe, alimentando a expectativa de voltar para junto dela); *elogio* (ao cuidarem uns dos outros, e principalmente entre irmãos); *ninguém liga para mim* (insatisfação em relação aos cuidados recebidos, sentimento de rejeição e injustiça); *saudade* (dos colegas que foram adoptados ou voltaram para casa, dos irmãos que vivem em instituições diferentes); *preocupação com os irmãos* (no que respeita às suas necessidades básicas, demonstram atenção e cuidado, e em situações de conflito assumem a defesa do irmão); *preocupação com os outros* (nas necessidades básicas cuidam uns dos outros, em situações de conflito zelam pelo bem estar dos outros, e ainda trocam cuidados por benefícios, jogando com os ganhos secundários); *segurança* (em relação aos irmãos mais velhos que cuidam e protegem); *agressão verbal* (ao defender os irmãos em confronto, que mais uma vez demonstra a relação fraterna). A discussão destes resultados vai obviamente focar a importância da relação entre irmãos. Segundo os autores “o relacionamento entre os irmãos e os pares participantes do estudo foi caracterizado principalmente pelo **ênfase no contacto físico** e a **busca constante da presença do outro**”! Concluem ainda que após a separação da família, um amigo no lar consegue torna-se numa figura de vinculação. Referem ainda que no “brincar às casinhas”, existe uma representação de cuidados maternos sem reprodução de experiências traumáticas, e que em relação à representação da família, todos expressam

o desejo de ter uma família, algumas crianças revelam a vontade de regressar a casa, e outras a vontade de serem adoptadas.

Alexandre e Vieira (2004), investigaram a **relação de vinculação entre as crianças institucionalizadas**, numa amostra de 14 crianças dos 3-9 anos, com a técnica de observação focal. Os resultados foram que os **irmãos mais velhos** se mostram muito responsivos às solicitações de afecto e cuidado aos irmãos mais novos. A brincadeira social mostrou ser uma situação favorável ao estabelecimento das interacções afectivas. A imagem da família aparece representada pela figura materna. Em conclusão, os autores afirmam que na falta de um adulto significativo na instituição, as crianças acabam por formar relações de vinculação umas com as outras, e a rede de apoio social representa um importante aspecto na resiliência destas crianças.

Um estudo de Howes, Cicchetti et al. (2000), refere as famílias de crianças institucionalizadas como unidades básicas pouco estáveis, com entrada e saída frequente de elementos. São grupos familiares onde coexistem vários tipos de maus tratos, dificuldades na relação emocional, dificuldade em lidar com as emoções negativas, troca de papéis familiares, o que leva a **dificuldades das crianças em se vincularem aos cuidadores**. As crianças em instituição mostram relações baseadas em papéis de vítimas e agressores, revelando a possibilidade das crianças se tornarem agressoras na relação entre pares, sugerindo que podem internalizar os dois papéis das relações abusivas. São registadas relações de vinculação desorganizadas, modelos de poder, conflito, controlo e rejeição.

Os participantes neste estudo foram famílias de crianças sinalizadas aos serviços sociais com 3-5 anos. Concluiu-se que, nas famílias onde existiu abuso sexual, há mais sentimentos de zanga, e papéis familiares mais indefinidos e caóticos, e relacionamentos menos adaptáveis e flexíveis, em comparação com famílias não abusivas ou com outro tipo de maus tratos. Nestas famílias há um risco acrescido de dificuldades na área dos afectos, organização e relações adaptadas. De forma geral, as crianças destas famílias maltratantes constroem vinculações inseguras, e **têm dificuldade em definir por quem a família é constituída**.

Segundo um estudo qualitativo sobre as famílias de origem serem um recurso permanente para as crianças com institucionalizações de longa duração, verifica-se um enfraquecimento e ruptura dos vínculos sociais dos menores (Mapp & Steinberg, 2007). O isolamento que a institucionalização confere às crianças passa por duas fases de **desqualificação social: a fragilidade e a dependência**. Os múltiplos cuidadores dificultam a capacidade de vinculação da criança, logo, comprometem o

desenvolvimento das relações sociais ao longo da vida. Segundo os autores, o contacto continuado com a família oferece aos jovens uma oportunidade para o desenvolvimento de relações a longo prazo. A literatura sugere que os pais podem mudar, e que o contacto com a família pode beneficiar a criança. Fica a questão se a família tem competências para servir de recurso para estas crianças com institucionalizações de longa duração, mas os autores sugerem que pelo menos esses contactos fornecem uma relação, e um sentimento de família. Este reconhecimento será essencial para uma continuidade de relações necessária para a reunificação familiar. Para tal, devem ser promovidas nas instituições o contacto mais próximo com as famílias das crianças, através de cartas, telefonemas, e visitas.

Também Leathers (2002) defende que a **prática inclusiva da família** na vida da criança institucionalizada influencia positivamente a qualidade da reunificação. Conclui-se que, numa amostra de 230 adolescentes, quanto mais se envolvia a família em visitas, na revisão dos casos, e actividades relacionadas com a criança, mais próximas ficavam as relações familiares, o que favorecia de forma evidente a reunificação.

Siqueira e Dell'aglio (2007) fizeram um estudo de caso com uma adolescente de 12 anos, sobre o seu regresso a casa, estudando os factores de risco e de protecção. Evidenciaram neste estudo as **fragilidades da institucionalização**: o acolhimento por vezes inadequado, a hostilidade entre crianças e monitores, as práticas educativas coercivas, rotatividade de funcionários, alto índice de criança por cuidador, falta de actividades planeadas, fragilidades nas redes de apoio social e afectiva, e a não disponibilidade dos adultos no envolvimento emocional. Como factores protectores, a instituição garantia a compreensão e respeito relativamente às histórias individuais das crianças acolhidas, alguma vinculação afectiva e dava às jovens o sentimento de protecção.

Segundo as autoras, as visitas aos pais eram um factor poderoso de efectivação da reunificação familiar. Quem recebia mais visitas teria mais hipóteses de uma reintegração com sucesso. No caso estudado evidenciou-se a importância da **relação afectiva entre irmãos**, sendo este um vínculo mais positivo do que a relação com a mãe. Fica a sugestão de se tentar mediar os factores de risco da família versus os factores de risco na instituição.

Antoni & Koller (2000), estudaram a **visão da família entre adolescentes** que sofreram de violência intrafamiliar. O estudo realizou-se com 12 adolescents em dois grupos focais, sendo que o primeiro grupo mostrou uma visão da família baseada numa

configuração por laços afectivos, com definição de papéis e responsabilidades parentais sobrepostos, e inter-relações marcadas pela violência. O segundo grupo focal, teve uma visão de família com base no modelo tradicional, onde a configuração estava centrada no grau de parentesco com papéis delimitados e relações marcadas pela reciprocidade, ficando visível ainda o sentimento de culpa.

Em ambos os grupos ficou demarcada a **idealização da família**, bem como a expectativa sobre formar uma família no futuro com configurações e papéis diferentes das actuais! Portanto, existe uma protecção frente a situações de risco às quais estão expostas, em função de uma expectativa de mudança!

Outros aspectos salientados nos grupos foram a **importância do irmão** mais velho, com a atribuição do papel de cuidado e protecção, a diferença de género, sendo que há uma identificação com uma mãe que numa família nuclear, sendo que a esta está destinada o desempenho das tarefas domésticas. Esta rigidez nas atribuições e no comportamento relativo à diferença de género, acaba por fornecer às jovens um **sentimento de pertença a um microssistema** com um vínculo afectivo subjacente, transmitindo-lhe um sentido de estabilidade.

As expectativas das jovens para o futuro baseiam-se na capacidade de realizar planos com base na **esperança numa vida melhor**, sendo que as meninas possuem a vontade de não repetir a forma de relação com base nos maus tratos.

A importância dos filhos é importante para o sentido de família, sendo que nas expectativas para o futuro estas jovens dizem que querem casar e ter filhos, relacionado com os meios para os sustentar, parecendo ter alguma consciencialização da responsabilidade que envolve a maternidade.

Sobre a representação da família em crianças e jovens institucionalizados, Cruz (2005) desenvolveu um estudo com crianças em duas instituições de acolhimento, utilizando o método qualitativo, com uma amostra de 23 crianças e jovens. Desta amostra, catorze elementos associaram figuras familiares à palavra família: onze referiram a mãe, nove identificaram o pai, e oito os irmãos. Três crianças mais novas não conseguiram pensar em nenhuma palavra que se pudesse associar a família. Outras três criança associaram família ao acto de “estar junto”. Ao contrário das crianças mais pequenas que ligam a imagem de família ideal a “estarem todos juntos”, as mais velhas tendem a definir e a pensar na família em termos afectivos, consoante as relações emocionais.

A amostra permitiu identificar sentimentos positivos em relação à família biológica, com uma tendência transversal à sua idealização. Numa amostra de 23

elementos, 22 dizem sentir-se alegres e seguros quando estão ou estiveram com a sua família biológica, havendo doze que afirmam sentir orgulho dos seus familiares! Apenas oito referem sentir-se aborrecidas por não terem nada para fazer em casa, e envergonhadas na presença de amigos da família. Ressalve-se aqui alguma contradição, na medida em que também há oito crianças que referem sentir-se assustados, tristes ou com raiva.

Apesar de alguns sentimentos negativos em relação à família biológica serem visíveis na avaliação das crianças, estas referem-se sempre à família biológica como “a família verdadeira”, em oposição às famílias adoptivas, sendo o biológico que ocupa o lugar central das suas vidas.

Relativamente ao projecto de vida, foi-lhes colocada a questão “se pudesses decidir, o que decidias tu para o teu futuro?”, onde se obteve maioritariamente a primeira resposta de “**voltar para casa**”, seguindo-se quatro crianças que preferiam continuar no lar, e duas que expressaram directamente o desejo de serem adoptadas! A autora refere que quando o processo de idealização entra em ruptura os jovens têm de se confrontar com uma enorme solidão.

Quanto à constituição da sua própria família, 14 crianças afirma que se quer casar e ter filhos, e cinco adolescentes querem ter filhos mas sem casamento.

Concluiu-se, neste estudo, que a família apresenta o lugar central da vida destas jovens, a maioria afirma que a família “é muito importante”, e apenas um terço revelou inseguranças e preocupações quanto ao futuro, acabando por recusar a ideia de casamento e/ou ter filhos, porque a família poderia “não funcionar” à semelhança do que acontece no seio das suas famílias de origem. A função atribuída à família é essencialmente a função recreativa: que representa o estar junto, o estar feliz, e o divertirem-se, o que vai de encontro ao título atribuído ao estudo, que ilustra de forma pertinente que as representações das crianças relativamente à família, se fundem no sentimento de estarem “**todos juntos para sempre**”, o que engloba de forma genuína a falta dos outros, inerente à solidão construída na instituição, com a eternidade digna dos contos de fadas, num futuro assente na fantasia da família ideal.

Em termos de **reunificação familiar**, pareceu-nos pertinente o estudo realizado por Silva e Nunes (2003), sobre a avaliação e diagnóstico da reunificação familiar de adolescentes institucionalizados, com uma amostra de 40 famílias de jovens entre os 9-18 ano.

A caracterização das famílias no momento da reunificação foi a seguinte: pais desempregados, tal como os filhos que regressam a casa, sem emprego e fora do sistema

de ensino (58%). São famílias numerosas, com relações conflituosas entre os seus membros, com raras expressões de afecto entre a família e o jovem. As brigas são frequentes, a comunicação difícil, e os pais demonstram dificuldade em colocar limites e regras aos filhos. O jovem é sentido pela família como se fosse “**um estranho no ninho**”, sentem que é diferente dos outros, e segundo a autora “embora os vínculos afectivos sejam preservados, ou possam ser facilmente resgatados, não são suficientes para garantir um ambiente familiar acolhedor e eliminar o conflito.”

A maioria das famílias é monoparental, com situação económica precária, marginalização social, alcoolismo ou toxicod dependência, sendo a rede social de apoio reduzida à família alargada, e acima de tudo, são famílias com falta de condições para receber de volta os seus filhos!

Um estudo sobre o **significado da família para as crianças institucionalizadas** – “Brincando de casinha”, realizado por Martins e Szymanski (2004), onde participaram 10 crianças institucionalizadas há pelo menos um mês, entre os 5-8 anos, revela que estas constroem uma família á semelhança da família nuclear tradicional. O método que utilizaram foi a técnica de observação em situação de brincadeira, filmado, gravado em seis sessões de uma hora, em vários ambientes da instituição, além de duas sessões de 15 minutos numa sala de brinquedos da instituição. Estes dados foram analisados através do método da Grounded Theory.

A discussão de resultados aponta para a formação de uma família nuclear, com um pai e uma mãe, com diferenças de géneros, filhos e irmãos. Existe uma hierarquia na família, organização de rotinas e desenvolvimento e representações de papéis. A interacção entre os membros da família brincada baseava-se na interacção social das crianças, com focalização em comportamentos de agressão, cooperação e cuidados mútuos. A agressão surge essencialmente na definição de papéis ou na hierarquia de poder entre os membros da brincadeira ou então, como um mero recurso para solução de problemas entre as crianças, como a disputa de objectos.

O adulto e o faz-de-conta infantil, ressalva a interacção da professora com o grupo de brincadeira, ou a algumas interferências no enredo do faz-de-conta.

No geral, **apresentam uma família harmoniosa**, capaz de resolver conflitos, indo de encontro ao modelo de família tradicional, o que se pode interpretar como o encontro fantasiado com a família idealizada, o que segundo as autoras quer também dizer que “a família brincada das crianças está na televisão, veiculado pelas novelas, desenhos animados, propaganda...”.

As autoras tecem ainda uma **crítica fundamentada á institucionalização**, onde se destaca o facto de se colocarem as crianças num mesmo edifício como se fossem todas iguais, existirem pessoas mal preparadas para lidar com as diferenças, as crianças permanecerem sem acompanhamento psicológico, a ausência de um adulto que as veja de forma singular, e existirem poucos adultos para tantas crianças. Apesar de estarem separadas das suas famílias, de não receberem o carinho e a educação adequados, e sofrerem de certa forma a discriminação por parte da sociedade que tantas vezes as vê como “casos perdidos”, na família brincada estas crianças mostram qualidades e habilidades sociais para, futuramente, se inserirem num contexto social mais amplo, e para construírem, fora da instituição, uma família própria.

As crianças Institucionalizadas e os cuidadores em lares de Infância e Juventude:

Emond (2003), fez um estudo etnográfico, onde ficou seis meses inserido em duas instituições, com jovens dos 12-18 anos. Os jovens mostraram não ter papéis ou estatutos bem definidos, e as suas competências não são compreendidas nem valorizadas o grupo. Evidenciaram, contudo, outras categorias, como o suporte e aconselhamento, partilha de objectos, encorajamento, sentimento colectivo de isolamento, o que, aliado ao **sentimento de exclusão** do mundo exterior lhes confere uma maior coesão de grupo, o aumenta o sentimento de pertença!

Blower, Addo et al (2004), fizeram um estudo qualitativo e quantitativo com um grupo de 48 crianças e jovens que tivessem estado em instituições de acolhimento. Concluiu que 56% sofria de morbilidade psicológica significativa, 44% tinha algum problema de saúde mental (a maioria dizia respeito ou a abuso de substâncias ou a problemas de comportamento). No entanto, a **auto-estima** estava preservada, e os jovens demonstravam ter estratégias para lidar com o stress, fazer um bom uso dos serviços sociais de apoio, e mostravam-se satisfeitos com o nível de apoio recebido, sabendo pedir ajuda quando era necessário.

Ficou ainda realçada a importância da relação entre pares, e o mecanismo de defesa transversal a esta população foi novamente, à semelhança de vários outros estudos, a **idealização**, tanto da família, como das relações de amizade. Em relação à família confirmou-se uma continuidade na ligação emocional com o agregado, diferenciando-a em relação aos outros cuidadores. Por sua vez, estes cuidadores mostraram ter capacidade para identificar de forma precoce e correcta os problemas de saúde mental dos jovens, facilitando a sua estabilização.

Neste estudo, os jovens foram capazes de valorizar a família, os cuidadores, os técnicos, sugerindo-nos que vale a pena investir nas relações formais e informais com o intuito de quebrar distanciamentos e aproximar os jovens dos seus cuidadores.

Cecatto (2008), fez uma investigação sobre as variáveis bio-socio-demográficas e variáveis clínicas num grupo de 21 crianças dos 6-12 anos que residiam numa casa de acolhimento. Os resultados foram a evidência da manifestação de **comportamentos agressivos**, sendo a privação emocional um factor fundamental no desenvolvimento deste problema. Ressalva-se a necessidade de trabalhar a família para a reunificação e trabalhar a instituição para que possa ser, efectivamente, um lugar de protecção e de holding para estas crianças, para promover o seu desenvolvimento plenamente.

Zortéa, Kreutz & Johann (2008), estudaram a **imagem corporal e a ideia que têm sobre si**, num grupo de 24 crianças institucionalizadas e não institucionalizadas, entre os 5-7 anos. Os indicadores emocionais foram semelhantes nos dois grupos. A única particularidade significativa foi que no grupo das crianças institucionalizadas, existe uma **insegurança** bastante maior quanto às suas qualidades.

Ribeiro (2008), fez um estudo com adolescentes institucionalizadas, dos 12-18 anos, onde fez o mapa afectivo, uma entrevista individual e o diário de campo, e concluiu que os jovens não queriam ficar indefinidamente na instituição, queriam **voltar para casa**, pois a instituição não era sentida como casa. Os laços com a família eram permanentes. O que ligava os adolescentes à casa de acolhimento eram as oportunidades que esta lhes oferecia, assim como a protecção. **Não se sentiam vinculados à instituição**, mas atribuíam-lhe um papel de mediador entre os jovens e a família, com o mundo de trabalho, com as oportunidades e sonhos de futuro. O lar funcionava então como uma ponte para fortalecer, ou voltar a ligar, os laços com a família!

Abaid (2008), fez uma citação, na nossa opinião, extremamente pertinente, de Isa Guará (2006): “ a questão do carácter provisório da medida de abrigo não impede que o tempo presente na instituição seja vivido como possibilidade de desenvolvimento da criança e do adolescente e que o bem-estar seja tão importante quanto **o bem-sair!**”.

Posto isto, a autora estudou de forma quantitativa, a manifestação de sintomas depressivos e situações de vida stressantes em crianças e adolescentes através de três estudos, concluindo que as médias mais altas de **sintomas depressivos** ocorrem no grupo de crianças institucionalizadas, comparado com outras não institucionalizadas.

Marques e Ferraz (2007), estudaram 200 adolescentes dos 12-22 anos, institucionalizados em lares do distrito de Coimbra e Aveiro. Foi aplicado uma bateria de testes colectivamente, e agrupados **os factores de stress**. Os resultados apontam

como acontecimentos mais frequentes geradores de stress, o discutir com os amigos, castigos e punições, morte de um familiar, ser institucionalizado, ser impedido de ir a festas e passeios.

Os acontecimentos vividos com maior intensidade foram o ser violado, morte de um irmão, morte de um dos progenitores, ser tocado sexualmente contra a vontade, fazer um aborto, e situação de stress reactivo traumático.

Os adolescentes utilizam mais as estratégias e coping focadas na emoção do que focadas no problema.

Oliveira e Camões (2003), descrevem os comportamentos das crianças institucionalizadas, através duma investigação quantitativa, com observação directa e participante, e participação nas actividades diárias das crianças, para além de, numa segunda fase, se avaliar o desenho e composição livre. No desenho houve duas variáveis comuns a todos os participantes: a casa e a figura humana! Os resultados são que numa amostra de 8 crianças dos 5-15 anos, se pode categorizar a **falta de afecto**, o abuso sexual, o abandono familiar, a negligência institucional, e a toxicodependência.

Segundo as autores “ as crianças são privadas do seu espaço subjectivo, dos seus conteúdos individuais, da realidade dos vínculos afectivos”; e a sensação “é de vazio, dor, indiferença e perplexidade. São filhos da solidão”.

Brannen, Mooney & Statham (2009), fizeram entrevistas biográficas a funcionários na área das crianças vulneráveis, identificando os contextos de vida e analisando os recursos na narrativa sobre como se explica esse **envolvimento e compromisso nestes trabalhos** dedicados à protecção de crianças e jovens em risco.

As autoras citam Tronto (1993), realçando dois pontos essenciais: a ética no cuidar, onde se engloba a atenção, a responsabilidade, a competência e a capacidade de dar resposta. O outro ponto específico é a capacidade de tomar conta, que abarca a capacidade de se identificar e de se diferenciar do outro.

Ressalva-se em muitas biografias, infâncias marcadas por experiências adversas e de perda, que de certa forma garantiu a estas pessoas **saber como é sentir-se “diferente”, ou “excluído”**. A experiência de se terem sentido pouco amadas na infância é considerado um meio para perceber as crianças mal amadas e em alguns casos ajuda a criar resistência contra essas experiências.

Heron & Chakrabarti (2003), realçam o **risco de burn-out das equipas** que trabalham com as crianças e jovens institucionalizados. Os factores apontados são a manifestação baixa de ânimo, depressão, e exaustão. Concluíram que existia uma **falta de envolvimento dos funcionários com as crianças**, o que impossibilita a sua

capacidade de criar uma ambiente seguro e cuidador. Ficaram evidentes situações de stress excessivo, de violência, suporte inadequado, e a incapacidade de conhecer as necessidades das crianças.

Trajectos de vida:

Antes, durante e após a saída da instituição:

Segundo o relatório apresentado pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, através de uma análise documental dos processos individuais e via inquéritos/informações sociais actualizadas das crianças e jovens saídos de lares entre 1986 e 2001. Foram estudados 150 menores, com enfoque em três áreas específicas: o contexto de vida anterior à institucionalização, percursos dentro da Instituição, e inserção sócio-profissional e familiar actual.

Existe um predomínio de classes sociais mais baixas, sendo o **perfil da família** semelhante a outros estudos: 26% das famílias era natural de Lisboa, 12% foram mães adolescentes, 4% e 6% dos pais e mães, respectivamente, faleceram no primeiro ano de vida dos filhos, em 43% dos casos havida separação dos pais, sendo que 20% dos pais nunca viveram juntos. São pais com baixo índice de escolaridade, vivendo principalmente de trabalhos precários (19%), ou fixo (16%), mães prostitutas (37%), com habitações com poucas condições, problemas de alcoolismo (50% dos pais), problemas de saúde mental (60% das mães), problemas com a Justiça e situações de violência.

Ressalva-se o forte peso da herança familiar na construção da identidade pessoal das jovens. Estas famílias são marcadas por um percurso de exclusão, com graves carências económicas, emocionais, psicológicas, o que culmina numa desestruturação global da família.

A exclusão, sendo um processo cumulativo e auto-reprodutor, põe em risco o futuro destas crianças, pois trazem consigo sentimentos de insegurança e de inferioridade social, tendo um modelo de relacionamento conflituoso, com história de maus tratos e negligência.

Quanto às crianças, o nível de escolaridade é baixo, com fraco rendimento escolar e um atraso cumulativo. Grande parte vive actualmente com familiares ou constituiu a própria família (67%). Outros 15% estão sozinhos, 10% está noutras instituições. Quanto aos jovens que constituíram família, os que tiveram filhos, ainda os têm consigo, e aparentam alguma estabilidade a nível conjugal.

Relativamente à habitação, 80% vivem em casa própria ou alugada, 2% encontra-se a viver na rua, e 1% está detido. Quanto ao trabalho, 37% tem emprego, 27% está desempregado, 20% tem empregos precários, o que se assemelha ao panorama nacional, 20% está a cargo de familiares, 13% vive de subsídios, e 11% vivem de expedientes, prostituição, ou actividades ilícitas.

Segundo este estudo, embora não disponham de todos os instrumentos para uma integração plena, estes jovens conseguem-se inserir-se de forma normal na sociedade.

As maiores fragilidade encontradas foram a escolaridade, em que 52% indica uma integração deficiente, relativamente ao meio de vida, 13% apresenta problemas, e no campo da saúde 21% também indica debilidades. Os pontos fortes salientados no estudo foram a boa relação com a Justiça (86% tem um índice bom), na habitação 77% também não apresenta problemas e nos hábitos de consumo 75% não apresentam qualquer tipo de dificuldade.

A opinião dos jovens sobre a instituição, sobre os funcionários e colegas são similares e positivas: mais de 70% avaliaram esse relacionamento como bom ou muito bom, destacando-se o pessoal auxiliar e o pessoal de cozinha, com quem partilham as rotinas diárias.

Levam memórias positivas do lar (férias, tempos livres e festas), e as recordações menos boas centram-se nos castigos físicos e disciplina. Referem a saída como o momento mais crítico: dificuldades, adaptações difíceis, solidão, problemas académicos e isolamento.

No relatório do Instituto de Segurança Social (2007), as problemáticas da família das crianças acolhidas são, relativamente a **12.245 crianças em instituição**, a carência sócio-económica (4.323, isto é, 30%), alcoolismo (1876), e ruptura familiar, divórcio ou separações conjugais (1539).

Na medida em que sublinham que **quase metade dos menores acolhidos em 2006 era adolescente (5.971)**, entre os 12-17 anos, tentámos perceber como era o relacionamento com a família e como se pensavam estes projectos de vida.

Segundo este relatório, existiam 589 crianças cujos pais estavam impedidos de as visitar na instituição, e 1.113 crianças cujos pais estavam impedidos de as receber em casa. Salienta-se também que 6.982 crianças e jovens tem outros familiares no sistema de acolhimento, na maioria irmãos (6.684), ou outros familiares (2.069), que estão acolhidos em instituições diferentes!

Apenas 423 crianças se encontravam disponíveis para a adopção, sendo que 69% destas crianças tinha menos de 9 anos.

Para contextualizar melhor o panorama da institucionalização em Portugal, temos de pensar que 8% das crianças entre os 6-9 anos estão acolhidos há mais de seis anos, sendo que à medida que aumenta a idade, aumenta exponencialmente o tempo de permanência!

Realça-se ainda que uma percentagem elevada de crianças acolhidas há mais de seis anos, não recebe (50%) nem faz visitas (41%), confirmando-se a ausência prolongada da criança no seu agregado familiar.

Outra questão pertinente é a instabilidade na quantidade de estabelecimentos em que as crianças vão passando: **3.921 crianças já passaram, pelo menos, por dois acolhimentos**. São baixas as taxas de retorno às famílias.

Este relatório dedica o último capítulo aos jovens que cessaram o acolhimento em 2005/2006. Em 24% dos casos, as **saídas resultam de uma imposição etária**, ressalvando que 19% das saídas são de jovens entre os 15-17 anos, caracterizados pelo culminar de um longo período de acolhimento. Por outro lado, 17% das saídas, são de crianças com menos de 3 anos, sendo que a maior parte foi adoptada.

Em 75% dos casos, as crianças e jovens tinham o seu agregado familiar, a residir no mesmo distrito, conservando as mesmas características no que diz respeito aos motivos de perigo que justificaram a retirada dos filhos.

Sobre a saída há ainda a reter que 43% dos jovens tinham entre 17-21 anos, e que a esmagadora maioria não tinha a escolaridade mínima obrigatória concluída. Acrescentamos ainda que 20% destes jovens já estavam acolhidos há mais de seis anos.

Os **projectos de vida** apresentados neste relatório são, em primeiro lugar, a continuação em acolhimento, em Lares de infância de juventude (47%); seguindo-se o regresso à família nuclear ou alargada (13%); o acolhimento familiar (13%), e a adopção (9%). Ressalvam ainda que 915 crianças estão ainda sem projecto de vida. Ficou por explicar neste relatório, de forma singular, onde está a hipótese de autonomização, que nem aparece nas estatísticas, e seria a hipótese mais viável para jovens com permanências tão duradoura em acolhimento, cujas famílias não mudaram e com quem já têm um contacto limitado, logo, deviam ter a oportunidade real de se tornarem autónomos e depois de sentirem o seu espaço no mundo seguro, serem os próprios autores da sua história.

O Instituto de Segurança Social fez também, em 2005, um estudo sobre os **percursos de vida d jovens após as saídas dos lares de infância e juventude**, através de entrevistas não directivas e biografias de 25 jovens estudando o seu período de transição. Relativamente ao **percurso antes da institucionalização** focalizara-se três

situações tipo: a ausência de uma parentalidade capacitada, situações de carência socioeconómica da família e comportamentos desviantes por parte dos jovens. As razões da institucionalização são as são apresentadas em todos os estudos sem diferenças significativas: dificuldades emocionais, toxicod dependência, divórcio, violência doméstica, famílias numerosas, problemas económicos, morte de um dos progenitores... A denúncia aos serviços sociais foi realizada sobretudo pelos professores, outros familiares, vizinhos ou técnicos. A retirada é feita de forma violenta, ou a própria família entregou a criança à instituição.

Durante o período de acolhimento, ressalva-se que as memórias do sentimento de chegada são o medo, desamparo, tristeza, aprisionamento, confusão e revolta. Para colmatar tantos sentimentos negativos, a presença dos irmãos mostra ser muito enriquecedora. A vida quotidiana no lar prende-se com as regras, actividades, escola, formação de emprego, vida pessoal e projecto de vida. Os sentimentos em relação à instituição são de revolta, raiva, vontade de fugir, desprotecção, solidão, carência, abandono, compreensão, apoio, protecção e segurança.

Com a família existe uma ambivalência entre a responsabilização dos pais e a protecção dos mesmos. Com os outros jovens da instituição são sentidos como “irmãos”, evidenciando relações de cumplicidade.

Depois da institucionalização, o momento da saída pode acontecer de três formas distintas: com preparação prévia, sem preparação mas com algum acompanhamento, ou sem preparação e sem qualquer acompanhamento, que é a situação comum entre os jovens entrevistados! Assim sendo, os sentimentos após a saída são de satisfação e liberdade, abandono e desamparo, solidão, ingenuidade e medo.

A instituição “desaparece das suas vidas”, retomam-se as relações com a família, que vão compondo e recompondo o seu agregado. Acontece o abandono escolar, e as expectativas para o futuro são viverem o dia-a-dia da melhor forma possível, ter um emprego melhor... os autores reforçam que “o futuro é o dia-a-dia”!

Seria preciso, para alterar este panorama, promover uma estratégia nacional e uma nova realidade das instituições de internamento de crianças e jovens, existir um trabalho efectivo no processo de autonomização do jovem, trabalharem-se emoções e afectos, a relação com o exterior, a família, e fazer um trabalho diferenciado com as próprias crianças e jovens em acolhimento.

Martinez (2006), investigou a adolescência vivenciada na altura da **saída dos lares de acolhimento**. O objectivo era dar visibilidade aos sentidos construídos elo

adolescente no momento da saída, entendendo que esse momento lhe traz uma série de mudanças com as quais terá de negociar.

O método foi qualitativo, com entrevistas abertas a dois adolescentes antes e após a saída. Foi também analisado uma produção de material narrativo de um dos adolescentes, e visitas ao lar, com notas de campo e entrevista com a assistente social.

Como metodologia de análise foram delimitados, no contacto com o material, cinco temas de maior recorrência: o lar, a saída do lar, a família biológica, adoção, e perspectivas de futuro.

O adolescente descreve-se e é descrito pelas pessoas do lar de formas completamente distintas.

Verificou-se a ausência de políticas voltadas para o momento de saída da instituição, o que transforma esta transição numa vivência bastante solitária para o adolescente.

Estes jovens demonstram sentir o **lar como casa**, até atingirem a maioridade. Segundo a autora esta falta de preparação para a saída é uma violência institucional, sendo “a categoria da criança esquecida”. Existe uma marcada falta de rede de apoio para estes jovens. Segundo a autora “como espaço de acolhimento para crianças, os jovens acabam ocupando no abrigo um (não) lugar.”.

Como resultados, temos a sensação de **estranheza com a própria vida**, um sentimento de paralisia, confusão, e solidão. As zonas de sentido construídas pelos jovens foram o lar como fonte de protecção (face a uma vida repleta de violências e pobreza, mas no entanto existe uma ambivalência, na medida em que também o lar é alvo de críticas), saída do lar como fonte de sofrimento, vínculo com a família biológica, perigo na aproximações dos irmãos, e a adoção e implicações para a família biológica. Evidenciou-se a dependência emocional do lar, e a crítica de lá terem “regras a mais”, bem como a crítica da rotatividade de funcionários.

Os educadores descrevem o trabalho como bom, mas muito “sacrificante”, “exige muito”, por causa dos “jovens mal educados” e “carentes”. Ficou visível ainda a falta de formação técnica dos educadores, o número reduzido de funcionários, intensificando o trabalho e o número reduzido de educadores por crianças, além dos baixos salários. A falta de motivação é geral e o trabalhado é identificado como árduo e penoso!

Com a família existe o que a autora chamou de “**vínculo silencioso**”, “marcado por sentimentos de abandono, mágoa, mas, principalmente, pela necessidade de ser independente de qualquer apoio familiar”.

Fora da instituição sentem a aquisição de maior **liberdade**, a perda de algumas regalias e saudades do lar.

Ficam algumas questões que encontraram nestes discursos:

- Porque é que fiquei aqui tanto tempo e porque tenho de sair agora?
- Porque é que a minha família me deixou aqui?
- Porque não fui adoptado? (sentindo a adopção como reconstituição da família perdida).

Fica evidente a dificuldade da instituição em preparar a saída do jovem, **falta de práticas para pensar/preparar o desligamento**. Assim sendo, repete-se o abandono!

A institucionalização também peca pela falta de privacidade, sem a qual o adolescente fica sem capacidade para exercitar a autonomia e a diferenciação em relação aos adultos responsáveis por eles.

Com estes anos de acolhimento de longa duração, **os jovens ocupam então um não-lugar**, sentindo pressão para saírem, como se estivessem no lugar errado. O trabalho com a família biológica é praticamente inexistente, e muitas vezes a família é vista como a culpada pelo facto da criança ter de estar ali.

Permanece a ambiguidade entre o provisório e a permanência!

Farmer, Southerland et al. (2008), estudaram a **saída de lares de jovens**, onde se verificou que em 60% dos casos, se fizeram reunificações familiares, e desses casos, um quinto voltou a ser institucionalizado, alertando para a necessidade de uma avaliação mais profunda, que permita garantir, no mínimo, a segurança dos jovens fora da instituição, dado que múltiplas institucionalizações têm consequências muito negativas no desenvolvimento das crianças.

Gravidez na adolescência:

Verifica-se ainda que **Portugal é o segundo país da União Europeia com a taxa mais elevada de gravidez na adolescência** (Canavarro&Pereira, 2006). As autoras afirmam que *o desejo de gravidez durante a adolescência tem subjacente a expectativa de mudança!* Acrescentam ainda que muitas vezes se verifica ainda que a gravidez funcione com o ganho secundário de receber atenção e carinho dos outros.

Os **factores precipitantes da gravidez** na adolescência passam por um pensamento caracteristicamente egocentrista, onde a emoção monopoliza o racional, com passagens ao acto (impulsividade); pensamento mágico (ex. “isto não me vai acontecer a mim”) aliado à dificuldade de antecipar as consequências dos seus actos

e de ter uma previsão realista sobre o que será ser mãe. Existe também um funcionamento emocional típico, com um reduzido sentido de responsabilidade, onde se evidencia a necessidade de agradar ao parceiro, o que muitas vezes também se prende com a necessidade de explorar o próprio corpo e o corpo do outro (Correia, 2005) . Regista-se ainda uma ambivalência face ao desejo de engravidar, que no mundo interno de cada adolescente pode assumir significados muito singulares e individuais.

Gontijo e Medeiros (2004) fizeram um estudo bibliográfico sobre a **gravidez e maternidade m adolescentes em situação de risco social e pessoal**. O contexto destas gravidezes surge de situações económicas e sociais deficitárias, situações de rua, exposição à violência, ao uso de drogas, privação afectiva, cultural e social. Com a gravidez vem o abandono escolar e a dificuldade em encontrar emprego. São adolescentes provenientes de núcleos familiares matriarcais, pouco provedores de afecto e de cuidados, e a maternidade não é sentida como algo precoce mas como uma etapa natural de seu processo de desenvolvimento. A maternidade surge também como forma de ascensão social, “**um passaporte para a vida adulta**”, ligado ainda ao facto destas adolescentes privadas emocionalmente descreverem a gravidez como fase em que se sentiram especiais.

Williams & Vines (2001), estudam a transição para a maternidade em mães que vivenciaram uma infância marcada por abusos e negligência. O método foi qualitativo, de cunho fenomenológico, com entrevistas e observação participante. A amostra foram 7 mães dos 13-20 anos. Os resultados mostram que as jovens têm passados empobrecidos (múltiplos problemas familiares), desintegração das relações (relações frágeis), distanciamento emocional (para afastar a dor, negação, isolamento), resolução de problemas (remediar relações, renovar a esperança), e descobrir novos sentidos das relações antigas, desenvolvendo relações mais positivas. **A maternidade é assim um mecanismo para crescer**, uma oportunidade para **receber apoio da família**, construindo relações mais positivas, sendo uma segunda oportunidade para uma vida bem sucedida. As mães do estudo eram solteiras, desempregadas, de classe social baixa, e tinham as suas mães como suporte emocional para tomarem conta dos filhos, sendo esta a oportunidade de efectivar a sua relação com a mãe.

Santos & Carvalho (2006), levantaram os motivos psicológicos que levam as adolescentes a engravidar numa etapa tão precoce da vida. A amostra era constituída por apenas 3 adolescentes com 13, 15 e 16 anos, a quem foi realizada uma entrevista individual com posterior análise a partir de um referencial psicanalítico. Os resultados

evidenciam o empobrecimento da capacidade de discriminação e avaliação e despreparo para enfrentar as situações de vida, tal como a falta de preocupação com o filho que vai nascer. Todas engravidaram do primeiro rapaz com quem tiveram relações sexuais. São jovens com uma grande **imaturidade**, a sexualidade é vivida de forma infantil e não planeada, mas existe o desejo de ter um filho. Os filhos vêm para **consolidar a relação com o parceiro**, e a maternidade surge como forma de **vislumbrar um projecto de vida**, na ausência total de outros projectos, e prejudica a escolaridade e profissão. São notáveis a falta de actividades, o isolamento social e a proveniência de bairros degradados. Existe um défice na capacidade de auto-continência para lidar com os impulsos sexuais, retornando a uma transgeracionalidade dos problemas, na medida em que as suas mães modelaram-nas com vários relacionamentos marcados pela violência e separação, havendo poucos diálogos com o pai, inscritas no contexto de famílias numerosas e disfuncionais.

Rodrigues, Figueiredo et al. (2004), afirmam que a adolescente grávida passa por uma **dupla crise de desenvolvimento: a crise da adolescência e a crise da gravidez!** Na gravidez a jovem vai fazer uma revisão da relação com os pais durante a infância, tendo em conta que com os seus modelos internos dinâmicos, ela tende por assimilar novas relações consistentes com o modo como o indivíduo representa as suas relações.

As participantes no estudo foram 48 adolescentes grávidas da consulta externa da obstetrícia da Maternidade de Júlio Dinis, no Porto, com idades dos 14-18 anos, a quem foram aplicados uma bateria de questionários e realizadas entrevistas. Nesta amostra 14,6 das mães estudava e 20,8% trabalhava, sendo que a maior parte estava desempregada e sem frequentar o sistema de ensino. Mais de metade das adolescentes viva com a família de origem. Regista-se que tiveram pelo menos uma condição adversa de existência ao longo da sua história de vida (71%), havendo mais expressividade no divórcio dos pais (39,6%) ou nos cuidados parentais por pais substitutos (45,8%). Registavam-se casos de alcoolismo em 10% das mães e 25% dos pais, e de consumo de substâncias ilícitas em 2% das mães e 13% dos pais. Relativamente ao companheiro também se registaram o consumo de substâncias ilícitas e de álcool, que desce com o conhecimento da gravidez: decresceu respectivamente de 19% para 8%, e de 25% para 23%. Na história de vida destes jovens pais ressalva-se a morte de um dos pais (26%), percurso de maus tratos ou negligência (11%), e problemas com a justiça (15%).

Foram gravidez não planeadas em 81% dos casos.

Verificou-se a presença de diferentes **memórias de cuidados na infância** em grávidas com vinculação segura e insegura, sendo a rejeição materna a dimensão dos cuidados parentais que mais pode contribuir para a insegurança na vinculação. A ausência de suporte emocional por parte do pai também é relatado pelas adolescentes que apresentam mais medo de intimidade sexual, menos desejo de envolvimento, menos sinais de intolerância à separação, mas mais constrangimentos atitudinais relativos à proximidade. As grávidas adolescentes que apresentam mais desconfiança e mais constrangimentos são também as que relatam menos experiências de suporte emocional. Logo, conclui-se que os cuidados parentais adequados na infância favorecem o melhor relacionamento com o companheiro e com a mãe durante a gravidez na adolescência.

A análise estatística dos resultados mostra que não há uma correlação significativa directa entre os cuidados parentais na infância e a qualidade de relacionamento com pessoas significativas, mas, no entanto, encontram-se indicações que a memória de cuidados parentais pode interferir na qualidade de relacionamentos interpessoais.

Oliveira (2002) estuda a gravidez em adolescentes de periferias sociais e urbanas, numa amostra de jovens moradoras numa favela, no Brasil, através de dois estudos, um psicossocial, com questionários, técnicas projectivas, e entrevistas, e um segundo estudo de acompanhamento longitudinal de dois anos, com visitas domiciliárias.

A gravidez veio focar os obstáculos na **trajectória escolar e profissional**, nestas jovens que têm a ideia construída de ter um filho para formar uma família. O filho assume o papel de companhia na solidão, e é uma alternativa para transformação de identidade. A gravidez e maternidade conferem à jovem **visibilidade e benefícios** de natureza psicossocial, não engravidam apenas por descuido, na medida em que estão bem informada sobre a concepção e sobre os métodos contraceptivos, parecendo mesmo que procuram a gravidez como **solução mágica para os problemas** enfrentados com as suas famílias de origem, e relativamente aos riscos de exclusão social. Vivem em contextos de risco e tráfico, onde a criminalidade comanda as dinâmicas sociais, e ter filhos pode protegê-las deste contexto, conferindo-lhes um estatuto especial, ficando menos disponíveis para o envolvimento marginal.

Vivem numa cultura de luta pela sobrevivência, com submissão à violência doméstica, e “descrevem a vida como um destino”, do qual a gravidez se tornou o epicentro. Fica realçada a dependência da família de origem para a subsistência, os projectos e expectativas ficam presas a questões de ordem material, com instabilidade

habitacional, que confere dificuldades de inserção na vizinhança, dificuldade em fazer amigos e criar raízes devido ao carácter sempre transitório da sua casa.

Ficam sem suporte para a angústia, com sentimentos de solidão, desamparo, e envolvimento em situações de risco social. O bebé representa a **esperança de constituir uma família e anular os sentimentos de desamparo.**

Saewyc (2003) fez uma investigação etnográfica com 8 jovens dos 17-19 anos sobre a influência da experiência de vida e contexto ambiental em adolescentes grávidas que vivem fora de casa. As participantes organizaram o discurso primeiro em torno das relações, conflitos familiares, violência e abuso sexual, problemas de saúde mental, consumo de substâncias, e história de instabilidade habitacional (institucionalização, viver na rua, em casa de amigos ou elementos da família alargada). Evidencia-se a carência económica, a luta pela sobrevivência, o abandono escolar, e é relatada pelas jovens uma mudança a nível espiritual.

Hudson, Elek & Grossman (2000), examinaram o **nível de depressão, auto-estima, solidão e apoio social** e a relações entre estas variáveis em mães adolescentes, numa amostra de 21 mães entre os 15-19 anos, através de uma bateria de testes aplicada no terceiro mês pós-parto e um questionário demográfico aplicado no último mês da gravidez. Os resultados foram a avaliação muito significativa de depressão pós-parto em mães adolescentes, e essa depressão estar associada ao aumento de sentimentos de solidão, e à diminuição da rede de apoio social, conduzindo ao sentimento de isolamento.

Klein (2001), estudou a relação entre a gravidez na adolescência e as seguintes variáveis: **timidez, auto-estima, percepção da experiência maternal e paternal e apoio social.** Utilizou neste estudo descritivo, entrevistas e uma bateria de testes, aplicados a uma amostra de jovens divididos por três grupos etários, dos 12-14, dos 15-16, e dos 17-21. Os resultados revelam que 86% da amostra era solteira, 84% desempregada, e 88% não completou a escola. A autora refere que a solidão situacional foi mais significativa que a solidão caracteriológica em relação à percepção da expressividade maternal e paternal. O grupo de adolescentes mais novos tem uma menor percepção da expressividade maternal que no grupo dos mais velhos. O grupo do meio é que tem menor percepção expressividade paternal. O grupo de jovens mais velhos tem um nível superior de percepção da expressividade maternal e paternal, o que pode estar relacionado com uma desvinculação contínua das figuras parentais ou o tipo de envolvimento parental neste grupo possa ser resolvido pela capacidade mais desenvolvida de manter as suas relações mais estáveis. No entanto, os que não

desenvolvem a capacidade de estabelecer novas relações ou quem não reconhece os pais nas suas relações em adultos, tende a sentir-se mais sozinho, e a usar a actividade sexual para combater a solidão.

Existe uma intercorrelação das variáveis em estudo com grande significância.

Carpenter, Clyman et al (2001) fizeram um estudo quantitativo sobre a **relação entre o viver em acolhimento e o risco de comportamentos reprodutivos** numa amostra representativa de mulheres. Os resultados são que as jovens em situações de acolhimento estão em alto risco de comportamentos sexuais, dado que na amostra, o grupo que vivia em acolhimento, apresenta mais de metade de referência a relações sexuais não desejadas antes dos 18 anos do que no grupo de mulheres não institucionalizadas. O acolhimento está associado ao facto de se ter a primeira gravidez mais cedo, tal como ter um número de parceiros superior à média.

Joffily & Costa (2003), descreveram, através de um método qualitativo, o processo de construção de significados em mães adolescentes institucionalizadas. Numa amostra de 5 adolescentes dos 12-18 anos, meninas de rua, vítimas de violência, exclusão social, conflitos familiares e abandono escolar. Concluiu-se que os filhos passam a ser a prioridade das vidas das jovens, **significando a perda da liberdade**, mas passando a ser a referência para a vida, alguém realmente delas, como fonte de afecto. Numa perspectiva de futuro, os filhos representam alguém que lhes garanta protecção e subsistência na velhice! Logo, o **ter filhos é assegurar que tomem conta delas**, e não que elas tomem conta de alguém!

Têm uma **relação ambígua com a instituição**, onde não se estabelecem de forma visível, laços afectivos com as internas, sendo uma relação de trabalho, formando um vínculo superficial sem envolvimento afectivo.

As jovens parecem ficar fixadas nas vivências infantis ainda não satisfeitas, criando uma relação de fusão com o filho, não se diferenciando dele, num perigo evidente de regressão e indiferenciação.

FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

O acolhimento institucional de crianças e jovens é uma realidade cada vez mais visível, sendo os Lares de Infância e Juventude uma *resposta social, desenvolvida em equipamento, destinada ao acolhimento de crianças e jovens em situação de perigo, de duração superior a 6 meses, com base na aplicação de medida de promoção e protecção*. (Instituto de Segurança Social, 2007).

Em Portugal encontravam-se, em 2006, **12.245 crianças e jovens acolhidos em instituições**, ressalvando-se que 60% desses acolhimentos se reportavam a casos de institucionalizações de longa duração. As estatísticas confirmam ainda que 5.971 dos menores acolhidos, tinham entre os 12 e os 17 anos, sendo mais predominante o sexo feminino. As raparigas são alvo de institucionalização mais precoce, apresentam tempos de permanência mais prolongados e têm menos perspectivas de saída para o seu meio natural de vida. Em suma, as raparigas ficam mais limitadas à desvinculação do acolhimento imposta pela idade e não propriamente por terem alcançado as competências pessoais e sociais necessárias. (Instituto de Segurança Social, 2007).

A institucionalização de crianças e jovens, está associada essencialmente a situações de negligência, maus tratos e abandono, o que representa situações de perigo para a vida das crianças, sendo impreterível a sua separação do meio familiar nocivo, processada através de uma intervenção do estado. **As problemáticas do agregado familiar** que conduzem a criança à institucionalização, estão inscritas num quadro de carências sócio-económicas, alcoolismo, toxicod dependência, ruptura familiar, morte de um dos progenitores, desemprego, precariedade habitacional, problemas de saúde mental, problemas com a Justiça, violência, negligência, maus tratos, violência doméstica, dificuldades emocionais no exercício do poder parental, famílias numerosas, prostituição, isolamento social, gravidez precoce/ não desejada, residência em comunidades perigosas e violentas (Alberto, 2004; Ansay, 2001; Berger, 2003; Black, Workman & Tata, 2001; Chapman, Wall, & Barth, 2004; Chinitz & Shulman, 2005; Cunha, 2005; Gauthier, Fortin & Jéliu, 2004; Haight, Instituto de Segurança Social, 2005, 2007; Kolland & Sinkkanen, 2001; Kroll, 2004; Litrownick, Newton, Mitchell &

Richardson, 2003; McNichol & Tach, 2001; Pearce & Pezzot-Pearce, 2001; Roditti, 2005; Santa Casa da Misericórdia, 2003; Vig, Chinitz & Shulman, 2005).

Apesar disto, muitos projectos de vida passam pelo regresso a casa da família, após o acolhimento institucional, ou opta-se por processos de autonomização dos jovens. Os estudos científicos levados a cabo sobre a institucionalização de crianças e jovens, têm-se centrado maioritariamente sobre as consequências que essa permanência em acolhimento tem na vida das crianças. É comum a vários estudos, tanto qualitativos como quantitativos, a fragilidade emocional destas crianças e jovens, o isolamento, a solidão, e estigmatização, instabilidade, distanciamento emocional, baixa auto-estima, baixo nível de escolaridade, tendo por mecanismos de defesa por excelência a negação e a idealização, manifestando um comportamento agressivo, insegurança, e depressividade (Abaid, 2008; Antonni e Koller, 2000; Blower, Addo et al., 2004; Cecatto, 2008; Mapp & Steiberg, 2007; Santa Casa da Misericórdia, 2003; Zonléa, Kneutz e Johann, 2008).

Uma descrição semelhante é feita das jovens **que engravidam na adolescência**, a proveniência de contextos socioeconómicos desfavorecidos, negligenciadas, com famílias disfuncionais marcadas pela violência doméstica, criminalidade, tornando-se adolescentes emocionalmente privadas, com carências afectivas profundas, imaturidade, com abandono escolar e desemprego, depressividade, e sentimentos de desamparo e de solidão (Canavarro, M., & Pereira, I. (2006); Gontijo & Medeiros, 2004; Hudson, Elek & Grossman, 2000; Oliveira, 2002; Joffily & Costa, 2003; Rodrigues, Figueiredo et al., 2004; Klein, 2001; Santos & Carvalho, 2006; Soares, I., Marques, M. et al. (2006); Williams & Vines, 2001; Carpenter, Clyman et al., 2001.).

Na medida em que a institucionalização apresenta várias fragilidades, como um alto nível de crianças por cuidador, uma constante rotatividade dos funcionários, falta de envolvimento afectivo com as crianças, falta de espaço para a individualidade e privacidade das crianças e jovens acolhidos, haver uma risco evidente de *burnout* dos trabalhadores dos lares de crianças e jovens, e uma falta de preparação das jovens para a saída, (Antoni & Koller, 2000; Instituto de Segurança Social, 2005; Heron & Chakrabarti, 2003; Martinez, 2006; Siqueira & Dalbosco, 2007), pensamos ser importante fazer um estudo mais aprofundado sobre o ponto de vista das jovens sobre o seu percurso e a sua saída da instituição. Para tal o cruzamento com o tema da gravidez na adolescência pareceu-nos bastante pertinente, na medida em que a gravidez acontece de forma comum nos trajectos de vida das jovens logo após a saída de lares de acolhimento, não existindo ainda uma teoria que reúna e organize, de uma forma

focalizada e qualitativa, a visão das próprias adolescente sobre sua trajetória de vida, gravidez e maternidade.

MÉTODO

Participantes

Os participantes foram duas jovens institucionalizadas (14 e 17 anos), quatro jovens que já tinham saído da instituição (15, 17, 19 e 24 anos), sendo que uma estava grávida, duas já tinham tido as crianças, e uma ainda não estava grávida. As jovens foram contactadas a partir do Lar de Crianças e Jovens da Santa Casa da Misericórdia dos arredores de Lisboa, onde viveram uma institucionalização de longa duração: o tempo de permanência no lar das jovens entrevistadas foi dos 6 aos 14 anos! As duas jovens residentes no lar de jovens estavam inseridas no sistema de ensino ou mercado de trabalho, o que não acontecia nos casos das jovens fora da instituição. Todas as jovens entrevistadas tinham um namorado há mais de seis meses. Três das adolescentes tinham um corte total na relação com a mãe: uma das mães tinha falecido, e as outras duas abandonaram as filhas em idades muito precoces. Outra adolescente tinha contactos muito esporádicos com a mãe, que manifestava igualmente comportamentos abandonicos. A maior parte dos pais das jovens tinham problemas crónicos de alcoolismo ou toxicoddependência, conduta agressiva e não residia com a mãe das jovens.

Os projectos de vida das duas adolescentes ainda residentes no lar de acolhimento eram o regresso a casa da família alargada para uma, e o processo de autonomização para outra. Nos casos das jovens que já tinham saído do lar, três tiveram a reunificação familiar como destino, e uma a autonomização. Nenhuma se mostrou satisfeita com o rumo que a sua vida tomou depois da saída do lar.

No fim, foram também entrevistadas uma ajudante de lar, contemporânea do grupo de jovens entrevistas que já estavam fora do acolhimento, e a directora da equipa técnica deste Lar de crianças e jovens (educadora de infância). Ambas trabalham no lar de jovens há mais de dez anos, e ambas conheceram as jovens entrevistadas.

Este lar de jovens acolhe 45 menores, dos 3 aos 18 anos, divididos por três grupos residenciais de quinze elementos. A equipa técnica é formada por quatro

elementos formados na área das ciências sociais e humanas, e actualmente por duas técnicas do Plano DOM. Existe uma ajudante de lar por turno, por cada grupo residencial. Os turnos são de sete a oito horas, com rotatividade entre os períodos da manhã, tarde e noite.

Procedimento

As adolescentes participantes neste estudo, foram recrutadas de um Lar de acolhimento de longa duração, onde estiveram, ou estavam, institucionalizadas; bem como a ajudante de lar e a directora da instituição. O primeiro contacto foi efectuado através de um membro da equipa técnica do lar. Foi realizada uma entrevista a cada participante, e, num caso particular, foram efectuadas três entrevistas à mesma adolescente, numa perspectiva longitudinal. Uma entrevista foi realizada em conjunto a duas irmãs que já tinham saído da instituição, na sua casa. Algumas entrevistas foram realizadas no lar, outras em casa das jovens que já tinham saído do lar, e uma num espaço público.

Ao iniciar cada entrevista foi explicado o propósito do estudo com cada participante e foi igualmente garantida a confidencialidade. Outra precaução tomada foi a modificação dos nomes dos intervenientes desta investigação para assegurar o seu anonimato.

A entrevista realizada era semi-estruturada com cada participante, na qual foi colocada uma questão aberta inicial: Fala-me um pouco da tua experiência de vida antes, durante e depois da instituição. Haveria depois um esforço para adaptar a questão a cada caso, reformulando-a e originando novas questões. O tempo médio de duração das entrevistas foi de 60 minutos. Durante cada entrevista foram tiradas algumas notas, havendo um esforço de, no final, lançar imediatamente um esboço dos diálogos ocorridos.

Análise dos Dados

O processo de análise das notas de entrevistas foi realizado de acordo com o método Grounded Theory (Glaser & Strauss, 1967; Pires, 2001). Foi realizada uma leitura exaustiva das primeiras entrevistas, de modo a fazer uma codificação aberta de palavras ou frases das entrevistas, anotando-se na margem do texto a categoria a que pertencia o incidente, isto é, encontrado o incidente era-lhe dado um nome que representasse esse fenómeno, criando-se assim categorias. O método de comparação constante dos vários incidentes aplicáveis a uma mesma categoria, permitiu detectar e perceber as suas propriedades, levando assim a categorias mais complexas e inclusivas. Simultaneamente, foram efectuados memorandos auto-reflexivos, isto é, foram escritas ideias e conceptualizações sobre as categorias e suas relações, o que permitiu passar de um nível concreto dos dados para um nível mais geral e desenvolver as propriedades de cada categoria. Estes memorandos auto-reflexivos, iniciavam-se com a definição de cada categoria e continuavam com a integração de algumas categorias umas nas outras, por se verificar existir uma determinada relação entre elas, permitindo documentar e enriquecer o processo analítico, e expandir o corpo de dados. A partir dos memorandos escritos foi surgindo um modelo explicativo que era sistematicamente confrontado com os dados analisados. Posteriormente foi identificada a categoria central que se revelou representativa do modelo elaborado e que se relacionava facilmente com as outras categorias. Esta categoria tem como características principais uma maior centralidade em relação às outras categorias e ocorre mais frequentemente nos dados, tal como se relaciona facilmente com as outras categorias. Passou-se então para a codificação selectiva, que consistiu no abandono de algumas categorias e propriedades que se mostraram irrelevantes, por não se relacionarem de modo significativo com a categoria central.

Resultados

A institucionalização é um projecto de protecção de crianças e jovens considerados em perigo, havendo uma decisão jurídica de as retirar do seu meio familiar, e acolhê-las em casas específicas, com técnicos formados na área das ciências sociais e humanas que formam uma equipa, que, por sua vez, orienta os técnicos de acção directa – as ajudantes de lar – que trabalham na organização da casa e do dia das crianças e jovens.

As famílias destas crianças são disfuncionais, com problemáticas centradas no abandono dos filhos, no alcoolismo ou toxicoddependência, em relações familiares delimitadas pela violência e maus tratos às crianças, sendo a negligência o factor mais evidente que justifica a institucionalização das mesmas. São famílias marcadas pela prostituição, tráfico de droga, prisão de pelo menos um dos progenitores, ou a morte de um familiar próximo. As problemáticas nunca estão isoladas, havendo sempre o cruzamento de vários factores que tornam a vida destas crianças caótica, e que as confina a uma situação de perigo.

A institucionalização é realizada muitas vezes sem as crianças perceberem exactamente os motivos para uma mudança tão dura na sua vida, que, juntamente com o sofrimento inerente ao processo de pensar sobre a situação, torna difícil a construção da sua própria narrativa de vida, sendo que, nas nossas entrevistas, poucas sabem responder porque é que viveram tantos anos numa instituição.

Nos lares de acolhimento, existe a figura da Ajudante de Lar, que no caso da instituição estudada, estava responsável por 15 crianças, num turno de sete ou oito horas. São estas pessoas que cumprem tarefas: tratar da roupa, servir as refeições, acordar e deitar as crianças, cuidar das arrumações, e supervisionar os menores. Toda esta descrição das funções da ajudante de lar é partilhada pelas residentes e ex-residentes entrevistadas, bem como pela ajudante de lar. A nível latente, evidencia-se uma falta de envolvimento afectivo bastante marcado, sendo que as ajudantes de lar chegam a sentir este trabalho como penoso, sentindo-se desprotegidas numa luta desigual de poder com crianças e jovens que caracterizam como agressivas e violentas, conduzindo-as a um estado de desmotivação e desgaste emocional. É um trabalho que interfere de forma directa na vida familiar das ajudantes de lar, o que por sua vez, assume só por si um carácter de fragilidade a nível de dinâmicas familiares das mesmas, tendo elas uma opinião negativa sobre a institucionalização de crianças, evidenciando a necessidade de se encontrarem alternativas melhores para os menores. Na medida em que algumas jovens demonstram, de forma directa ou indirecta, alguma vinculação com figuras de referência do lar, sublinhamos no entanto a disparidade com a visão da

ajudante de lar ou da própria directora da Instituição, que se centram mais na incapacidade de dar resposta à falta de uma figura materna na vida destas crianças, tal como na dificuldade em conferir-lhes a sua individualidade, não conseguindo de forma nenhuma que cada criança tenha “alguém para si”. Torna-se interessante, neste contexto, pensar sobre o carácter de transitoriedade destes anos em que as crianças vivem em instituição, sendo que a ajudante de lar refere que “uns vão, vêm outros”, a directora reforça que a institucionalização não pode ser um projecto de vida para ninguém, e que “é um lugar de passagem”, mas as jovens sentem-no de forma incontestável como a sua casa, porque estão a viver a sua vida, ano após ano, naquele sitio e com aquelas pessoas. Este desfasamento de perspectivas induz nas jovens um sentimento de insegurança crónico, de solidão profunda, de desamparo, que ficam reforçadas com a falta de preparação para a saída do lar, que é partilhado em todas as entrevistas.

As expectativas sobre a saída do lar, passam pela fantasia de liberdade, na medida em que o lar é percebido pelas jovens como uma espécie de prisão, porque têm regras e limites, o que, ligado ao vazio afectivo em que são criadas, e à falta de individualidade que não lhes é assegurada, tem um peso ampliado, e prejudica a relação dos jovens com o lar, com os outros e com a percepção da saída do lar ser o início da liberdade que tanto sonham. De uma forma mais concreta, as jovens desejam regressar à família ou iniciar um processo de autonomização, indo viver sozinhas ou com os companheiros. O desejo transversal é o de terem uma vida melhor, absorvendo acima de tudo um desejo e um medo de mudança.

De facto, as respostas mais frequentes de projecto de vida para crianças e jovens que tiveram institucionalizações de longa duração, e que saem dos lares por volta dos 18 anos, limite legal, em que acaba o tempo de serem consideradas menores, são a reunificação familiar ou a autonomização.

Na reunificação familiar, verifica-se o choque de serem confrontados com a disfuncionalidade da família real, tendo de desconstruir de forma violenta alguma idealização típica de quem vive muitos anos fora da família, emergindo num ambiente caracterizado pelas dificuldades económicas, violência doméstica, violência emocional, e desespero... Evidencia-se de forma muito saliente a falta de sentimento de pertença, entrando numa casa na qual se sentem estranhas, e que não estava preparada para as receber!

Na autonomização também se evidencia o desgaste e o desespero de quem se sente num mundo novo, completamente diferente do que tinha como real, fazendo

emergir uma gama de emoções intensas e devastadoras, onde se destaca o medo de enlouquecer, a desilusão, a revolta, o vazio e um sentimento contínuo de desamparo.

Esta confrontação com a nova realidade é vivenciada de uma forma muito sofrida, desestruturante, onde se manifesta ainda um corte nas relações estabelecidas anteriormente, com as pessoas do lar, da escola, da comunidade em que estavam minimamente inseridas. Verifica-se que é comum o abandono escolar, e uma desorganização total interna e do tempo, em que as jovens ficam entregues ao vazio, sem actividades que as ocupem e que as estruturem, sem laços que as prendam e as segurem durante a transição.

Tudo isto se transforma num sentimento de abandono agudo, abandono familiar que se repete e reafirma, com famílias que continuam com as mesmas problemáticas que justificaram a retirada das menores, incapacidade de sentir as necessidades dos filhos e centradas nos seus próprios problemas; e abandono institucional, que se desvincula quase de forma automática, como se acabando com a responsabilidade sobre a jovem, acabassem os laços, os afectos, as relações que definem a identidade e sobre as quais assenta a auto-estima destas adolescentes.

Esta falta de apoio generalizada, conduz a uma desorganização interna incontornável no desenvolvimento destas jovens que se vêem confrontadas como uma solidão impensável, um medo quase paralisador que bloqueia muitas vezes a capacidade de reflectir, de organizar ideias, e prever as consequências dos seus actos. Como defesa, estas jovens perdem a capacidade de se pensar, e única forma de se sentirem vivas será através da procura de adrenalina, onde correr riscos se traduz na única forma de terem alguma visibilidade e se sentirem livres e em relação com o mundo.

Neste mundo novo onde se sentem totalmente desamparadas, os namorados assumem um papel de âncora, um abrigo que elas têm de manter a todo o custo e sem o qual temem enlouquecer, ou pelo menos, não suportar o impacto da solidão e do peso da responsabilidade de serem parte activa da sua própria história.

Neste contexto de abandono e desamparo, propiciam-se as relações de violência doméstica, marcadas pelo controlo e poder emocional exercido pelos companheiros, a par de violência física, que segundo as entrevistadas “é o normal”, havendo, de facto, uma repetição geracional da problemática, parecendo não ter existindo nos vários anos que viveram no lar, nenhuma mudança neste padrão interno.

Surge então a necessidade interna de criar uma nova família. Uma família que as enquadrasse numa vida diferente, onde pudessem ser outra pessoa, e desafiar o destino a contar histórias diferentes.

A gravidez nestas adolescentes surge precisamente da necessidade de mudança, para criar uma nova família, onde pudessem dar o que não tiveram, e acima de tudo, ter alguém só para si, finalmente, encontrando uma relação de intimidade que lhes desse um sentido para a vida, e as protegesse de uma realidade estranha e assustadora.

Por isso, nas relações de dependência que constroem com os companheiros, observamos a falta de contraceção, onde surgem estas gravidezes não planeadas, e simultaneamente não protegidas, onde a tendência para a banalização é comum, “aconteceu”, e esse acontecimento marca um ponto de viragem, confirma-se a sua fertilidade, o ser mulher transforma-as em serem adultas, porque já não têm ninguém que tome conta delas, logo têm de mudar de estatuto. Existe ainda de forma mais cultural nos bairros degradados onde residem a maioria destas jovens, a pressão para “ser mãe aos dezoito”, precisamente porque mesmo para quem não viveu numa instituição, o abandono escolar e a carência afectiva se traduzem numa incapacidade de serem protegidas ao longo da vida e de se tornarem cidadãs livres e autónomas, passando rapidamente para a necessidade de “segurar” os companheiros através da gravidez.

Um dos resultados da incapacidade de prever as consequências dos seus actos, de planear o futuro, de imaginar o bebé e de perceber as suas necessidades, da falta de capacidade de preparar a chegada do bebé, construindo-lhe um “ninho”, que no fundo, elas também nunca tiveram, implica uma rápida dependência das famílias, da jovem ou do companheiro, passando a existir algumas vezes uma maternidade partilhada, ou uma desresponsabilização das jovens pelo sustento dos filhos, evidenciando o desejo das jovens de que tomem conta delas, ganhando com a gravidez e maternidade uma maior visibilidade social e familiar.

Por outro lado, há jovens que ganham com a maternidade um motivo para lutar por uma vida diferente e tentam autonomizar-se, vivendo em função de garantir que as necessidades básicas da criança sejam asseguradas, e desta forma, proporcionar aos filhos uma vida diferente da delas, projectando o desejo de mudança para uma vida melhor.

Os filhos das jovens passam a ser sentidos como a mudança para a vida adulta, sendo uma fonte permanente e segura de afecto, e em alguns casos, funcionando como uma extensão de si, criando relações fusionais com a criança, sem as quais são incapazes de imaginar a sua vida. Paradoxalmente, referem directa e indirectamente, o arrependimento de terem engravidado tão cedo, verbalizando não ter sido a altura ideal para terem sido mães.

De forma inconsciente as jovens separam as noções de ser mãe e de ter um filho. De facto, a mensagem que nos passam é que foi demasiado cedo para serem mães, mas que era urgente terem aqueles filhos que lhes garantiram uma existência de facto, preenchendo de alguma forma o vazio em que mergulharam, e lhes deram uma razão interna e externa para continuarem a viver e a construir pela primeira vez de forma activa, a sua história.

O peso da sua história mantém-se presente, pelo olhar do exterior, que condena à partida a competência destas jovens que cresceram sem mãe, a serem mães de forma adequada. Esta falta de confiança nas competências das jovens é manifestada pela família, pela instituição, pelos vizinhos, e poderíamos dizer de uma forma mais empírica, que pela sociedade no geral. Pesa também como consequência, uma defesa das adolescentes, que se manifesta através de uma excessiva auto-confiança, uma onnipotência, de quem sabe tudo e não quer precisar de ninguém, porque não consegue mais confiar em ninguém e parte do princípio que não existe ninguém no mundo que as queira apoiar. O corte nas relações estabelecidas anteriormente faz com que o apoio mais comum e mais facilmente aceite pelas jovens, seja o apoio dos irmãos.

Pela desestruturação emocional que a saída do lar confere ao desenvolvimento destas adolescentes, a hipersensibilidade à crítica parece-nos uma reacção saudável, inscrita numa baixa auto-estima, que dá relevo ao medo mais íntimo de perder os seus filhos, como elas já foram perdidas um dia, das suas famílias... e se tentam finalmente encontrar numa família criada por elas e pelo destino. Os filhos representam, quem sabe, uma terceira e derradeira oportunidade, de se inserirem num mundo que nunca foi seu.

DISCUSSÃO

Neste estudo ficou evidente a que a desestruturação emocional proveniente da saída do lar para um mundo novo cá fora, é um factor de risco para a gravidez nestas adolescentes, como também concluíram, num estudo quantitativo mais centrado em comportamentos sexuais de risco, Carpenter, Clyman et al. (2001).

O problema da institucionalização da criança incide na incapacidade dos pais em tomarem conta dela, não assegurando a satisfação das suas necessidades básicas, evidenciando-se a problemática do abandono, alcoolismo, toxicodependência, maus tratos, prostituição, prisão e morte de um familiar próximo (Alberto, 2004; Ansay, 2001; Berger, 2003; Chapman, Wall, & Barth, 2004; Cunha, 2005; Gauthier, Fortin & Jéliu, 2004; Haight, Black, Workman & Tata, 2001; Instituto de Segurança Social, 2005, 2007; Kolland & Sinkkanen, 2001; Kroll, 2004; Litrownick, Newton, Mitchell & Richardson, 2003; McNichol & Tach, 2001; Pearce & Pezzot-Pearce, 2001; Roditti, 2005; Santa Casa da Misericórdia, 2003; Vig, Chinitz & Shulman, 2005).

O nosso estudo mostra que nos casos de institucionalização de longa duração, o lar é sentido como uma prisão (Instituto de Segurança Social, 2005); mas também como casa, ao contrário do estudo de Ribeiro (2008), onde ressalva que o lar de acolhimento não é sentida pelas jovens como casa, sendo apenas um local de protecção; existindo uma disparidade desta percepção entre as adolescentes e os adultos que trabalham no lar.

Os projectos de vida das jovens passam ou pela reunificação familiar ou pela autonomização. A hora da saída é muitas vezes precipitada pela idade da jovem, que evidencia uma desvinculação social tremenda, mostrando-se incapaz de suportar a tensão e de desenvolver estratégias e planos para o futuro (Antoni & Koller, 2000). A saída não é preparada de forma a assegurar o bem-estar das jovens no mundo fora da instituição, pelo que para além de uma inquietante sensação de liberdade, os sentimentos mais predominantes são o de desamparo, medo, solidão, revolta e vazio. O abandono escolar favorece um período de desorganização, com falta de actividades e falta de apoio (Gondijo e Medeiros, 2004; Klein, 2001; Oliveira, 2002; Rodrigues, Figueiredo et al., 2004), onde o sentimento de abandono prevalece e permite o companheiro seja percebido como uma âncora, mesmo com relações caracterizadas pela violência doméstica (Oliveira, 2002).

A gravidez surge pela falta de contracepção, sem um planeamento consciente, mas sem protecção, com uma aceitação passiva da situação, apesar do medo e da confusão de sentimentos inscrita numa ausência de projectos de vida. (Oliveira, 2002; Santos & Carvalho, 2006).

Este estudo demonstra que estas jovens estavam marcadas por uma enorme solidão (Hudson, Elek & Grossman, 2000; Klein, 2001; Oliveira, 2002) e sentiam a necessidade de criar uma nova família (Oliveira, 2002), dar o que não tiveram, tornarem-se adultas (Gondijo & Medeiros, 2004; Vines, 2001;), conseguindo que os filhos fossem uma fonte permanente e segura de afecto, e que funcionassem como uma extensão de si, por vezes num contexto de relações fusionais com os bebés, que lhes vieram conferir um novo sentido para a vida. A gravidez configurou a procura de alguém só para si, que nunca tiveram, e terem maior visibilidade (Oliveira, 2002; Vines, 2001) numa sociedade que os protegeu da violência da família, mas não conseguiu construir um mundo interno novo, nem diferente, na medida em que não lhes forneceu uma reconstrução dos afectos, não lhes deu uma individualidade, nem as conseguiu inserir nem ligar efectivamente a um mundo diferente. Esta estadia “temporária”, que se traduz em tempos de seis a catorze anos em acolhimento, nas jovens estudadas, é pensada como um não-lugar, uma espera demorada pelo futuro mais “real”, que depois as decepciona, mais uma vez... porque voltam a não pertencer a nada nem a ninguém, procurando de forma quase intuitiva, um ninho... Concluimos que existia o desejo de ter um filho (ter alguém), mas não existia o desejo de serem mães, havendo neste sentido, um sentimento de arrependimento nas jovens mães.

Em estudos futuros, seria relevante fazer uma investigação sobre as pessoas que trabalham num lar de crianças e jovens, dos cuidadores aos técnicos, e aos tribunais, que fazem parte de outro lado da vida destas crianças e jovens, e que são o limite entre a vida delas, e o mundo lá de fora. O que sentem, o que pensam, e como gerem as emoções estas pessoas adultas que decidem, que organizam, e que participam de forma activa no dia-a-dia e no futuro das crianças e jovens institucionalizadas?

Seria também mais interessante fazer-se um estudo a nível nacional, ou mesmo internacional, sobre a expressividade da gravidez em adolescentes depois da saída de lares de acolhimento. E trabalhar com a gravidez e maternidade destas jovens numa perspectiva longitudinal, podendo avaliar que percursos de vida se constroem ao longo do tempo e do crescimento e desenvolvimento destes filhos.

Seria igualmente importante voltar a entrevistar as famílias das jovens, nestas reunificações familiares, dar-lhes voz nesta altura em que os filhos regressam a casa

depois de longos anos de separação. Quais as sensações, as expectativas, os comportamentos e as consequências na vida familiar?

Referências Bibliográficas:

Abaid, J. (2008). Vivências adversas e Depressão – um estudo sobre crianças e adolescentes institucionalizadas. Tese de Mestrado em Psicologia na Universidade Federal do Rio grande do Sul.

- Alberto, I. M. (2004). *Maltrato e trauma na infância*. Coimbra: Almedina.
- Alexandre, D. & Vieira, M. (2004). Relação de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situações de abrigo. *Psicologia em Estudo*, Maringá, vol.9, No. 2, pp. 207-217.
- Ansary, S. (2001). *Integrating family visitation and risk evaluation: a practical bonding model for decision makers*. *Psychological and Behavioral Sciences Collection: Family Relations*, vol. 50, p.220.
- Antoni, C., Koller, S. (2000). A visão da família entre adolescentes que sofreram violência familiar. *Estudos psicológicos*, vol.5, No. 2. Natal: Dezembro 2002.
- Azevedo, N. & Castro, T. (2009). Tocando para a frente: uma proposta de atendimento em abrigo para crianças e adolescentes abandonados. -----
- Berger, M., (2003). *A criança e o sofrimento da separação*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Blower, A., Addo, A. ET AL (2004). Mental health of “looked after” children: a needs of assessment. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*. [on line]. Disponível em <http://ccp.sagepub.com/cgi/content/abstract/9/1/117>.
- Brannen, J., Monney, A & Statham, J. (2009). *Childhood experiences: a commitment to caring and care work with vulnerable children*. *Childhood*. [on line]. Disponível em <http://chd.sagepub.com/content/abstract/16/3/377>.
- Canavarro, M., & Pereira, I. (2006). *Gravidez e maternidade na adolescência – perspectivas teóricas*. In Canavarro (Ed), *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*. Coimbra: Quarteto.
- Canha, J. (2003). *A criança maltratada: O papel de uma pessoa de referência na sua recuperação*. Coimbra: Quarteto.
- Carpenter, S., Clyman, R. et al. (2000). *The association of foster care or kinship care with adolescent sexual behaviour and first pregnancy*. *Pediatrics*, vol. 108, No 3, September 2001.
- Cecatto, G. (2008). *Comportamento agressivo e aspectos psicodinâmicos em crianças abrigadas*. Tese de Mestrado em Psicologia na Faculdade de Psicologia da Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Chapman, M., Wall, A. & Barth, R. (2004). *Children voices: the perceptions of children of foster care*. *American Journal of Orthopsychiatry*, 74, (3), 293-304.

- Cunha, S. (2005). *Todos juntos para sempre – representações e expectativas sobre a família e a adoção em crianças e jovens institucionalizadas*. Tese de Licenciatura em Sociologia, Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Emond, R. (2003). *Putting the care into residential care : the role of young people*. Journal of Social Work. [on line]. Disponível em <http://jsw.sagepub.com/cgi/content/abstract/3/3/321>.
- Farmer, E., Southerland, D., ET AL. (2008). Returning home in systems of care : rates, predictors, and stability. Journal of emotional and behavioural disorders. [on line]. Disponível em <http://ebx.sagepub.com/cgi/content/abstract/17/3/133>.
- Gauthier, Y., Fortin, G., Jéliu, G. (2004). *Clinical application of attachment theory in permanency planning for children in foster care: the importance of continuity of care*. Infant Mental Health Journal, 24, (4), 379-396.
- Instituto de Segurança Social. Centro de estudos territoriais. (2005). *Percurso de vida dos jovens após a saída dos lares de infância e juventude*. Lisboa: Edição ISCTE.
- Instituto de Segurança Social. Equipa de Projecto para a Adopção e Acolhimento, Departamento de Desenvolvimento Social, Área de Infância de Juventude do ISS, I.P. (2007). *Plano de Intervenção Imediata: Relatório de caracterização das crianças e jovens em Situações de Acolhimento em 2006*. Lisboa.
- Gontijo, D. & Medeiros, M. (2004). *Gravidez/maternidade e adolescentes em situação de risco social e pessoal: algumas considerações*. Revista electrónica de enfermagem, vol. 06, n. 03, 2004. Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. Disponível em www.revistas.ufg.br/index.pht/fen.
- Haight, W., Kagle, J. & Black, J. (2003). *Understanding and supporting parent-child relationship during foster care visits: attachment theory and research*. National Association of Social Workers.
- Heron, G. & Chakrabarti, M. (2003). *Exploring the perception of staff towards children and young people living in community-based children's homes*. Journal of social work. [on line]. Disponível em <http://jsw.sagepub.com/cgi/contet/abstract/3/1/81>.

- Howes, P., Cicchetti, D. ET AL. (2000). *Affective, Organizational, and relational characteristics of maltreating families: a systems perspective*. Journal of family psychology, vol. 14, No. 1, pp. 95-110.
- Hudson, D., Elek, S., Grossman, C. (2000). *Depression, self-esteem, loneliness, and social support among adolescent mothers participating in the new parents project*. Adolescence, vol. 35, No. 139, Fall: 2000.
- Joffily, S. & Costa, L. (2003). *É possível prevenir a gravidez na adolescência?*. Brasília. In www.psicologia.com.pt
- Kalland, M. & Sinkkone, J. (2001). *Finish children in foster care: evaluating the breakdown of long-term placements*. Child Welfare League of American [on line]. Disponível em www.findarticles.com (Maio, 2005).
- Klein, T. (2001). *Adolescent Pregnancy and Loneliness*. Public Health Nursing, vol. 15, No. 5, pp. 338-347.
- Kroll, B. (2004). *Living with an elephant: growing up with parental substances misuse*. Child and Family Social Work, 9, 129-140.
- Leatthers, S. (2002). *Parental visiting and family reunification: could inclusive practice make a difference?* Disponível em www.b-on.pt
- Litrownik, A., Newton, R., Mitchel, B., & Richarson, K. (2003). *Long term follow-up of young children placed in foster care: subsequent placements and exposure to family violence*. Journal of family violence, 18, (1),
- Magalhães, T. (2004). *Maus Tratos em crianças e jovens*. Coimbra : Quarteto.
- Mapp, S., & Steinberg, C. (2007). *Birthfamilies as permanency resources for children in long-term foster care*. Disponível em www.b-on.pt
- Marques, A. & Ferraz, R. (2007). *O impacto do stress em adolescents institucionalizados*. Tese de Mestrado da Universidade de Aveiro, Departamento de Ciências e Educação.
- Martins, E. & Szymanski, H. (2004). *Brincando de casinha: significado de família para crianças institucionalizadas*. Estudos de Psicologia. 9 (1), pp. 177-187.
- Martinez, A. (2006). *Adolescentes em momento de saída do abrigo: um olhar para os sentidos construídos*. Tese de mestrado em Psicologia, na Universidade de São Paulo, departamento de psicologia e educação.
- McNichol, T. & Tash, C. (2001); *Parental substance abuse and the development of children in family foster care*. Child Welfare League of American [on line]. Disponível em www.findarticles.com (Maio, 2005).

- Oliveira, M. & Camões, C. (2003). As crianças institucionalizadas – o outro lado da sociedade. Tese de licenciatura em Psicologia. Universidade Lusíada.
- Oliveira, N. (2002). *Gravidez e Maternidade de adolescentes de periferias sociais e urbanas: reflexões à luz da psicologia ambiental*. Relatório de pesquisa (pós- Doutorado) – departamento materno-infantil/Faculdade de Saúde Pública, laboratório de psicologia sócio-ambiental, São Paulo.
- Pearce, J., Pezzot-Pearce, T. (2001). *Psychotherapeutic approaches to children in foster care: Guidance from attachment Theory*. Canada: Human Sciences Press, Inc.
- Pires, A. (2001). Introdução à Grounded Theory. In A. Pires (Ed.), *Crianças e pais em risco*. Lisboa: ISPA.
- Ribeiro, J. (2008). Laços que (des)ligam e famílias adolescentes e abrigos. Tese de Mestrado de Psicologia na Universidade Federal de Ceará. Fortaleza.
- Roditti, M. (2005). *Understanding communities of neglectful parents: child caregiving networks and child neglect*. Child Welfare League of America [on line]. Disponível em www.findarticles.com (Outubro, 2005).
- Rodrigues, A., Figueiredo, B., et al. (2004). *Memória de cuidados na infância, estilo de vinculação e qualidade da relação com pessoas significativas: estudo com grávidas adolescentes*. *Análise Psicológica* (2004), 4 (XXII): 643-65.
- Santa Casa da Misericórdia – Gabinete de Prospectiva e Planeamento da Santa Casa. (2003). *Trajectórias de Vida das crianças e jovens de lares da SCML*.(On-line). Disponível em ww3.scml.pt/media/servicos/gpp/Traject_Vida.pdf
- Santos, A. & Carvalho, C. (2006). *Gravidez na adolescência: um estudo exploratório*. *Boletim Psicológico*, vol. 56, No. 125, São Paulo: 2006.
- Saewyc, E. (2003). *Influential life contexts and environments for out-of-home pregnant adolescents*. *Journal of holistic nursing*, 21, 343.
- Siqueira, A., Dell’aglio, D. (2007). Retornando para a família de origem: factores de risco e protecção no Processo de Reinserção de uma adolescente Institucionalizada. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, vol. 17, No 3, pp. 134- 146.
- Silva, M. & Nunes, K. (2004). *Avaliação e diagnóstico do processo de reinserção família e social de crianças e adolescentes egressos de uma casa de*

- passagem*. In: Livro resumo 56º Congresso brasileiro de enfermagem, Rio Grande: 2004.
- Soares, I., Marques, M. et al. (2006) *Gravidez e maternidade na adolescência – um estudo longitudinal*. In Canavarro, Psicologia da Gravidez e da Maternidade, Coimbra: Quarteto.
- Vig, S., Chinitz, S. & Shulman, L. (2005). *Young children in foster care: multiple vulnerabilities and complex service needs*. *Infants & young children*, 18, (2), 147-160.
- Vines, C. (2001). *Broken Past, Fragile Future: Personal stories of high-risk adolescent mothers*. *JSPN*, vol.4, No1, January-March, 2001.
- Wells, K. & Shanffran, R. (2005). *Obstacles to employment among mother's of children in foster care*. Child Welfare League of America [on line]. Disponível em www.findarticles.com (Outubro, 2005).
- Zortéa, L. Kreutz, C. & Johann, R. (2008). *Imagem corporal em crianças institucionalizadas e em crianças não institucionalizadas*. *Aletheia* 27 (1), pp. 111-125, Canoas Junho 2008.

ANEXOS

ANEXO A GROUNDED THEORY

GROUNDNED THEORY

Os primeiros estudos desenvolvidos com este método foram no campo da sociologia, embora actualmente seja um método aplicado a diversos domínios, tais como a psicologia, educação, antropologia, entre outros.

Seguindo o paradigma construtivista, este método vai tentar descobrir várias realidades (e não apenas uma), que são construídas mentalmente e que dependendo do nível de informação podem ser mais ou menos coerentes. Assim sendo, a investigação será construída progressivamente, reelaborando-se e reconstruindo-se a fim de atingir um maior grau de consensualidade para formar uma teoria consistente sobre o assunto. Esta metodologia assume uma *natureza dialéctica*, sendo de extrema importância a interacção entre os participantes e o investigador.

O método da Grounded Theory assenta na análise de transcrições de gravações das entrevistas realizadas a cada participante. Strauss e Corbin (1990, cit. Pires, 2001) descreveram este método qualitativo como um procedimento que indutivamente ia desenvolver uma teoria acerca de um fenómeno. Seriam identificados os principais construtos ou categorias relacionando-os. Por *categoria* entendemos uma

conceptualização mais abstracta que diz respeito a cada incidente. Os *incidentes* são os dados que dão forma ao processo. Ao encontrarmos uma *categoria central* devemos procurar estabelecer relações com as subcategorias, que são as suas propriedades, isto é, características como por exemplo as causas ou consequências. O *processo social básico* é um exemplo comum de uma categoria central, dado que envolve uma mudança ao longo do tempo. A teoria vai assentar em *categorias emergentes* e não em categorias pré-existentes. As categorias devem ser *analíticas* (generalizadas) e *sensíveis* (que consigam captar o conceito segundo a experiência pessoal de cada leitor).

Contra uma teoria gerada pela dedução lógica a partir de dados a priori, a Grounded Theory pretende criar uma teoria partindo de uma investigação num *contexto de descoberta*, onde se definem as *hipóteses* posteriormente, e se parte apenas de uma área de investigação definida e de uma questão geral. Assim sendo já se pode decidir a amostra inicial e a questão geral a desenvolver. Posto isto, formular uma hipótese é assumir que uma relação encontrada entre dois conceitos num determinado exemplo, pode ser generalizada.

O objectivo deste método é permitir uma *explicação* de um comportamento bem como determinar o seu controlo. A Grounded Theory caracteriza-se pela sua *consistência lógica*, dado que utiliza categorias e hipóteses *claras*, a fim de poder ser testada por outros autores e usado em investigações futuras. Deve reger-se pelo princípio da *parcimónia*, exigindo simplicidade, para ser facilmente entendida por todo o tipo de pessoas interessadas no tema, independentemente de terem uma formação técnica sobre o assunto. Segundo este método, a teoria deve submeter-se a um *ajustamento* à situação em estudo relacionando os conceitos com os dados observados, a fim de se aplicarem as categorias com facilidade ao invés de serem forçadas. É essencial a teoria ser *relevante* na medida em que deve traduzir algum aspecto realmente importante na vida dos participantes. Consequentemente a teoria deve assumir uma *funcionalidade* na qual se possa explicar adequadamente o sucedido, interpretar o que se passa no presente e prever os comportamentos futuros. Outra característica da Grounded Theory é a *modificabilidade* e a *transcendência* que sugerem que analisando substancialmente os dados surgem naturalmente outros novos dados incentivando a uma reestruturação da teoria apesar se manter o processo de base. A transcendência de uma teoria dá-nos a possibilidade de a aplicar mais tarde noutras áreas que não a de origem. A teoria deve ser *abrangente*, isto é, deve permitir uma generalização aplicando-se a várias situações. A generalização alarga os limites da teoria ajudando na sua aplicação de forma mais genérica e confiando-lhe um poder preditivo maior.

A *análise comparativa* rege-se por quatro propósitos fundamentais, sendo eles a fiabilidade, a generalização, a especificação de conceitos e por fim a capacidade de verificar uma teoria ou de gerar outra.

A *amostragem teórica* baseia-se num processo de recolha de dados. Os grupos da amostra são definidos em função da teoria emergente, segundo a qual o grupo a ser estudado a seguir deve proporcionar novas categorias ou propriedades.

O método de comparação constante permite gerar, mas não testar, várias categorias, hipóteses e propriedades sobre problemas gerais. Este método é *indutivo* e baseia-se em quatro etapas: comparar os incidentes aplicáveis a cada categoria (com a *codificação aberta*, na qual se dividem os factos para se identificarem as categorias relevantes; a *codificação axial*, onde se especificam as categorias, desenvolvendo-as e relacionando-as, podendo surgir categorias novas; e por fim a *codificação selectiva*, onde se identifica uma categoria central que faz a ligação de todas as outras categorias da teoria.); integrar as categorias e as suas propriedades; delimitar a teoria e escrever a teoria. Ao longo deste processo são escritos *memorandos* que documentam o processo analítico enriquecendo-o. Para escrever a teoria é essencial juntar os memorandos, que são conceptualizações que se fazem a partir dos dados, numa reflexão interpretativa sobre o assunto. Estes memorandos conduzem à abstração.

Em suma, o objectivo seria criar um conjunto de categorias, caracterizá-las, e por fim codificá-las. Por outras palavras, a Grounded Theory pretende elaborar teorias novas e relevantes, partindo de generalizações empíricas, passando para uma especificação de conceitos e verificação das hipóteses tornando-as mais universais e coerentes (Glasser & Strauss, 1967).

ANEXO B
LISTA DE CATEGORIAS

Lista de Categorias:

1. Abandono:

A) Abandono escolar (E1, P1; E2, P5)

B) Abandono familiar (E1, P1; E5, P4; E6, P2; E7, P6; E8, P4)

C) Abandono institucional (E5, P4)

D) Abandono do companheiro (E6, P5)

2. Aborto (E4, P3)

3. Aceitação passiva da gravidez (E1,P2; E2, P4;)

4. Adopção (E9, P5)

5. Afectividade (E4, P1; E7, P4; E8, P4; E9, P2; E9, P2)

6. Aflição (E6, P5)

7. Agitação (E8, P1; E8, P2)

8. Agressividade (E8, P2; E8, P3; E8, P4; E8, P6)

9. Ajudante de lar (E3, P3; E4, P1; E4, P2; E4, P4; E9, P2)

10. Alcoolismo (E1, P4; E2, P4; E5, P1; E5, P3; E6, P2; E6, P2; E6, P3; E7, P5)

11. Alegria (E1,P2)

12. Alívio (E6, P2; E6, P3)

13. Ama (E2,P1; E5, P1; E5, P6; E7, P2)

14. Ameaças (E6, P3; E6, P4; E9, P6)

15. Ambivalência (E4, P4)

16. Angústia (E4, P4; E6, P2; E6, P7; E7, P2; E8)

17. Angústia de separação (E3, P3; E4, P3; E8, P2;

18. Apoio:

- A) Apoio dos irmãos (E2, P5; E4, P4; E5, P3; E5, P6; E7, P2; E7, P6)
- B) Apoio familiar (E1, P4; E4, P4; E9, P5)
- C) Apoio de colega (E8, P1; E9, P3)
- D) Apoio do lar (E2, P5; E6, P3; E9, P1; E9, P5; E9, P6)
- E) Apoio de outras instituições (E6, P3; E6, P4)
19. Arrependimento (E2,P3; E5, P5; E6, P4)
 20. Aspirações académicas (E3, P3; E6, P6)
 21. Ausência de modelos (E8, P6)
 22. Ausência de responsabilização dos pais (E9, P4)
 23. Auto-estima (E5, P3)
 24. Autonomização (E2,P3; E2, P4; E4, P3, E5, P1; E5, P7; E6, P1; E6, P2; E7, P1; E9, P5)
 25. Bairro degradado (E1, P2; E4, P3)
 26. Banalização da gravidez (E1,P2; E8, P7)
 27. Bom desenvolvimento dos filhos (E5, P1; E7, P1)
 28. Cansaço (E7, P7)
 29. Capacidade:
 - A) Capacidade de auto-análise (E6, P7)
 - B) Capacidade de imaginar o bebé (E2, P4)
 - C) Capacidade de imaginar o futuro (E5, P2;
 30. Carência afectiva (E1, P2; E2,P4; E3, P3; E7, P4; E9, P3)
 31. Casa Pia (E8, P3)
 32. Chorar (E1, P3, E4, P4; E6, P3; E6, P4; E8, P2)
 33. Companheiro adolescente (E1, P3)
 34. Companheiro como âncora (E1,P1; E5, P4; E6, P1; E6, P3; E6, P5; E7, P5)
 35. Competência escolar (E2, P5)
 36. Comportamento de oposição (E8, P2)
 37. Compreensão da sua institucionalização (E4, P1)
 38. Confusão (E1, P2; E2, P1; E2, P3; E5, P4; E6, P1; E6, P4; E7, P6; E7, P7; E8, P5; E9, P4)
 39. Contraceção (E1,P3; E2, P2; E4, P3; E5, P7; E8, P6)
 40. Contraste (E8, P5)
 41. Controlar o destino (E1,P3; E1,P5; E4, P3)
 42. Correr o risco (E1,P4; E5, P5)
 43. Corte nas relações (E1,P2; E4, P4; E7, P6; E8, P7; E9, P5)

44. Criar uma nova família (E5, P5; E6, P6; E9, P5)
45. Crítica ao Lar (E1,P1)
46. Culpabilização (E6, P2; E6, P4; E6, P5; E6, P7; E7, P2; E7, P6; E8, P1)
47. Culpabilização do exterior (E2,P3)
48. Curso Profissional (E3, P2; E4, P2; E6, P1)
49. Dar o que não teve (E1,P4; E2, P5; E3, P2; E3, P3; E5, P3; E6, P6; E7, P1; E7, P7; E9, P4; E9, P5)
50. Dentro/fora (E2, P2; E9, P4)
51. Dependência da família (E1, P4; E2, P5; E5, P1; E6, P6)
52. Dependência da família do namorado (E1,P1; E1,P3; E6, P3)
53. Depressividade (E2, P3; E3, P1; E6, P4; E6, P6)
54. Desamparo (E1,P1; E1,P2; E1, P4; E2, P2; E2,P3; E2, P4, E2, P5; E3, P2; E4, P2; E4, P4; E5, P1; E5, P3; E5, P4; E5, P5; E6, P1; E6, P3; E6, P5; E6, P6; E7, P2; E8, P1; E9, P6)
55. Desconfiança do exterior (E2, P1; E2, P1; E2,P2)
56. Desconfiança em relação ao futuro (E4, P3)
57. Desejo:
- A)Desejo de autonomia (E4, P2; E4, P3; E4, P4; E5, P2)
- B)Desejo/Fantasia que cuidem dela (E1,P3; E2, P5; E5, P7)
- C)Desejo de regresso a casa (E3, P2; E3, P3; E9, P2)
- D)Desejo de sair do lar (E1,P1)
58. Desemprego (E1, P1; E2, P3; E2, P5, E5, P1;E6, P5; E8, P7)
59. Desespero (E5, P1; E5, P2; E5, P3; E5, P4; E6, P4; E7, P2)
60. Desgaste (E8, P3; E8, P8; E9, P3)
61. Desilusão (E3, P3; E5, P3; E5, P4; E5, P7; E6, P4; E6, P7; E7, P6)
62. Desorganização (E1,P1; E1, P2; E2, P1, E2, P5, E5, P1; E6, P1; E7, P2; E8, P1; E8, P3)
63. Dieta (E4, P3)
64. Diferença de género (E1,P2; E2, P6; E5, P6; E5, P5, P7; E7, P5)
65. Dificuldade:
- A)Dificuldade: (E8, P1; E8, P2; E9, P1; E9, P2; E9, P3; E9, P4; E9, P5)
- B)Dificuldade de adaptação ao bebé (E2, P3)
- C)Dificuldade em aceitar a gravidez (E1,P3; E2, P4)
- D)Dificuldade em comunicar com o companheiro (E2,P2)
- E)Dificuldade em pensar (E6, P1)

66. Discussões (E5, P3; E6, P3)
67. Disponibilidade (E9, P1)
68. Distanciamento afectivo (E7, P4; E8, P2; E8, P4; E8, P6; E8, P7; E8, P8)
69. Dúvidas (E8, P1; E8, P7; E9, P6)
70. Divisão de tarefas (E5, P6; E6, P3)
71. Eficácia materna (E2,P3; E2, P5)
72. Emprego (E2, P5; E5, P1; E5, P7; E6, P1; E6, P2; E7, P2)
73. Entrega da criança a familiares (E7, P2; E8, P6)
74. Esforço (E8, P1)
75. Esperança (E6, P7)
76. Estigmatização (E7, P3)
77. Falta de:
 - A) Falta de actividades (E1,P1; E1,P2; E5, P2)
 - B) Falta de Apoio (E2,P2; E2, P5; E7, P5; E8, P5; E9, P4;
 - C) Falta de aspirações académicas (E2, P5)
 - D) Falta de autoridade (E8, P3)
 - E) Falta de condições em casa (E1,P1; E5, P2)
 - F) Falta de condições no lar (E9, P4)
 - G) Falta de confiança em si própria (E6, P4)
 - H) Falta de confiança nas competências da jovem (E1,P4; E2,P3; E2,P5; E8,P6; E8, P7; E9, P4; E9, P5; E9, P6)
 - I) Falta de contracepção (E1,P2; E1, P3; E2, P3, E8, P7)
 - J) Falta de diálogo no lar (E7, P3)
 - K) Falta de higiene (E5, P2)
 - L) Falta de individualidade (E9, P2)
 - M) Falta de limites (E1, P1; E5, P5)
 - N) Falta de pertença (E1, P1; E2, P4; E5, P2; E6, P6)
 - O) Falta de preparação para a saída (E4,P2; E5, P4; E7, P5; E8, P5; E8, P6)
 - P) Falta de privacidade (E5, P3)
 - Q) Falta de reconhecimento (E8, P7;
 - R) Falta de ressonância afectiva (E2, P2)
 - S) Falta de respostas sociais (E9, P2; E9, P4)
78. Família de Acolhimento (E3, P1; E8, P4)
79. Família disfuncional, (E1,P4; E2, P4; E5, P1; E5, P2; E5, P3; E6, P6; E7, P5; E8, P1; E8, P2; E8, P4; E9, P4)

80. Fantasia de abandono (E9, P6)
81. Fantasia de morar perto do lar (E3, P3; E4, P3)
82. Fase de lua de mel (E6, P4)
83. Fazer as malas (E8, P2)
84. Fertilidade (E1,P3)
85. Fidelidade à família (E4, P2)
86. Figura de referência (E3, P3; E4, P2; E6, P4; E6, P5; E6, P7; E7, P4; E9, P2)
87. Filhos:
 - A)Filhos como vínculo do casal (E1, P5; E5, P4; E9, P5)
 - B)Filhos como extensão de si (E6, P6; E9, P5)
 - C)Filhos como fonte afectiva (E6, P3; E6, P6)
 - D)Filhos como motivação (E6, P6)
 - E)Filhos para ser adulta (E3, P2; E5, P5; E8, P7)
 - F)Filhos para dar sentido à vida (E5, P5)
 - G)Filhos para mudar o companheiro (E6, P4)
 - H)Filhos para ser independente (E8, P7)
 - I)Filhos para ter algo seu (E9, P4)
88. Fins-de-semana (E3,P1; E6, P2)
89. Fome (E6, P5; E8, P6)
90. Formação contínua das ajudantes de lar (E9, P3)
91. Frustração (E8, P1)
92. Fugir (E6, P3)
93. Futuro (E9, P2; E9, P3)
94. Gestão financeira (E9, P3)
95. Gravidez não planeada (E1,P2; E1, P3)
96. Gritos (E1,P2; E5, P3; E5, P3; E8, P1; E8, P2; E8, P3)
97. Hipersensibilidade à crítica (E2, P3; E5, P6; E7, P5)
98. Ideia de substituição (E8, P2)
99. Imaturidade (E1, P1; E1,P3; E1, P4, E2, P1; E2,P3; E3, P2, E8, P7)
100. Impotência (E9, P2; E9, P4)
101. Impulsividade (E3, P2; E4, P2; E5, P5; E7, P4; E8, P6; E9, P3)
102. Incapacidade:
 - A)Incapacidade de imaginar o futuro (E3,P2; E3, P3; E9, P3)
 - B)Incapacidade de planear o futuro (E1,P3; E1, P4; E2, P3; E7, P2)
 - C)Incapacidade de se confrontar com o sofrimento (E1, P4)

- D)Incapacidade para tomar a pílula (E1,P3)
- E)Incapacidade para pensar no bebé (E4, P3)
103. Inconstância de figuras de referência (E7, P4; E8, P8)
104. Indiferença (E5, P1)
105. Insegurança (E7, P6; E8, P5)
106. Interacção com os filhos (E5, P1; E5, P2)
107. Institucionalização de longa duração (E1, P4; E2,P1; E2, P4; E3, P1; E4, P1; E6, P2; E8, P4; E9, P4)
108. Inveja (E3,P2)
109. Isolamento (E6, P4; E6, P7)
110. Jovens:
- A)Jovens agressivos (E8, P2; E8, P3;
- B)Jovens atrevidos (E8, P3;
- C)Jovens carinhosos (E8, P3;
- D)Jovens irresponsáveis (E8, P7)
- E)Jovens problemáticos (E8, P5)
- F)Jovens revoltados (E8, P3)
- G)Jovens terríveis (E8, P4)
- H)Jovens mal-educados (E8, P4)
111. Lar:
- A)Lar como casa (E3.P3; E4, P2; E5, P2; E9, P2)
- B)Lar como emprego (E8, P8)
- C)Lar como família (E9, P1)
- D)Lar como Hotel (E8, P5)
- E)Lar como passagem (E4, P2; E8, P4; E8, P7)
- F)Lar como prisão (E1,P1; E1,P2; E1,P4; E4, P2; E4, P4)
112. Legislação (E9, P1)
113. Liberdade (E4, P3; E5, P5; E6, P5; E7, P6; E8, P5; E8, P6)
114. Limitações (E9, P1)
115. Luto (E2,P4)
116. Mágoa (E1, P4; E2, P3; E2, P4; E3, P2; E4, P2; E5, P3)
117. Marido ausente (E8, P1; E8, P2)
118. Maternidade como prisão (E3, P2; E5, P5; E5, P6)
119. Maternidade partilhada (E5, P6; E6, P1; E7, P7)

120. Maus tratos infantis (E1,P2; E1, P4; E3, P1; E5, P6; E6, P2; E7, P5; E8, P1)
121. Medo:
- A)Medo (E1, P3; E4, P2; E4, P3; E4, P4; E5, P4; E6, P1; E6, P2; E6, P3; E6, P4; E6, P5; E6, P7; E7, P6)
- B)Medo de enlouquecer (E5, P5)
- C)Medo de perder o filho (E6, P7)
- D)Medo do Parto (E1,P4; E2,P1)
- E)Medo de ser julgada (E2,3; E2, P5; E5, P3; E5, P6)
- F)Medo de sobrecarregar a família (E4, P2)
- G)Medo de voltar a engravidar (E5, P7; E7, P7)
122. Memórias positivas (E2,P4; E4, P1; E4, P2, E7, P3; E9, P3)
123. Mentira (E4,P1)
124. Morte de um familiar próximo (E4,P1)
125. Mudança (E6, P7; E7, P6)
126. Mudança de companheiro (E6, P1; E6, P6; E8, P7; E9, P5)
127. Necessidade de tensão (E8, P4)
128. Negação (E5, P4)
129. Nervos (E1, P3; E7, P2)
130. Nostalgia (E5, P7)
131. Nova institucionalização (E1, P4; E6, P4)
132. Ódio (E5, P1; E6, P4)
133. Orgulho (E2, P1; E7, P1; E7, P2)
134. Paciência (E8, P4)
135. Pais institucionalizados (E3, P1)
136. Parto (E2,P2)
137. Pedir comida no lar (E5, P7; E8, P5; E8; P6)
138. Pedir desculpa (E5, P4; E6, P3; E8, P4)
139. Pensamento mágico (E1,P3; E1, P4)
140. Perfil das ajudantes de lar (E9, P3)
141. Peso da responsabilidade (E5, P6; E6, P2; E6, P5)
142. Planeamento familiar (E3,P1; E4, P3; E7, P7; E8, P7)
143. Planos para o futuro (E5, P1, E5, P2; E6, P4)
144. Polícia (E4, P2)
145. Precariedade económica (E3, P1; E5, P1)

146. Prazer em ser mãe (E6,P5)
147. Prazer Profissional (E9, P1)
148. Preocupação com o corpo (E1,P3; E2, P4; E4, P3; E7, P6)
149. Pressão para engravidar (E4, P3)
150. Pressão para sair do lar (E4,P1)
151. Prioridades (E7, P2)
152. Prisão (E2,P4; E8, P6)
153. Projecto de vida (E9, P2; E9, P5)
154. Procura de laços (E2, P3; E3, P3)
155. Prostituição (E1,P1)
156. Racionalização (E9, P1)
157. Racismo (E2, P5)
158. Receio de doenças sexualmente transmissíveis (E3, P2)
159. Recomeçar (E6, P4)
160. Recursos humanos (E9, P3)
161. Regras (E8,P2; E8, P6)
162. Regresso a casa (E3,P3; E5, P4; E6, P2; E8, P5; E8, P7)
163. Relação com a família das jovens (E8, P5; E8, P6; E9, P2; E9, P4)
164. Relação entre pares (E4,P2; E7, P4)
165. Relação fusional com o filho (E6,P6)
166. Responsabilidade (E3, P2; E4, P1; E4, P2; E4, P3; E6, P1)
167. Revolta (E1, P1; E1, P4; E2, P3; E5, P2; E5, P3; E5, P4; E5, P5; E6, P2; E6, P4; E6, P6; E6, P7; E7, P3; E7, P4; E7, P5; E8, P2; E8, P3; E8, P5)
168. Sacrifício (E7, P2; E8, P3; E8, P4)
169. Sangue (E8, P1)
170. Sair à noite (E5, P6)
171. Saudades do lar (E1, P4; E3, P3; E5, P2; E5, P6; E7, P5; E8, P5)
172. Segurança (E9, P2)
173. Sensibilidade materna (E2, P6)
174. Sentimento de injustiça (E8, P3; E8, P5)
175. Separação do casal (E2,P4; E3, P1; E5, P3; E6, P1; E6, P3)
176. Separação dos irmãos (E4, P1)
177. Separação total da mãe (E4, P1; E6, P2; E6, P6)
178. Ser empregada (E8, P5)
179. Ser mãe aos dezoito (E1,P5; E2,P1; E2,P3; E3,P2; E4, P3)

180. Ser polícia (E8, P6)
181. Sida (E2,P4)
182. Sogra (E1,P1; E1,P3; E2, P5; E5, P6; E8, P6)
183. Solidão (E1,P1; E1,P2; E2, P5; E5, P4; E5, P5; E6, P3; E6, P4; E6, P5; E6, P7)
184. Subsídio de maternidade (E6, P5)
185. Supervisão das ajudantes de lar (E9, P3)
186. Suspeitas (E2,P3)
187. Sustos (E1,P3)
188. Tarefas (E7, P3; E7, P4; E7, P5; E8, P2; E8, P7; E9, P2)
189. Ter alguém para si (E5, P5; E9, P1; E9, P5)
190. Terror (E6, P3; E6, P4)
191. Tomar conta dos irmãos (E8, P6)
192. Tomar conta das outras crianças do lar (E8, P6)
193. Toxicodependência (E1,P4; E3, P1)
194. Tráfico de droga (E2,P4)
195. Traição (E5, P3)
196. Tristeza (E1.P2; E2, P4; E3, P2; E5, P1; E5, P2; E5, P4; E6, P1; E6, P2; E6, P3; E6, P4; E6, P7; E8, P3; E8, P7)
197. Valorização de bens materiais (E1,P2)
198. Vazio (E6, P1; E6, P5; E6, P7)
199. Vergonha (E1,P4; E2, P5; E5, P3; E6, P2)
200. Vida familiar das ajudantes de lar (E8, P1; E8, P2; E8, P4)
201. Vinculação (E7, P1)
202. Violência Doméstica (E1,P4; E5, P3; E6, P2; E6, P3; E6, P4; E6, P5; E6, P6; E6, P7; E7, P6; E8, P6; E8, P7)
203. Virilidade (E2, P4; E8, P7)
204. Visitas ao lar (E2,P3; E8, P1; E9, P5)
205. Vitimização (E8, P3)
206. Viver a vida dos filhos (E9, P5)
207. Vulnerabilidade (E9, P3)
208. Zanga (E1, P2; E2, P3; E2, P5, E3, P3; E5, P1; E5, P2; E5, P4)

ANEXO C
MEMORANDOS

Memorandos

Lar e Casa – sem ninho!

A institucionalização de crianças tem uma expressividade dramática em termos de números, de falta de soluções e de falta de afectos.

As crianças vivem anos a fio numa casa que não é delas, nem é de ninguém. É uma casa que não é uma casa, mas apenas um sítio onde elas podem ficar até se tornarem maiores de idade.

É um sítio onde também lhes é difícil ser alguém, porque é difícil encontrarem-se no olhar de algum adulto, e ainda mais difícil é conseguirem sentir-se especiais, desejadas, respeitadas, envolvidas, através desse olhar. É um sítio de poucos olhares, de poucos abraços, de poucos sentires. É uma casa onde se tratam os adultos por você, **“por tu só às senhoras da limpeza, essas sim, eram minhas amigas”**, referem na sétima entrevista. As “senhoras”, como as jovens chamam às ajudantes de lar, estão lá para **“arrumar a roupa, acordar-nos para a escola, pôr a comida... e elas também vão e vêm, não são sempre as mesmas, mudam de emprego e isso!”**.

Esse sítio provisório, onde decidem que elas vão esperar pelos 18 anos, oferece-lhes rotinas, alimentação, higiene, escolaridade, actividades, segurança, protecção, regras, limites, férias, festas, e convívio. Mas não lhes confere uma identidade, não lhes permite criar relações efectivas e afectivas com figuras significativas, não lhes permite ter uma existência plena, como refere Martinez (2006), constroem apenas uma sensação de **estranheza com a própria vida**, um sentimento de paralisia, confusão, e solidão. Sentem, no fundo, que não lhes é permitido pertencer à sua família, mas também não podem pertencer a mais nada nem ninguém.

Por isso, na altura da saída, a confusão de sentimentos e a angústia é tão intensa, que é como se lhes disséssemos: “a partir de agora a vida é tua, boa sorte”...

E as obrigássemos a saltar, por vezes sem pára-quadras, de uma distância abismal, para um mundo que elas não sentem como seu. Até à saída, permanece o medo do futuro, que vai quebrar o feitiço do temporário: **“estou quase a fazer 18, está na hora de sair”**.

No entanto sentem a excitação de ter chegado o momento que serviu de horizonte durante todo o período de institucionalização, era aquele limite que as continha, era aquela meta que definia o que sabiam sobre si e sobre o seu futuro, num presente que por mais prolongado que fosse, seria sempre temporário. Por outro lado, e em consequência disto, perdem o horizonte! Perdem a contenção da única certeza que tinham, que era a que iriam sair do lar. E mergulham num mar de incertezas, num medo terrível de não saberem funcionar sozinhas, num sítio novo em que se sentem tantas vezes excluídas ou simplesmente diferentes.

É uma nova casa de solidão.

A solidão que envolve o regresso a uma casa de onde foram retiradas em idades precoces, e que não estava preparada para as receber. Nas adolescentes que entrevistámos nem uma cama tinham para elas. Não há espaço físico nem emocional que permita a estas jovens voltarem a fazer parte da sua casa. Que não é sua há muitos anos.

São como passarinhos sem ninho, sem casa onde pousar e se reconstruírem enquanto seres humanos, sendo difícil depois sintonizar estes jovens com o mundo que os rodeia. A falta de sentimento de pertença é um factor de risco que os desorganizada no momento da saída do lar.

Contudo, estas jovens sentem o lar como casa, ficam magoadas e indignadas com a confrontação do carácter transitório da sua institucionalização e sentem que foi ali que “foram criadas”, mostrando sentimentos de vinculação com figuras de referência do lar. Uma passagem da terceira entrevista ilustra bem este sentimento: **“elas dizem que isto aqui é um sítio de passagem, é transitório... mas isto aqui é a nossa casa, não temos outra, fomos aqui criados”**. Também na segunda entrevista a adolescente afirma que: **“gostava de comprar uma casa perto do lar, foi aqui que fui criada, e é aqui que conheço as pessoas e que tenho os meus amigos. Lá no bairro também conheço, mas é diferente...”**. Por fim cito a jovem que nos disse, no meio de uma reunificação extremamente mal sucedida **“esta casa não é nem nunca foi minha. Eu vivia no lar. (...) Eu estou aqui de passagem. Bem, já passou um ano, não é? Mas eu sinto que não moro aqui...”**.

Temos referência a ajudantes de lar que são sentidas como “**tias, mães**”, e ao mesmo tempo como alguém que cumpre tarefas, porque é o emprego delas, e não está previsto nesse trabalho remunerado, o espaço para os abraços e para os afectos. Os afectos relativamente ao lar criam também um cenário de traição à família, que está sempre em primeiro lugar: “**a senhora ocupa um lugar de amiga e não de mãe. Mãe é aquela que ficou em Angola**”, refere uma jovem que não tem o mínimo contacto com a mãe desde os seus três anos! E a jovem da sexta entrevista, que também foi abandonada pela mãe em pequena “**gostava de conhecer a minha mãe, para ver se podíamos ser uma família...**” Cria-se desta forma um espaço de ambivalência em relação ao lar, a esta casa que querem que seja sua, mas que no fundo sabem que não é.

Parece-nos pertinente neste contexto, explorar os percursos de vida destas jovens, dando voz aos seus sentimentos sobre as várias etapas que culminam na gravidez na adolescência. O que as levou a ser quem são, o que construiu os seus passos, os seus silêncios, e os seus sentires?

Os sentimentos das jovens e das famílias

Os pais das crianças institucionalizadas são caracterizados pela confluência de problemáticas sociais transgeracionais, como o alcoolismo, a toxicod dependência, os maus tratos, o abandono, as dificuldades económicas, problemas com a Justiça, desorganização emocional e desespero.

Durante a retirada dos filhos, podem sentir uma revolta intensa ou alívio, mas de forma geral desejam o regresso dos filhos que são seus.

Nos casos que estudámos esse desejo não nos pareceu assim tão evidente. Nas institucionalizações de longa duração como estas, de seis a catorze anos, os laços são difíceis de manter ou de recriar, existe uma habituação ao facto de viverem separados, e uma autonomização relacional. O sentimento de pertença fica enfraquecido e o retorno a casa torna-se penoso para ambas as partes. Já não são as filhas de tenra idade que regressam, são jovens, com vários anos de distanciamento e experiências que desconhecem. Entretanto, a vida lá fora também não ficou estanque. Alguns familiares são presos, outros são soltos, outros morrem, outros nascem, outros desaparecem, outros regressam, numa dinâmica que as meninas acompanham do lado de fora da casa, protegidas dessa instabilidade, num não-lugar.

O confronto com a realidade obriga-as a quebrar a idealização de quem cresce fora de casa, da família ideal, deixando-as isoladas num mundo que não conseguem sentir.

Como nos dizia uma jovem na primeira entrevista, **“a minha infância foi má, éramos maltratadas pela mãe porque ela nunca cuidou de nós”**. Ou a jovem da sexta entrevista: **“a minha mãe saiu de casa quando eu era pequenina, o meu pai era alcoólico, quando ia a casa ele batia-me muito e eu chegava ao lar toda marcada, e então proibiram os fins-de-semana. (...) Ele batia-me com o cinto e punha-me a tomar conta das minhas irmãs... e eu até tomava bem conta delas, não sei porque é que ele me batia”**; **“sentia muita vergonha, muita raiva dele, era tão triste”**; **“com a minha mãe perdemos o contacto. Não me lembro dela, se ela passar agora por mim na rua eu não vou saber quem ela é”**; **“do meu pai não sinto falta nenhuma, ele ainda nem conhece o meu filho, nós não falamos, eu nunca mais o vi, nem sei onde ele mora, não sinto a falta dele”...**

São quadros caóticos, que delimitam a sua personalidade e fazem a sua história de vida. Por dentro fica o vazio, a mágoa, a tristeza, a solidão, e a revolta. O mundo interno parece que pára no tempo e fica à espera que a vida aconteça. E de facto, ela continua em movimento, cá fora...

Como na entrevistada mais nova, que conta, zangada **“ela agora está a conseguir ser uma mãe de jeito para a minha irmã mais nova, e ainda por cima está grávida outra vez”!**

Os sentimentos na chegada ao lar:

A primeira grande mudança na vida destas meninas é o momento em que são retiradas de casa e chegam ao lar de jovens. Muitas chegam sem perceber porque tiveram de sair de casa... muitas não querem sequer pensar nisso.

A chegada ao lar é um momento que as marca de forma determinante. É o primeiro mundo novo que têm de enfrentar, é a primeira adaptação a uma realidade que

desconhecem. Chegam sozinhas e desamparadas a um sítio estranho, com pessoas que desconhecem por completo.

Sobre os significados que atribuem a esse momento, são ditados pela cultura em que estão inseridas, pelas coisas que ouvem, pelas ideias que interiorizam, e pela construção que fazem sobre os seus sentires, ao longo dos anos. Diz-nos uma das jovens: **“senti que era um abandono. Pensei que os meus pais não gostavam de mim”**, sendo o sentimento de abandono reforçado para além de todos os outros já vivenciados dentro das dinâmicas familiares. Dizem também **“pensei que era para sempre e para meninos maus”**, assumindo alguma culpabilização, de ter sido retirada da família por ser má, ou pelo menos, por não ter sido suficientemente boa ao ponto dos pais gostarem dela para a tratarem bem... o ser “para sempre” assusta, como se de uma maldição se tratasse, ou se fosse um castigo divino, o terem de ficar longe da sua realidade, eternamente.

Para além da relação com a família, a chegada ao lar coloca a criança diante do mundo novo, sozinha, e como nos explicam as jovens: **“quando cheguei tive medo de toda a gente, estava insegura”**... O sentimento de insegurança cristaliza-se neste meio desconhecido e estranho.

A vinculação das crianças entre pares será absolutamente fundamental para as amparar nesta transição, e a capacidade de holding da instituição seria fulcral para as proteger do medo, da insegurança e desconfiança em relação ao exterior.

Um factor de protecção é ter presente um irmão, principalmente se for um irmão mais velho, que como os estudos indicam, é a melhor referência para garantir o sentimento de segurança nas crianças institucionalizadas, e ajuda a quebrar o peso da solidão: **“como tinha lá o meu irmão, eu dizia para ele bater nos outros para eu ter a certeza que ele era mais forte, e então sentia-me mais segura”**.

Os sentimentos de ser institucionalizada

O ser institucionalizada, faz parte da identidade destas jovens... determina a sua condição, os seus sentires, as suas experiências e limitações.

Em primeiro lugar, têm de lidar com a estigmatização que as crianças institucionalizadas têm na sociedade: **“falavam de mim com pena, tipo coitadinha, viveste num lar, ficaste sem mãe, tinha sida, e o teu pai é bêbado”**; ou **“havia gente que até dizia: és de um lar? Não pareces nada...”** O sentimento de ser diferente, está bem ilustrado nestes exemplos. A exclusão social, o estereótipo de que são alvo, ajuda a criarem uma imagem de si de acordo com essas expectativas, muito ligadas à marginalidade e delinquência. O terem de explicar ou esconder do mundo que vivem num sítio diferente, longe da família, exige um distanciamento em relação aos outros, e é difícil gerir essa informação que causa dos sentimentos que isso provoca nos outros, sobre elas.

Depois, surge a falta da família: **“senti muito a falta da minha mãe, principalmente na adolescência, que é quando as raparigas mais precisam de uma mãe”**, ou o medo de ter de voltar para junto dela: **“eu vivia cheia de medo que me mandassem para casa do meu pai, era uma angústia enorme”**.

Relativamente à instituição em si, é significativo o sentimento do lar como prisão: **“o colégio tem demasiada regras e horários e assim”**; **“não gostava de estar no colégio. Aquilo era uma prisão”**; **“aqui é uma prisão, tenho de estar sempre a procurar a minha liberdade”**.

O lar como hotel, como referiu a ajudante de lar, também é sentido de alguma forma pelas jovens, mas com uma componente mais de protecção, de local seguro para elas: **“lá no lar eu tinha comida, tinha cama feita, roupa lavada... tomavam conta de mim, cá fora teria sido pior”**.

O ser institucionalizada tem sempre o carácter provisório que cria angústias, medos, fantasmas, pressões: **“desde que o meu irmão casou, elas querem-me pôr na rua”**, e isso interfere de forma negativa na relação das jovens com os funcionários do lar, criando abismos emocionais, dificuldades na comunicação, falta de confiança e incapacidade de expor os seus sentimentos de forma assertiva: **“acho que elas sempre pensaram que por eu ser boa aluna não precisavam de me ensinar mais nada”**.

O distanciamento afectivo dos adultos é evidente, sendo o contacto físico uma área pouco investida dentro do lar, principalmente entre os funcionários as crianças: **“ali**

não há colo, só para os bebés!"; "não havia nem abraços, nem beijinhos, nem essas coisas...". O relacionamento físico existente era entre pares, e sempre supervisionado pelos adultos: **"entre colegas já havia contactos físicos, de irmãos, e de namoradinhos"**.

Os sentimentos sobre a saída do lar:

O momento da saída do lar é o segundo confronto da criança institucionalizada com um mundo novo: é a segunda vez (sem contar com os casos de múltiplas institucionalizações, em que o número de confrontos se multiplica...) que lhe tiram o chão, que modificam a realidade o que exige mais uma vez que, de forma solitária, ela tenha capacidade para se adaptar.

Sobre o seu projecto de vida, as jovens dizem, em tom de revolta: **"Eu sempre disse que me queria ir embora do colégio... tem demasiadas regras e assim... mas também não queria voltar para casa!"; "elas limitaram-se a distribuir-nos pelas famílias"**.

Sobre as emoções, evidenciam-se:

- **A confusão de sentimentos:** "senti alegria porque aquilo parece uma prisão; e tristeza por ter de sair da escola, alguns amigos, as senhoras...";

- **O Vazio e o Desamparo:** "senti um vazio enorme, muito medo de tomar decisões, porque não tinha ninguém ali para me dizer o que estava certo e o que estava errado, não havia ali ninguém para perguntar o que fazer, era muito difícil pensar, organizar as ideias..."; "senti-me tão perdida, um vazio tão grande..."

- **Solidão:** "quando sai fiquei sozinha no mundo, com tudo a acontecer à minha volta sem eu conseguir controlar nada. Tudo falhou. Não havia ninguém no mundo além dele (companheiro)"; "Quando sai do lar, fiquei com ele com medo de ficar sozinha".

- **Sentimento de abandono/Revolta:** "ninguém se preocupa, a minha mãe não faz nada, não cuida de nós...";

- **Corte nas relações:** "vida nova, gente nova"; "ter de ir para longe, ter de deixar os amigos da escola e do lar...";

- **Falta de preparação para a saída:** “sentia que não estava preparada para sair”; “não quero depender de ninguém”

- **Medos:** “tenho medo de não controlar tudo”; “tenho medo da despedida”;

- **Pertença:** “quero sair e depois não voltar cá durante muito tempo, até meter na cabeça que já não sou daqui!”; “não gostava de ir morar num bairro, gostava de ficar perto do lar”

- **Desilusão:** “tudo é diferente entre o que imaginei e o que me aconteceu”

- **Liberdade:** “quando sai fiz uma tatuagem na barriga. Escolhi uma imagem qualquer, nem pensai, só a queria fazer. Aquilo para mim significou liberdade”

Os sentimentos sobre a vida lá de fora

Depois do choque inicial da saída, as jovens tendem a entrar no universo da luta pela sobrevivência. A solidão, o desamparo e a revolta continuam presentes, mas o foco é posto na actividade necessária para assegurar o seu sustento, a sua segurança, e o aqui e agora.

Nas reunificações familiares, o desespero, a frustração, e o sentimento de abandono tanto da família, como da instituição, como dos amigos, conduzem as jovens a trajectos de desorganização interna total, em que se torna urgente uma solução para sair de casa, ou para mudar o estatuto delas dentro de casa.

Nos processos de autonomização a desilusão é a mesma, o abandono força as réstias de liberdade a cair no chão, e as dificuldades tomam conta dos sonhos e esperanças.

As jovens sentem-se vencidas pela vida, cansadas, fragilizadas, e sem apoios.

Ficam assustadas com o novo panorama, que desconhecem e temem, sentindo-se despreparadas para lidar com a situação, defendendo-se apenas com sua ingenuidade, falta de instruções, falta conhecimento sobre as dinâmicas do mundo cá de fora: **“eu sabia lá o que era alugar uma casa. Não me ensinaram nada disso.”**; **“isso é que me dá raiva, sabes? Não estava nada preparada para a vida cá de fora, foi um choque”**; **“foram tempos difíceis...”** ; **“foram coisas demais a acontecer ao mesmo tempo”...**

A falta e apoio nestes primeiros tempos deixa as jovens desorientadas, desorganiza-as e marca a saída com um amargo sabor de revolta, de abandono, de desespero: “não tive apoio do lar. Só sabem criticar. Tive apoio das senhoras da limpeza, às vezes ainda vou lá só para as ver”...

O abandono escolar alia-se à falta de actividades, em lugares que sentem ainda como estranhos, e não têm rede nenhuma, nem formal, nem informal, que as agarre e as prenda à vida, que as ajude a criar rotinas, objectivos, ou sentidos para a vida: **“fico o dia inteiro à espera do meu namorado, que trabalha e chega tarde e cansado, e depois fica com sono, e eu nunca quero que ele adormeça, é a única parte do dia em que tenho companhia, lá em casa é tudo aos gritos...”**. Este eco de solidão em idades tão precoces confere uma profundidade enorme de tristeza e desilusão com a vida. Os namorados passam desta forma a assumir um papel de âncora, de porto seguro, que têm de manter a todo o custo para não se perderem no desconhecido, no vazio: **“foi um tormento estar em casa, sem nada para fazer”**.

O estar em casa sem actividades é uma espécie de tortura, uma confrontação constante com o vazio e com a desestruturação da família, num clima hostil, onde a adaptação uns aos outros não parece possível, porque tudo é caótico e não existe espaço para pensar, para sentir, para comunicar, acolher nem conter angústias. A raiva e a revoltam ganham espaço, a solidão impera, e o desespero passa a ser o motor de toda a acção: **“O ambiente estava tão mau, que sai de casa muitas vezes”**. Nenhum lugar é sentido como seu, sentem-se um estorvo em qualquer lugar e incapazes de construir o seu caminho sozinhas. Fogem de um lado para o outro, na esperança de encontrarem um porto seguro, um colo, um sítio onde possam finalmente descansar... uma casa-mãe que as contenha nos seus braços, que as acalme nesta raiva aflita, nesta vertigem constante, que lhes dê um tecto para as proteger do exterior, paredes com portas e janelas que elas possam manipular consoante as suas necessidades, divisões que as organize por dentro, e devolva o mínimo de lógica e de conforto às suas vidas.

A ausência de um sentimento de pertença é tão evidente que as jovens vêm-se obrigadas a submeterem-se a situações dolorosas para garantir o seu espaço, que não sentem como seu, mas sabem que não têm mais nada para além do que lhes é imposto: **“eu não vivo com o meu pai. Eu nem lhe falo. Simplesmente tenho que ir dormir àquela casa, por não ter outro sítio para dormir. Eu odeio aquele homem”**.

Não tendo “outros sítios”, vagueiam num espaço ambíguo, o espaço dos outros, desencorajadas e perdidas, mendigando afectos e atenção. Os companheiros surgem neste contexto como uma âncora que as salva e que as prende neste mundo novo. Aprisiona-as numa relação violenta, de dependência total, inserindo-as no ciclo de violência, que passa pela fase de lua de mel, o aumento da tensão e a explosão de violência. A violência doméstica vem associada a casos de alcoolismo, numa repetição transgeracional do problema, tanto na família das jovens, como na família dos companheiros. Elas repetem o padrão, identificam-se com as mães, no papel de vítimas, e juntam-se a jovens com as problemáticas similares às dos seus pais: alcoolismo e violência. Apesar de terem vivido de 6 a 14 anos numa instituição, terem tido um contacto deficitário com as famílias de origem, terem uma imagem real das fragilidades da família e conhecendo a sua dinâmica e consequências, as jovens não conseguem mudar este modelo interno, e repetem a história sem consciência do que está a acontecer, protegendo-se com mecanismos de defesa como a negação e a idealização das relações de proximidade, como esta jovem que nega a violência e desvaloriza o alcoolismo do companheiro, apesar de contar, angustiada, que: **“um dia apareceu-me bêbado no trabalho, passei uma vergonha, ele queria discutir, e eu disse-lhe baixinho, não faças barulho, vai embora por favor, estou no meu local de trabalho, não grites, vai para casa...”**.

Depois vêm as traições, as quebras na confiança, e os filhos. As primeiras separações conjugais, o medo de enfrentar o mundo sozinhas, o pedido de desculpas, e o regresso à esperança de uma família feliz, descrito por duas das entrevistadas: **“ele voltou para casa porque disse que ia mudar, e também por causa da menina...”**; **“não aguentava viver sozinha. Era muito triste. E ele dizia que ia mudar”**.

Depois vem a violência física, a tortura, o terror, as ameaças, o medo e finalmente o desespero e fuga: **“o meu namorado agrediu-me aos murros e pontapés. Eu e as minhas irmãs tivemos de fugir de casa”**; **“faz muitas ameaças. Eu tenho muito medo dele. Quando ele não vem dormir a casa é um alívio tão grande... estou sempre a desejar que ele não venha dormir a casa”**; **“eu não aguento mais esta vida. Tenho muito medo dele. Ele controla tudo o que faço...”**; **“vivi a vida toda numa instituição e agora vou ter de voltar para outra. É muito triste”**.

A gravidez surge também como fórmula mágica para mudar o namorado, tornando-a numa pessoa melhor, para consolidar a relação, para o prender e garantir que

essa presença fica assegurada, numa fantasia de família feliz: **“Engravidei porque pensava que ele ia mudar. Eu pensei que um filho meu e dele o mudasse, e mudasse as nossas vidas. Foi uma ilusão. E o meu filho ficou no meio da confusão. O meu filho não tem culpa...”**

Cristaliza-se a culpa, o remorso, o arrependimento de ter engravidado naquela altura. A revolta de ter sido tão ingénuo, de se sentir tão vulnerável, ter perdido a sua personalidade forte, o seu sentimento de si: **“a revolta... revolta com a vida que tenho tido... a urgência de mudar. O medo de enlouquecer, o medo dele, o medo de tudo. A solidão, a angústia, a tristeza. Tenho medo de perder o meu filho porque ele é tudo o que eu tenho.”**

A revolta alia-se ao medo, medo de sozinha, ter de ser alguém. Medo de enlouquecer, de perder o sentido da realidade, sendo preciso muita saúde mental e muita resiliência para conservar algum sentido interno, em mundos externos que mudam e deixam de ser reais, como a passagem da instituição para uma vida nova cá fora. E finalmente o medo de perder os filhos, como elas já foram, um dia, pedidas das suas famílias, e se tentam agora encontrar, através da gravidez e maternidade.

Os sentimentos de estar grávida, ter um filho e ser mãe

As jovens referem a gravidez com alguma passividade, num registo normativo, como se de uma banalidade se tratasse: **“então, aconteceu, aconteceu”**. Referem paradoxalmente que foi uma gravidez não planeada: **“a gravidez não foi planeada, eu acho que foi sem querer”**; e não desejada: **“tava cheia de medo. Não queria... sei lá, não tinha isto planeado!”**, evidenciando o medo, o desconforto e a preocupação, ao receber a confirmação da gravidez: **“comecei a chorar no médico”, “foi tudo uma confusão, fiquei contente e preocupada ao mesmo tempo”**. No entanto, a gravidez encontra-se associada aos 18 anos, como marca de passagem para a idade adulta: **“também quero ter filhos agora, mas não posso, nem tenho casa... mas quero ter antes dos 18!”**; **“assim quando a criança nascer já sou maior de idade”**.

A gravidez, a falta de contraceção e a banalização da gravidez relacionam-se de forma directa com a questão da fertilidade, que significa, ser mulher, que lhes confere o estatuto de mulher: a gravidez confirma que o corpo delas funciona e que são capazes de gerarem vida: **“pensava que estava podre por dentro”**... Sobre o funcionamento

do corpo sabem pouco, sobre o processo de gravidez ainda menos, e estar grávida não é uma tarefa fácil: **“para mim foi muito difícil estar grávida.”**; **“o bebé andou cá dentro uma semana a mais, rebentaram as águas quatro vezes porque ela não queria sair cá de dentro”**. A falta de apoio da família ou do lar são marcantes na trajetória destas maternidades, sendo que a falta de confiança no exterior também é evidente, ficando as jovens mães limitadas às suas competências e capacidade de resiliência: **“li muitos livros sobre bebés porque já sabia que depois não ia ter ninguém para me ensinar”**. Sentem-se preparadas para tudo, mas quando confrontadas com questões específicas, como o parto, no caso da jovem grávida, têm reacções espontâneas de imaturidade: **“ainda é cedo para pensar nisso, que horror”**...

A imagem corporal é uma preocupação destas adolescentes, que vêm na gravidez o perigo de engordar e isso desorganiza-as subtilmente: **“a barriga ainda não se nota muito”**; **“na rua, os homens mandavam piropos na mesma”**; **“que horror, só de pensar que vou engordar”**...

Nos pós-parto as adolescentes apresentam sintomatologia depressiva, conseguindo fazer-se uma auto-análise fiável: **“nas semanas a seguir ao parto andava meio drogada, parecia uma zombie”**; **“ausente, estava lá e ao mesmo tempo não estava”**. Manifesta-se nesta fase, mais uma vez, a falta de apoios, começando a existir, desde que o bebé nasce, a pressão dos olhares do exterior: **“os outros estão sempre à procura de defeitos”**, existindo uma hipersensibilidade à crítica por parte das mães adolescentes, que vai de encontro à falta de confiança nas suas competências, tanto da família, do lar, dos amigos, e da sociedade no geral...

Para as jovens que ainda não iniciaram o processo de gravidez e maternidade, existe a expressão da mesma gama de sentimentos relativos ao futuro: **“quero ser uma boa mãe para os meus filhos, melhor do que a minha mãe foi para mim”**. Revelam ainda o desejo de terem filhos, e a pressão que os companheiros fazem para uma gravidez precoce: **“ele queria ter um filho já”**.

Sobre as expectativas das jovens mães em relação aos filhos, há aspectos transversais:

- Dar o que não tiveram: **“espero que a minha filha tenha uma vida boa, melhor que a da mãe”**; **“gostava que ele fosse uma pessoa boa, livre e realizado.”**

- A mudança para a vida adulta: **“a gravidez foi a forma que tive de ficar adulta. Quando se sai daqui não dá para continuar a ser adolescente, porque lá fora não há ninguém que cuide de nós.”**

- Forma de não enlouquecer: **“é muita solidão, muita raiva... acho que se não fosse a minha filha eu já estava doida!”**

- Criar uma família: **“a minha filha e o meu marido são a minha família agora, dão um sentido à minha vida”**

- Fonte de afectividade – relação eterna: **“ela fica para sempre, não é?”**

- Sentido para a vida: **“o meu filho significa atingir objectivos, tenho mais uma motivação para lutar por um futuro melhor...”; “Ele ajuda a esquecer a tristeza.”**

- Ter alguém só para si/ relação de intimidade: **“Temos uma relação muito forte, é a única relação mais íntima que tenho.”**

- Ligação fusional: **“Gostava de fazer coisas em conjunto, sabes? Sozinha não, em conjunto, os dois sempre juntos. Nós somos inseparáveis, ele está sempre comigo”**

Relativamente ao ser mãe, as emoções já assumem um teor menos positivo, com muitos medos, preocupações, instabilidades, culpabilização e arrependimento: **“o meu marido pôs-me os cornos. Foi como se o mundo me caísse em cima. Desabou tudo. Discussões horríveis, à frente da menina e tudo. Ele também se desleixou bué com ela, não lhe ligava nada, e acho que isso me custou mais a mim... queria que com a minha filha fosse tudo diferente”; “gostava que a gravidez acontecesse noutra fase...”**.

O ser mãe está intimamente ligado ao papel que desempenharam na infância enquanto filhas, estando ainda em processo de revisão as suas vivências infantis com figuras significativas. Desta forma, o ser mãe depende da qualidade da relação conjugal, porque a mãe sente a dinâmica familiar como se fosse a filha, em quem se projecta. A gravidez e a maternidade são uma forma da jovem pedir que cuidem dela, reparando a sua infância perdida.

No que diz respeito à subsistência estão sempre dependentes do exterior: ou da família nuclear, ou da alargada, ou ainda da família do companheiro. O desemprego e

falta de autonomia económica, social e emocional restringem estas mães a espaços que não são seus, passando muitas vezes a existir uma maternidade partilhada: **“de resto, todos tomam conta da bebé em casa, até o meu pai e o meu irmão, e a minha irmã aos fins-de-semana”**.

A maternidade é também sentida como uma prisão, ou como um obstáculo à liberdade sonhada, na medida em que conquistando o estatuto de adultas, perdem as regalias de serem adolescentes: **“sinto falta de sair à noite, ir para a praia, passear, estar com os amigos, ir a festas, curtir a vida...”**. Nesta fase surge com maior incidência as saudades do lar, sem o peso sofrido da responsabilidade, nesse tempo que sabem que já não volta para trás.

A partir daqui pareceu-nos óbvia a diferenciação que as adolescentes fazem entre ter um filho e ser mãe! As jovens demonstram a necessidade de terem um filho, para colmatar necessidades internas, procurando afecto, alguém para si, novos sentidos para a sua vida, mas não se sentem preparadas para ser mães, projectando-se no papel de filhas, tentando reparar a sua infância infeliz, e sentido o peso de já não serem mais adolescentes, dependendo dos outros para subsistir e garantir a subsistência os seus filhos.

Finalmente surge a categoria do medo de perder o filho, como elas se perderam da sua família: **“Tenho medo de perder o meu filho porque ele é tudo o que eu tenho”**; **“a primeira vez que fiquei longe da minha filha foi horrível...”** ; **“ela voltou zangada”**. É perceptível a angústia de separação, e a culpabilização pelo afastamento dos filhos.

Depois de analisados o sentimento sobre o lar, sobre a institucionalização, sobre os percursos após a saída do lar, e sobre a gravidez, parece faltar nesta investigação a voz de quem cuida e de quem decide os projectos de vida destas jovens, a outra face desta medalha, que poderá complementar a compreensão destes percursos de vida.

Para tal entrevistamos uma ajudante de lar e também a directora da instituição.

Os sentimentos de quem cuida

Sobre as ajudantes de lar realçamos a vida familiar disfuncional: **“O meu marido era ausente, era embarcado. Os meus filhos davam-se mesmo mal, se os deixava sozinhos matavam-se. Então comecei a levar o mais pequeno comigo. Ficava fechado na salinha do castigo, lá no lar. O maior ficava sozinho em casa. Batiam-se até ficar a casa cheia de sangue...paredes e tudo, mas eu tinha de ir trabalhar”**, o que as inscreve num registo de percursos de vida de risco, podendo reconhecer nos jovens os sentimentos de rejeição, exclusão ou inadequação, podendo favorecer alguma identificação com os residentes, e aproximação emocional. Por outro lado, a desorganização emocional inerente a este tipo de dinâmica familiar, pode não favorecer a capacidade de lidar com situações limite num lar de jovens, enviesando a capacidade de resposta das cuidadoras. O trabalho num lar de jovens implica, para estas mulheres, um sentimento de culpa relativamente à sua vida familiar, que sentem que negligenciaram: **“Nós não vivemos com a família, vivemos com a santa casa!”**.

Descrevem as tarefas de forma mecanizada, de forma similar à descrição das jovens: **“a nossa função é ajudá-los no dia-a-dia, na alimentação, higiene, cuidados à refeição... Eles quando lá entram sabem lá o que é uma colher! É como se estivessem em casa! Temos de lhes ensinar as regras, temos de ensinar tudo. Cada qual chega da sua maneira... uns são uns revoltados...”**

O clima vivenciado na relação com os jovens é de conflito e relações de poder: **“aprenderam a fazer queixa de nós por tudo e por nada; e dizem tu não me tocas senão...”**; **“E depois é a palavra deles contra a nossa”**; **“Já aconteceu sermos agredidas mas nós não lhes podemos tocar. É difícil controlar o stress! Cada vez elas estão mais do lado deles. Há dias em que o lar parece uma casa de índios!”**.

Esta luta com as crianças e adolescentes resulta em sentimentos de exaustão, depressividade e falta de motivação, tal como um sentimento de transitoriedade e de falta de reconhecimento e ingratidão das jovens: **“Esforçamo-nos muito e depois não dá resultado. E ficamos a pensar... será que vale a pena? O que andamos a fazer?”**; **“Acho que não somos reconhecidas! Para a grande maioria somos uma passagem”**

Sobre a opinião sobre os jovens fica marcada com uma tonalidade negativa, havendo um reforço das características agressivas em detrimento das carências afectivas: **“são muito agressivas, muito revoltadas... mas por outro lado também são carinhosas... depende das alturas”**; **“Eles são terríveis, mal-educados”**; **“É preciso ter muita paciência, eles sabem tirar uma pessoa do sério”**.

Sobre a institucionalização de crianças em risco, demonstram uma opinião negativa: **“É a história do temporário, e depois passam lá anos e anos. O melhor era porem os miúdos em famílias de acolhimento, aqui tudo ao molho não resulta”**. O tema da institucionalização assume um carácter íntimo que se cruza com a sua vida familiar: **“Eu também sou uma espécie de família de acolhimento deste meu filho (referindo-se ao neto). Ele chama-me mãe. Ele sabe que tem outra mãe, mas com os pais dele também não podia ficar, Deus me livre, então para ele não ir parar a nenhuma instituição eu disse ao meu filho que ficava com este. Os pais dele não se souberam organizar, agora sobra para mim, claro!”**

Sobre a saída das jovens do lar, depois de períodos prolongados de tempo, as respostas são fugidias e sem ressonância afectiva: **“Eu odeio despedidas. Não suporto fazer as malas. Tenho trauma! No lar nunca gostei das despedidas por causa disto.”**; **“Depois é tudo muito rápido. Saem e pronto! Vão à sua vida... passados uns dias entram os novos”**. Fica desta forma evidenciado o carácter transitório destas crianças para os cuidadores, a falta de vínculos afectivos e de envolvimento emocional, existindo para além disto a ideia de substituição, onde uns saem, e entram outros, numa indiferenciação total e avassaladora de cada criança e de cada jovem que passa e que vive anos a fio, naquele lar.

Relativamente à função de um lar de jovens e a sua relação com as famílias dos residentes, remetem a função de ser família para o agregado familiar, demitindo-se dessa posição de forma muito expressiva quando confrontada com os laços de familiaridade: **“não, porque não é essa a função do lar de jovens! A família está lá fora, e a maioria volta para casa ao fim de uns anos.”**

Parece existir alguma rivalidade com a família das jovens, como se eles ficassem com o estatuto, e as ajudantes de lar, com o trabalho de tomar conta dos filhos dos outros, sendo os afectos depois remetidos para quem está longe: **“Mas eles não dão o braço a torcer, a família era sempre a melhor!”**

Criticam a forma como são feitas as saídas, sem preparação das jovens para a vida fora do lar, ridicularizando as competências das jovens, num tom agressivo, como se de alguma forma as culpabilizassem pela falta de reconhecimento que também é evidente, para além do ambiente artificial que caracteriza a vida num lar, onde até a comida é produzida fora da instituição: **“eles não saem preparados! Nem sabem estrelar um ovo! Porque pensam que somos as empregadas deles! É sempre assim, a história repete-se. Eles estão ali, estão num hotel! Não querem aprender nem nós podemos ensinar nada. Agora já nem temos cozinha. Só os bolos! O resto é tudo comida que já chega feita lá de fora! Eles não dão valor ao que têm aqui dentro!”**

Sobre a gravidez e maternidade das jovens, salientam a sua incompetência, deixando em aberto a falta de alguém que ensine as jovens a serem mães, sendo que ninguém assume essa responsabilidade: **“não aprendem nada. As mães estão lá fora. (ri-se, com um ar irónico). Algumas estão juntas ao fim-de-semana. Aí aprendem tudo o que não deviam. Às vezes vão aprendendo a tomar conta dos irmãos mais novos...”**

Sobre os motivos e contexto da gravidez das jovens reduzem tudo à sua irresponsabilidade, demonstrando uma crassa falta de empatia e de capacidade de se porem no lugar das residentes: **“porque não têm nada dentro da cabeça. São irresponsáveis. Nem aprendem com o mau exemplo umas das outras.”**

Atribuem ainda a gravidez à mudança para a vida adulta, aliando-a ao desejo de liberdade: **“É para mostrarem que já são mulheres e que já ninguém manda nelas”**, evidenciando novamente, a questão da relação de poder com os residentes.

Os sentimentos de que coordena e decide:

Finalizamos a investigação com o ponto de vista da directora da instituição, tentando entender como se decide e o que se sente no trabalho com crianças e jovens em risco, num lar de infância e juventude.

O sentimento de dificuldade em responder e em identificar concretamente sentimentos e situações foi marcante durante esta entrevista.

Sobre o seu trabalho, a directora refere apenas: **“É difícil gerir o dia-a-dia. Trabalhamos mais com a parte emocional, temos de ter disponibilidade... sangue frio, saber ouvir.”**

Relativamente à caracterização dos residentes do lar, a directora centrou-se no sentido de procura de alguém e de um futuro, por parte das crianças institucionalizadas: **“vou-te dar antes uma imagem. Cada um entre muitos à procura de um lugar ao sol! Alguém só para si. À procura de uma vida e de um futuro diferente.”**

Sobre a função da instituição, e a sua (in)capacidade de holding, fica registada a impotência para garantir a individualidade de cada criança, com uma figura de referência que os faça sentir únicos e especiais, e que seja “alguém só para si”: “Isso é o desejo deles. Dificilmente... podem encontrar alguém que olhe por eles. Aqui há sempre alguém que os ampara nas quedas”; havendo uma diferenciação muito manifesta das funções da família: **“porque nós não somos a família deles! Mas é aqui que encontram essa segurança, o beijo, o abraço, o ralhete... Eles não têm a noção. O ser respeitado. Mas aqui não conseguimos dar a individualidade que desejamos.”**; **“Aqui é difícil ser a figura maternal, ou paternal, porque também não queremos substituir a família, como é óbvio!”**

No que diz respeito ao lar poder ser sentido como casa, a directora discorda: **“não digo a sua casa, mas a casa. Chegar e saber que há a refeição, o banho, a roupa lavada, e a pessoa que acorda e a que deita. Há ritmos. Há lógica. Há muitas adaptações neste primeiro mês no lar. Depois há o futuro”**

Sobre este trecho é interessante reflectir sobre os limites temporais: há a chegada, a adaptação ao lar no primeiro mês, e depois há o futuro! Entre a chegada e o futuro, as crianças ficam presas numa rotina de refeições, banhos e ritmos de sono. A vida resume-se a esta “lógica”, e a esta ausência continuada de afecto, de atenção, de desenvolvimento emocional, de individualidade! ...

Fica um sentimento de impotência para quem tem a responsabilidade sobre estes projectos de vida: **“é difícil, as respostas nem sempre são as que queríamos. Nem sempre existem respostas adequadas”**.

Sobre as ajudantes de lar, refere o risco evidente de burn-out: “É uma área em que há um desgaste muito rápido, entram facilmente em derrapagem é muito difícil gerir este dia-a-dia. O pensar, e o agir e o não agir...”. E sobre o seu trabalho, refere que: **“o mais difícil é gerir a questão económica. E também fazer o recrutamento de trabalhadores com perfil, e adequar o dia-a-dia às necessidades dos menores”**, deixando em branco a gestão de afectos, de comportamentos, de emoções, das situações limite, das decisões sobre o presente e o futuro destes jovens acolhidos.

Sobre as fragilidades da institucionalização, é referida então a incapacidade afectiva: **“O que foge mais é o lado afectivo e emocional, para compensar as lacunas existentes, esperar o outro enquanto físico, aquilo que não se tem... A instituição também não pode preparar para a saída.”** Pergunto o que falta. **“falta espaço disponível para ganharem autonomia, com esta estrutura e número de crianças não conseguimos tentamos, mas...”**

Mais uma vez ficou expresso o sentimento de impotência, focando dois pontos importantes em que sente que a instituição é incapaz de funcionar: na compensação das lacunas afectivas, e na preparação das jovens para a saída do lar! O que vai de encontro à nossa teoria, e corrobora toda a vivência descrita pelos trajectos de vida das jovens que viveram em acolhimento prolongado.

Sobre as expectativas sobre a maternidade das jovens, fica registada a falta de confiança nas suas competências, justificada, de certa forma, pela incapacidade do lar em reestruturar os modelos internos das jovens: **“quando não se tem muito dificilmente não se dá... o ter sido cuidado, embalado, ter sido prioridade na vida de alguém, nós não lhes conseguimos transmitir! Quando cá chegaram já não era possível reformular! Resulta principalmente nos primeiros anos de vida. As coisas depois complicam-se quando os bebés têm de ser cuidados, vestidos... elas também não foram cuidadas e continuam sem suporte familiar.”**

Conclusões

As jovens continuam, de facto, sem ninho, mas com os seus filhos agregados aos seus não-lugares. Talvez essa ligação afectiva com os filhos lhes construa, internamente, uma casa onde possam morar, e o tempo as ajude a construir cá fora um espaço para serem alguém, sem medos, sem fragilidades, onde se votasse a preencher o vazio.

Talvez esta maternidade lhes permita adquirir uma identidade que se sobreponha à sua herança familiar, e que a vontade de dar o que não tiveram, não se desvaneça na luta pela sobrevivência.

Os factores de risco são vários. O factor de protecção é ver que as jovens continuam à procura do amor, dos laços, dos afectos. Que apesar de receberem mensagens negativas constantes do mundo e da vida, são resilientes ao ponto de conseguirem partilhar a sua história, de a conseguirem pensar em voz alta, o que lhes exigiu uma pré-organização interna do caos que nos transmitiram, e a coragem de sentir a adversidade da qual não as conseguimos proteger!

Talvez estas gravidezes representem uma derradeira oportunidade de se inserirem num mundo que sentem que não é seu...

ANEXO D – ENTREVISTA 1

<p><u>Notas da primeira entrevista - Ana (15 anos), e Raquel (17 anos)</u></p> <p>A <u>entrevista foi difícil de marcar</u>. Combinámos num local perto da casa delas, onde a Raquel me foi buscar <u>com hora e meia de atraso</u>. Veio acompanhada da <u>mãe do namorado</u> e fomos as três até ao bairro onde moravam.</p> <p>Em casa esperava-nos a Ana, grávida de quatro meses. Ana é uma adolescente bonita, com “<u>cara de bebé e corpo de mulher</u>”, muito rebelde, “<u>indomável</u>”, e <u>provocadora</u>. A irmã Raquel é mais discreta, muito bonita, e apresenta uma <u>postura permanente de revolta</u>. Fazem parte de uma fratria de cinco irmãs, sendo que as duas mais velhas são gémeas e têm 18 anos e a mais nova tem três anos. As gémeas também estiveram institucionalizadas, uma está grávida de 9 meses, e <u>reside com o namorado e sogros</u>, e a outra está na casa de uma tia. A irmã mais nova sempre residiu com os seus pais. <u>A mãe já foi prostituta</u>.</p> <p>Pelo caminho a Raquel falou da sua saída do lar, <u>criticando as técnicas e queixando-se da falta de condições que encontrou em casa</u>: “<u>eu sempre disse que me queria ir embora do colégio</u>. Nunca gostei daquilo, <u>tem demasiadas regras e horários e assim... mas eu também não queria voltar para casa...</u>”; “em casa não há condições, <u>ninguém se preocupa, a minha mãe não faz nada, não cuida de nós, e nós somos menores!...</u>”</p> <p>A Raquel saiu há alguns meses do lar, e queixa-se que <u>nem o lar nem a mãe a matricularam na escola, que teve de abandonar por esse motivo</u>. Também não trabalha porque não encontra emprego “uns dizem que sou muito nova, outros pedem escola...”</p> <p>Refere que <u>a mãe também está desempregada</u> e que não mostra motivação para encontrar trabalho, sendo que quem sustenta a casa é o padrasto.</p> <p><u>Descreve os seus dias como longas esperas pelo namorado, que trabalha nas obras e chega ao fim da tarde</u>: “chega cansado, e depois fica com sono, e <u>eu nunca quero que ele</u></p>	<p>Desorganização</p> <p>Sogra</p> <p>Imaturidade</p> <p>Falta de limites internos</p> <p>Revolta</p> <p>Sogra</p> <p>Dependência da família do namorado</p> <p>Prostituição</p> <p>Critica ao lar</p> <p>Falta de condições em casa</p> <p>Desejo de sair do lar</p> <p>Lar como prisão</p> <p>Falta de pertença</p> <p>Desamparo</p> <p>Abandono familiar</p> <p>Abandono escolar</p> <p>Desemprego da jovem</p> <p>Desemprego dos pais</p> <p>Companheiro como ancora</p> <p>Falta de actividades</p> <p>Desorganização</p> <p>Desamparo</p> <p>Solidão</p>
--	--

<p><u>adormeça, é a única parte do dia em que tenho companhia, lá em casa é tudo aos gritos, e depois ele também tem de levantar cedo...é uma seca!”</u></p>	<p>Carência afectiva Gritos</p>
<p><u>Descreve a sua infância como má, afirmando que era maltratada pela mãe porque esta nunca cuidou das filhas. Repete várias vezes que a mãe nunca trabalhou para lhes dar de comer, que é o padrasto que paga as coisas de casa e que são os namorados de cada uma que lhes pagam as coisas pessoais “tipo ténis e fios, dá bué ouro e isso”.</u></p>	<p>Maus tratos infantis Zanga/mágoa com reunificação Diferença de género Valorização de bens materiais</p>
<p><u>Chegando ao bairro acabam os transportes, e entra-se num mundo diferente e degradado, feito de casas sujas e desalinhasdas, e olhares desconfiados...</u></p>	<p>Bairro degradado</p>
<p><u>Já em casa, ao lado da irmã, a Raquel refere que quando lhe anunciaram a saída do lar, sentiu alegria e tristeza ao mesmo tempo, “alegria porque aquilo parecia uma prisão”, e tristeza por causa “de ter de sair da escola, alguns amigos, as senhoras...” (ajudantes de lar). Diz que depois se perderam os contactos e não se mantiveram as relações “vida nova, gente nova”.</u></p>	<p>Alegria Tristeza Confusão de sentimentos Lar como prisão Corte com figuras de referência Saudades do lar</p>
<p><u>A Ana já saiu do lar há mais de dois anos, porque “não gostava de tar no colégio”, “aquilo era uma prisão”. Ao contrário da irmã, diz não sentir saudades de nada do lar. Frequenta a escola à noite, e de dia diz que não faz nada ou que passeia. Diz que quem faz as regras em casa é o “marido da mãe”, com quem se dão “mais ou menos”; “nunca falamos com ele”.</u></p>	<p>Lar como prisão Corte com figuras de referência Falta de actividades Diferenças de género</p>
<p><u>As irmãs falam da gravidez de uma das gémeas, que está quase na altura do parto, dizendo que ela está a morar com o namorado, e que foi uma gravidez não planeada “eu acho que foi sem querer”, “acho que reagiu bem, não podia fazer nada, é normal, aconteceu...”</u></p>	<p>Gravidez não planeada Aceitação passiva da gravidez</p>
<p><u>Relativamente à gravidez da Ana, que estava de quatro meses, esta diz “então, aconteceu, aconteceu!”... A Raquel explica que a Ana andava a ter relações sexuais sem protecção há meses e como ainda não tinha engravidado pensou que o corpo dela não funcionava porque “estava podre por dentro”, e então foi ao médico perguntar se estava doente. “ela vira-se para a médica e</u></p>	<p>Banalização da gravidez Falta de contraceção Fertilidade Imaturidade</p>

<p><u>diz assim – eu não posso ter filhos!- e a mulher disse: - podes sim, porque tu estás grávida! (risos)” . A Ana confirma “fui ver se tava doente porque não tinha filhos e ela disse-me que eu tava grávida”.</u></p> <p>A reacção da Ana foi <u>começar a chorar no médico</u>. A Raquel esclareceu que irmã começou a chorar “de nervos”, ao que a irmã corrige “Nervos? Era é de medo, <u>‘tava cheia de medo. Não queria... sei lá, não tinha isto planeado!’</u>”</p> <p>Diz que <u>não usavam protecção, repetindo o “aconteceu, aconteceu!”</u>.</p> <p>Relativamente ao futuro próximo, a Ana diz que se calhar <u>vai para casa do namorado</u>, com quem namora há menos de um ano, <u>acabando de concluir que isso é pouco provável, porque a mãe dele não reagiu bem à ideia da gravidez, “ficou com raiva, porque era o filho mais novo... (15 anos).</u></p> <p>A Ana diz que a sua mãe “<u>ficou muito nervosa e assim</u>”, e que as irmãs nem acreditaram. A Raquel diz que não acreditaram porque a Ana “é uma beca mentirosa”, e que <u>ficou assustada com a ideia</u>.</p> <p>A Raquel diz que a ela “<u>isso não vai acontecer</u>”, porque se <u>preocupa com essas coisas, “houve um dia em que o preservativo rebentou e eu no dia seguinte tomei logo a pílula do dia seguinte.”</u></p> <p>Ambas afirmam que <u>não tomam a pílula porque se esquecem de a tomar e desistiram de tentar</u>.</p> <p>A Ana <u>diz com um ar desanimado que já se habituou à ideia de estar grávida</u>, realçando no entanto que “<u>a barriga ainda não se nota muito</u>”. Relativamente aos planos que tem para ser mãe, diz “<u>vou estudar, vão-me ajudar... a minha mãe vai-me ajudar</u>”, e <u>quando confrontada com o desemprego da mãe responde “não, mas ainda falta muito, ela depois vai começar a trabalhar...”</u></p> <p>Refere ainda que se calhar vai <u>ter de ir para um colégio “de mães solteiras, sei lá”, se o padrasto não a deixar ficar em casa</u>. Mas <u>revolta-se logo com a ideia, “se eu for lá nem vou ter fins-de-semana nem coiso”</u>, “<u>eu não quero ir para um colégio, pá</u>.”</p>	<p>Choro</p> <p>Medo Gravidez não planeada Falta de contraceção</p> <p>Dependência da família do namorado Sogra Companheiro adolescente Nervos</p> <p>Susto</p> <p>Controlar o destino</p> <p>Contraceção</p> <p>Incapacidade para tomar a pílula Dificuldade em aceitar a gravidez Preocupação com o corpo Imaturidade Incapacidade de planear o futuro Pensamento mágico Desejo que cuidem dela</p> <p>Nova institucionalização Desamparo Revolta Lar como prisão Mágoa Dependência da</p>
---	--

<p><u>Não quero e não vou! Já tive tantos anos num colégio para ir para outro, não!”</u></p> <p>Diz que ainda não sabe se é menino ou menina mas que preferia um rapaz porque “as meninas são muito mimadas, e eu não... não ia ter paciência!”. <u>Diz que o namorado ficou contente quando soube que ia ser pai. Acha que “já está mais que preparada para ter filhos”,</u> mas quando questionada se está preparada para cuidar de uma criança ela responde “<u>Ah, para isso ainda não tou preparada”,</u> e relativamente ao parto afirma “<u>ainda é cedo para pensar nisso. Que horror!”</u>.</p> <p><u>Sente-se apoiada pela mãe e o seu maior receio é ter de ir para um colégio. O que imagina para o futuro do filho é “o melhor para ele, o que eu não pude ter”,</u> explicando que teve uma infância “muito má”, tendo sido institucionalizada com dois anos, mas respondendo “<u>não sei”</u> quando questionada pelos motivos da <u>institucionalização.</u> A Raquel responde a essa questão “<u>a mãe não cuidava de nós. E sei lá mais o quê. Nem quero saber!”</u>.</p> <p>Depois entra uma vizinha para falar com a Ana, para “<u>meter juízo na cabeça desta menina</u>”. <u>Referiu que na família do namorado da Ana não havia condições para receber esta criança,</u> porque havia problemas de <u>toxicodependência ou alcoolismo,</u> <u>violência doméstica e tinham um filho deficiente.</u> Aconselhou a Ana a ir para um colégio, explicando que “os passarinhos primeiro fazem o ninho antes de porem lá os ovos”.</p> <p>A Raquel veio trazer-me à “cidade”, <u>pediu desculpas pela “casa de pobre”,</u> e repetiu que <u>tinha saudades do colégio.</u> Sobre a irmã disse ainda “ela teve foi muita sorte nos primeiros meses daquilo, se <u>tivesse tantos filhos como as vezes em correu o risco,</u> a casa agora era uma creche”.</p> <p>Sobre o seu projecto de maternidade, a Raquel diz que “<u>também gostava de ter filhos agora, mas não vou ter porque não posso, nem tenho casa...mas quero ter antes dos 18!”</u>. Explicou que depois se fica velho para acompanhar os filhos na escola e “não quero ser cota e terem de ser eles a cuidar de mim”, “aos dezoito a gente já não é considerado menor né? <u>E depois vêm as</u></p>	<p>família alargada</p> <p>Imaturidade Pensamento mágico</p> <p>Incapacidade de planear o futuro Medo do parto</p> <p>Apoio familiar</p> <p>Dar o que não teve Institucionalização de longa duração Incapacidade de se confrontar com o sofrimento Maus tratos infantis</p> <p>Falta de confiança nas competências da jovem Família disfuncional Toxicodependência Alcoolismo Violência doméstica</p> <p>Vergonha Saudades do lar</p> <p>Correr o risco</p> <p>Controlar o destino Ser mãe aos 18</p> <p>Gravidez para prender o</p>
---	--

<p><u>gajas dos outros bairros atirarem-se aos nossos namorados, tão sempre a fazer-se a eles... e a gente tem de lutar por eles”.</u></p>	namorado
--	----------

ANEXO E – ENTREVISTA 2

Notas da Segunda entrevista: Esperança (19 anos)	
<p>A Esperança é uma jovem bonita, madura, orgulhosa e simultaneamente frágil. <u>Engravidou aos 18 anos</u>, depois da sua saída do lar de jovens, <u>onde cresceu desde os seus 8 anos</u>.</p> <p><u>Chegou uma hora atrasada</u>. Trouxe a filha, num carrinho que mal se podia transportar num prédio antigo como o do lar, onde nos encontrámos. Pediu desculpa pelo atraso e justificou que tinha sido o <u>primeiro dia de ama para a filha</u>. A bebé tem 4 meses, tem os traços faciais muito específicos e iguais aos da mãe, diferindo apenas na cor de pele. Estava sorridente e comunicativa, interagindo espontaneamente com todos os que se dirigiam a ela no caminho até à sala. <u>A Esperança olhava para a filha com orgulho</u>.</p> <p>No início da entrevista, a jovem <u>procurava fraldas para a bebé num saco visivelmente vazio, dizendo que achava que a filha estava “com cocó”, e que a ama devia ter tirado as fraldas todas, mostrando-se descontente com este procedimento</u>. Perguntei como tinha corrido essa primeira manhã na ama, ao que a Esperança respondeu que coreu bem, porque a ama disse que a bebé não tinha sentido a falta da mãe, não tendo chorado. Pareceu um discurso ambivalente, onde <u>a Esperança demonstrava alívio e desconforto simultaneamente</u>.</p> <p>A Esperança deitou a bebé no carrinho enquanto começou a falar de forma espontânea sobre a gravidez. Disse que a bebé <u>“andou dentro da barriga uma semana a mais”, e que lhe “rebutaram as águas quatro vezes “porque ela não queria sair de lá de dentro”</u>. Mostrou <u>descontentamento face aos médicos, dizendo que são incompetentes por terem duvidado dela no que respeita ao rebentamento múltiplo das águas</u>, porque “o que sabem eles se foi a mim que aconteceu? Eu é que senti aqueles líquidos todos a saírem cá de dentro, eu é que sei...”</p> <p>Sobre a gravidez disse que correu bem, mas depois corrigiu a ideia e disse que afinal não tinha corrido assim tão bem,</p>	<p>Ser mãe aos 18 Institucionalização de longa duração Desorganização</p> <p>Ama</p> <p>Orgulho na filha</p> <p>Desorganização</p> <p>Desconfiança do exterior</p> <p>Confusão de sentimentos</p> <p>Medo do parto Imaturidade</p> <p>Desconfiança do exterior</p>

<p>porque só depois de a bebé ter nascido é que descobriu que existia outro feto, gémeo da filha, que não se tinha desenvolvido e tinha ficado “dentro da barriga”. <u>A Esperança relata esta história sem grande ressonância afectiva, como se estivesse a falar de outra pessoa, reprimindo as emoções.</u> Conta então que nos últimos meses sentia “os órgãos a mexer-se”, mas não sabia o que era. Um dia estava a tomar banho e “<u>saiu uma coisa esquisita de dentro da vagina, não sabia o que era e então puxei para fora</u>”, e pensou que “talvez fosse normal, <u>talvez acontecesse a todas as mulheres</u> depois do parto”. Como os seus “órgãos” continuavam a mexer, ela decidiu contar aos médicos o que se passava. No dia da consulta foi à casa de banho e reparou que estava a sair novamente qualquer coisa parecida à da outra vez. Desta vez chamou as enfermeiras para a observarem e estas “puxaram uma coisa grande” para fora e disseram que “aquilo era um feto”. A jovem apressou-se a responder “<u>isso não pode ser porque eu tenho tomado sempre a pílula</u>”, ao que as enfermeiras responderam que “não era de agora, era um feto que não se tinha desenvolvido e que era gémeo da bebé”. Perguntaram à Esperança onde tinha sido o parto, e ela respondeu que tinha sido numa maternidade. Esta pergunta deixou a jovem muito incomodada, dizendo “elas perguntaram se tinha sido ali o parto porque <u>os médicos devem ter feito asneira, ainda deixaram cair para cá alguma coisa e agora dizem que era um feto...</u>”. Da gravidez lembra-se com desgosto de ser obrigada a fazer “o toque porque doía muito, a mão do médico saía cheia de sangue”, e <u>não sabia explicar ao namorado que estava dorida e por isso preferia não ter relações sexuais.</u></p> <p>Sobre o parto a Esperança <u>explica que foi uma cesariana,</u> porque a criança tinha quase quatro quilos, e que lhe deram oito epidurais. Nesse dia esteve na maternidade em consulta e estava previsto ter sido internada, mas mandaram-na para casa. No caminho foi de táxi e começou logo a ter contracções, regressando para a maternidade pouco tempo depois. Diz que ficou as semanas a <u>seguir ao parto “meio drogada”, por causa das epidurais, que “parecia uma zombie por culpa dos médicos”.</u></p>	<p>Falta de ressonância afectiva</p> <p>Dentro/fora Desamparo Falta de apoio</p> <p>Contraceção</p> <p>Desconfiança do exterior</p> <p>Desamparo Dificuldade em comunicar com o companheiro Parto</p> <p>Culpabilização do exterior Dificuldade de adaptação ao bebé Depressividade</p>
--	---

<p>Descreve este estado como estando “ausente, estava lá e ao mesmo tempo não estava”. Justifica que estava assim na primeira visita ao lar, quando “veio mostrar a menina”, quinze dias depois desta ter nascido. Relata que nesse dia se “zangou com toda a gente”, e cortou relações com as ajudantes de lar com quem mantinha uma relação privilegiada. Zangou-se porque a filha estava “com cólicas” e por isso chorou muito, e o “choro da bebé incomodou muita gente”, tendo havido comentários e atitudes que a deixaram magoada. As senhoras desconfiaram que a bebé “tinha o rabo assado”, e aproximaram-se da bebé para “lhe abrirem as pernas e espreitarem para dentro da fralda”, tendo havido um comentário da parte de uma delas que foi “aprende comigo que eu não duro sempre”, o que deixou a jovem muito irritada. Diz que ninguém pode dizer que ela é má mãe, porque nada tem faltado à criança, mas parece que “os outros estão sempre à procura de defeitos”. Diz que também lançaram a suspeita de ela andar a bater à bebé, por causa de umas manchas vermelhas que a criança tem na testa, e que a Esperança diz que são de nascença, e que não bateu na filha.</p>	<p>Visita ao lar Procura de laços</p> <p>Zanga Revolta</p> <p>Falta de confiança na competência da jovem</p> <p>Hipersensibilidade à crítica</p> <p>Eficácia materna Medo de ser julgada Desamparo Hipersensibilidade à crítica Suspeitas Mágoa com o lar</p>
<p>Sobre as circunstâncias em que surgiu a gravidez, a Esperança refere que foi tudo “uma confusão”, porque ela estava a viver com o namorado no Alentejo, e pensaram que seria uma boa altura para terem um filho porque “estava tudo bem e já tinham idade”. Então a Esperança deixou de tomar a pílula, mas uma semana depois mudaram de ideias porque o banco lhes “chupou o dinheiro todo” e os contratos de trabalho iam acabar. No entanto, a Esperança já tinha engravidado, tendo ficado “confusa quando se confirmou a gravidez”. Diz que ficou “contente e preocupada ao mesmo tempo”, sem saber como ia sustentar a criança. O pai da bebé ficou contente, “começou a telefonar a toda a gente a contar que ia ser pai”.</p>	<p>Confusão Autonomização Ser mãe aos 18 Incapacidade de planear o futuro Falta de contraceção Arrependimento Desemprego Confusão de sentimentos</p> <p>Imaturidade Virilidade/Estatuto</p>
<p>A gravidez não mudou muito a aparência da Esperança, que diz que a barriga mal se via, e diz com orgulho que na rua os homens lhe “mandavam piropos na mesma”, e que a irmã (mais nova e ainda institucionalizada) lhe invejou o corpo. No entanto,</p>	<p>Preocupação com o corpo Dificuldade em aceitar a gravidez Aceitação progressiva da</p>

<p>no fim da gravidez, a jovem sentiu a falta de dar mais visibilidade ao seu estado, e começou a vestir roupa maior e que fizesse sobressair a barriga. <u>A Esperança tinha um bebé fantasiado, que seria uma menina, de pestanas compridas e olhos rasgados, de bochechas grandes (igual a ela), e diz que a filha “saiu igual à que tinha imaginado”.</u></p>	<p>gravidez Capacidade de imaginar o bebé</p>
<p><u>Engravidou poucos meses depois de ter saído do lar, onde viveu desde os oito anos.</u> Diz que ela e os irmãos foram institucionalizados porque <u>a mãe foi presa por tráfico de droga e o pai era alcoólico.</u> A mãe ficou presa durante três anos, <u>separou-se do companheiro, e acabou por falecer com Sida quando a Esperança tinha 14 anos.</u> Diz que <u>não lidou bem com a morte da mãe,</u> que no funeral se sentiu mal e teve de se ir embora. <u>Relembra a mãe como alguém próximo,</u> de depois da prisão “meteu na cabeça que tinha desaprendido de ser mãe”, e que tinha medo de já não saber do que é que os filhos gostavam. No primeiro fim-de-semana em casa lembra-se que a mãe só cozinhava batatas fritas, e que ela disse à mãe para parar porque já estavam fartos de batatas fritas e também gostavam de outra comida. <u>Diz que sente muito a falta da mãe, e sentiu isso principalmente “na adolescência que é quando as raparigas mais precisam de uma mãe”.</u> Relativamente ao pai, o sentimento já é diferente, e apesar de ele nunca lhe “ter tocado”, <u>nunca se deu bem com ela.</u></p>	<p>Institucionalização de longa duração Família disfuncional Prisão Tráfico de droga Alcoolismo Separação do casal Sida Luto</p> <p>Memória positiva da mãe</p>
<p>Quando saiu do lar foi morar com este pai, mas depois o <u>“ambiente estava tão mau”, que saiu de casa “muitas vezes”,</u> passando uns dias em casa de amigas, de ex-residentes do lar, até que <u>foi para a terra onde o namorado estava a trabalhar no Alentejo.</u> Lá empregou-se numa fábrica e alugaram uma casa. <u>Quando ficaram desempregados,</u> durante a gravidez, não podiam pagar mais a renda e <u>mudaram-se para casa do pai da Esperança,</u> onde <u>residem agora com a bebé, o pai e o irmão da jovem, e um tio.</u> Segundo a Esperança “há espaço para todos”, desviando o <u>olhar...</u></p>	<p>Desamparo Carência afectiva</p> <p>Tristeza Mágoa</p> <p>Família disfuncional Desamparo Falta de pertença</p> <p>Autonomização</p> <p>Desemprego Dependência da família alargada</p> <p>Desorganização</p>
<p>A questão do <u>racismo</u> também faz parte da história do</p>	<p>Racismo Sogra Falta de apoio</p>

<p>namoro deste casal, dado que a <u>mãe do namorado nunca aceitou bem a gravidez e criou uma má relação com a Esperança</u>, que diz que ela também <u>tentava interferir nos cuidados prestados à bebé</u>, o que as afastou ainda mais. <u>A zanga começou quando a sogra contou a história de vida da Esperança aos restantes familiares que depois abordaram a jovem “com pena, do tipo coitadinha, ficaste sem mãe, ela tinha Sida e o teu pai é bêbado...”</u></p> <p>A Esperança <u>deixou também a escola</u>, apesar de antes ser “<u>uma aluna excelente</u>”. Diz que “<u>não compensava continuar a estudar, porque depois do 12º tinha de ir para trás de um balcão na mesma</u>”, nunca tendo aspirado tirar um curso superior.</p> <p>Diz que nada falta à filha, que tiveram um <u>bom apoio material da Santa Casa da Misericórdia</u>, e que comida e fraldas não faltam <u>porque o irmão compra muita coisa, “e as pessoas vão dando</u>”. Diz que <u>o namorado também já encontrou emprego por cá e que ia começar a ganhar bem</u>. Ela ia começar a procurar emprego no dia seguinte.</p> <p>Diz que a experiência de ser mãe está a ser positiva, porque também <u>sente muito apoio dos irmãos</u>, e porque aprendeu muito com os erros dos outros, referindo-se a uma estadia em que esteve na casa de outra ex-residente e que ajudou a tomar conta do filho dela, dizendo que “<u>aprendeu tudo o que não se deve fazer</u>”. Diz que <u>leu muitos livros sobre bebés durante a gravidez</u> porque “<u>já sabia que depois não ia ter ninguém para a ensinar</u>”. O maior <u>receio que tem é que a critiquem</u>. As expectativas dela em relação à filha são que ela tenha “<u>uma vida boa, melhor que a da mãe</u>”, e imagina o seu futuro “<u>melhor do que o presente, com casa própria e emprego</u>”. <u>Refere que imagina o seu companheiro com um “emprego em que ganhe muito bem”, e ela com um “assim-assim.”</u></p> <p>Durante a entrevista a bebé esteve entretida, balbuciando de vez em quando e choramingando noutras, nas quais a <u>Esperança se virava para o carrinho ou a mudava de posição</u>.</p>	<p>Eficácia materna</p> <p>Zanga</p> <p>Falta de confiança no exterior</p> <p>Vergonha</p> <p>Abandono escolar</p> <p>Competência escolar</p> <p>Falta de aspirações académicas</p> <p>Apoio do lar</p> <p>Apoio dos irmãos</p> <p>Desejo que cuidem dela</p> <p>Emprego</p> <p>Apoio dos irmãos</p> <p>Desamparo</p> <p>Solidão</p> <p>Medo de ser julgada</p> <p>Dar o que não teve</p> <p>Diferença de género</p> <p>Sensibilidade materna</p>
---	---

--	--

ANEXO F- ENTREVISTA 3

<p>Notas 3: Gabriela (14 anos)</p> <p>A Gabriela é uma <u>adolescente depressiva, institucionalizada desde os seus oito anos.</u></p> <p>É filha de pais surdos, que por sua vez <u>também cresceram numa instituição de acolhimento</u>, onde se conheceram e de onde saíram por volta dos 17 anos.</p> <p>Tem um irmão de dez anos, que está institucionalizado com ela desde a mesma altura. Tem uma meia-irmã de quatro anos, que vive com a mãe e com o padrasto. Actualmente a mãe encontra-se grávida de uma menina.</p> <p>Os motivos da institucionalização dos menores foram a <u>toxicodependência do pai, maus tratos físicos e negligência dos pais, incluindo mendicidade dos menores, as dificuldades económicas do agregado familiar, situação de separação dos pais, desalojamento e comportamento abandonico dos mesmos.</u></p> <p>Durante dois anos, antes da institucionalização, a Gabriela e o irmão permaneceram numa <u>família de acolhimento, onde também foram vítimas de maus tratos.</u></p> <p>Actualmente <u>passa os fins-de-semana em casa da avó</u> paterna, onde também reside o pai da jovem, depois de ter estado internado num centro de recuperação de toxicodependentes. A mãe mantém o comportamento abandonico, aparecendo muito esporadicamente na instituição ou na loja da avó da Gabriela, mantendo pouco contacto com estes filhos.</p> <p>Por volta dos seus 13 anos, <u>a equipa técnica do lar optou por levar a Gabriela a uma consulta de planeamento familiar, e colocar-lhe um implante contraceptivo de três anos com o consentimento da jovem.</u></p> <p>Nas consultas de psicoterapia de apoio que realizámos posteriormente, o tema da gravidez e da sexualidade foi analisado por iniciativa da jovem.</p> <p>A Gabriela estava excitada com o facto de ter um implante contraceptivo, tendo <u>mostrado a marca do braço a toda a gente.</u> Disse que era para não engravidar quando tivesse “relações</p>	<p>Depressividade Institucionalização de longa duração</p> <p>Pais institucionalizados</p> <p>Toxicodependência Maus tratos</p> <p>Precariedade económica Separação do casal</p> <p>Família de acolhimento</p> <p>Fins-de-semana</p> <p>Planeamento familiar no lar</p> <p>Imaturidade</p>
--	--

<p><u>sexuais com alguém</u>”. Perguntou várias vezes e em diferentes dias se “<u>aquilo também dava para a as doenças</u>”, questionando várias vezes como se transmitia a Sida (um tio que vive em casa da avó da Gabriela, onde ela passa os fins-de-semana quinzenalmente, contraiu a doença).</p>	<p>Receio de doenças sexualmente transmissíveis</p>
<p><u>Sobre a ideia de ter filhos, a Gabriela diz “só quando acabar o implante”, isto é, por volta dos 17 anos, acrescentando “assim quando a criança nascer já sou maior de idade”</u>. Pouco tempo depois corrige esta ideia apresentando o seguinte discurso: “<u>ai não, eu só quero ter filhos lá para os 40 anos, para poder curtir a vida sem ter de estar a cuidar de putos.</u>”...</p>	<p>Impulsividade Ser mãe aos 18 Imaturidade Filhos para ser adulta</p> <p>Maternidade como prisão</p>
<p>Aos 14 nos, na altura em que no natal recebem uma visita surpresa da mãe na loja da avó paterna (depois de uma ausência de mais de um ano), e vêem que a mãe estava grávida (de sete meses), o tema da gravidez reaparece nas consultas.</p>	
<p>A Gabriela refere que <u>se sente magoada com a mãe, porque “está a conseguir ser uma mãe de jeito para a irmã mais nova e que ainda por cima está grávida outra vez”, sentindo-se desvalorizada e invisível perante a mãe.</u></p>	<p>Mágoa Desamparo</p> <p>Inveja</p>
<p>Diz que o projecto de vida dela passa pelo <u>regresso a casa da avó quando fizer 16 anos, altura em que acaba um curso profissional</u> que conta iniciar para o próximo ano lectivo.</p>	<p>Tristeza</p> <p>Curso profissional</p>
<p>Concluimos que por volta dessa altura acaba o prazo do implante contraceptivo que tem e que terá de se responsabilizar pelo seu planeamento familiar. A Gabriela diz que não vai querer ter logo filhos, porque quer <u>ser uma mãe boa para os filhos, melhor do que sua mãe foi para ela. Por isso conclui que só vai querer ter filhos “depois de ter uma casa e um emprego fixo”</u>. No entanto, diz que não faz ideia que idade terá nessa altura porque ainda <u>“não consegue imaginar”</u>.</p>	<p>Desejo de regresso a casa</p> <p>Dar o que não teve</p> <p>Responsabilidade</p>
<p>Diz que quer voltar para casa da avó, e continuar os estudos, sonhando ir para a <u>faculdade tirar um curso de língua gestual</u> para ser interprete e ensinar meninos na escola de surdos.</p>	<p>Incapacidade de imaginar o futuro</p>
<p><u>Não consegue imaginar a saída do lar nem a chegada a casa.</u></p>	<p>Aspirações académicas</p> <p>Incapacidade de imaginar o futuro</p>

<p>Diz ainda que a única coisa que não vai gostar <u>no regresso a casa</u> vai ser “<u>ir para longe, ter de deixar os amigos da escola e do lar</u>”. Refere que <u>vai ter muitas saudades</u>, por isso sonha <u>arranjar uma casa para ela perto o lar</u>, explicando “<u>foi aqui que fui criada e é aqui que conheço as pessoas e tenho os meus amigos. Lá no bairro também conheço mas é diferente.</u>”</p> <p>Diz que apesar de gostar de viver no lar <u>preferia estar em casa se tivesse condições para viver lá. Não consegue prever que aos 16 anos as “condições” não devem estar significativamente diferentes.</u> A Gabriela tem feito um movimento interno de converter a sua <u>figura materna na ajudante de lar</u> com quem mantém uma relação privilegiada, dizendo que esta sim, é a sua mãe de verdade porque <u>é quem está lá quando ela precisa, é quem lhe dá educação e atenção, e que neste momento ela não sabe o que é ter uma mãe.</u></p> <p>Portanto diz várias vezes que quer <u>ser uma mãe diferente e muito melhor do que a mãe que ela teve, para os filhos poderem ser mais felizes do que ela tem sido. Diz que aprendeu “com a mãe as coisas más e com a ajudante de lar as coisas boas para ser mãe”.</u></p>	<p>Regresso a casa Angústia de separação Saudades do lar Fantasia de morar perto do lar Lar como casa</p> <p>Desejo de regresso a casa Incapacidade de prever o futuro</p> <p>Procura de laços</p> <p>Figura de referência Ajudante de Lar Carência afectiva</p> <p>Desilusão</p> <p>Dar o que não teve</p> <p>Ajudante de lar Zanga com a mãe</p>
---	--

ANEXO G: ENTREVISTA 4

<p>Notas 4- Catarina, 17 anos.</p> <p>A Catarina é uma <u>jovem discreta e responsável, institucionalizada desde os seus sete anos</u>. Sente que durante estes 10 anos no lar, sempre se sentiu uma privilegiada, “era a menina das senhoras”, <u>sentindo-se mais mimada que as outras crianças do lar</u>.</p> <p>Veio de Angola com três anos, com o pai e o irmão mais velho. <u>A mãe ficou lá, e nunca mais tiveram contacto nenhum com ela</u>. Em Portugal ficou a viver com a avó paterna, o pai, o irmão e um tio.</p> <p>Da mãe traz apenas recordações antigas, lembra-se de mamar, dizendo que mamou até tarde, “até aos dois anos e tal”. Não se recorda bem da cara da mãe, nem de Angola, ficando apenas com <u>vagas imagens da casa, e de brincar na rua</u>.</p> <p>Quanto ao irmão mais velho, afirma com carinho que era ele que tomava conta dela. <u>O pai faleceu com cancro e pouco tempo depois a Catarina e o irmão foram institucionalizados em lares diferentes</u>, dado que o irmão já tinha 14 anos, e a maioria dos lares de crianças não aceita jovens maiores de 10 anos. <u>A avó acabou por falecer pouco depois do pai, num lar de idosos</u>.</p> <p><u>Diz que foi institucionalizada porque o pai faleceu, a avó já não tinha idade nem saúde para tomar conta de crianças e que “inventaram” que ela “tinha sido abusada pelo tio”</u>. Diz que não quer falar sobre isso porque <u>“foi tudo uma grande mentira de pessoas maldosas”</u>.</p> <p>Actualmente o irmão está casado, e a Catarina passa alguns fins-de-semana em casa dele.</p> <p>A Catarina refere que desde que o irmão casou sentiu uma <u>pressão muito grande da equipa técnica do lar para a sua saída definitiva, sendo que então o seu projecto de vida passaria pela sua integração no agregado familiar do irmão</u> (“desde que o meu irmão casou <u>elas querem-me pôr na rua</u>”).</p> <p><u>Refere com mágoa uma frase que a marcou e que a</u></p>	<p>Responsabilidade Institucionalização de longa duração</p> <p>Ajudante de lar Afectividade</p> <p>Separação total da mãe</p> <p>Memórias positivas</p> <p>Morte de um familiar próximo Separação dos irmãos</p> <p>Morte de um familiar próximo Compreensão da sua institucionalização</p> <p>Mentira</p> <p>Pressão para sair do lar</p> <p>Desamparo</p> <p>Mágoa</p>
--	---

<p>atormenta desde que a ouviu de uma das técnicas: <u>“isto aqui é um sítio de passagem, é transitório”</u>. A jovem comove-se quando tenta responder a essa questão <u>“mas isto aqui é a nossa casa, não temos outra, fomos aqui criados!”</u>...</p> <p>Afirma que foi no lar que <u>aprendeu a ser quem é, a relacionar-se com as pessoas, e diz que fez muitos amigos</u> ao longo destes dez anos. <u>Repete que sempre foi mimada, e que já sentia isso em casa, porque era a mais nova da família e porque o pai e a madrasta trabalhavam na escola dela.</u></p> <p>Conta com entusiasmo que os melhores momentos no lar foram as colónias de férias, as viagens e passeios. O que vai levar de recordação quando sair vão ser esses momentos e uma <u>ajudante de lar que tem como referência, mas que ocupa um lugar de “amiga e não de mãe”, porque “mãe é aquela que ficou em Angola”</u>.</p> <p>Actualmente a Catarina está a finalizar um <u>curso profissional</u> de animadora sócio-cultural, e diz que quer trabalhar nessa área. Diz que foi com o argumento de acabar o curso que se tem mantido no lar, porque <u>“tinha medo de atropelar a vida do meu irmão”, e “sentia que não estava preparada para sair”,</u> apesar de depois concluir <u>“isso é relativo, porque aqui é uma prisão, tenho de estar sempre a procurar a minha liberdade”</u>. Explica que apesar de tudo tem mais liberdade que os outros jovens, porque a teve de conquistar <u>“com o bom comportamento e as boas notas”</u>. Diz que detesta que a controlem, e que um dia <u>“se esqueceu” de avisar</u> que ia dormir a casa do namorado e <u>“puseram a policia atrás”</u> dela, o que <u>“foi muito desagradável”</u>...</p> <p>Quanto à saída do lar refere que <u>“está quase”,</u> mas gostava de <u>arranjar emprego primeiro e casa para “não depender de ninguém”, e poder pagar as contas.</u> Refere <u>que tem muito medo dessa responsabilidade, “medo de não controlar tudo”</u>.</p> <p>Diz que quer <u>ir viver com o namorado,</u> de 23 anos, dado que já namoram há dois anos. Conheceram-se por terem amigos em comum, e têm tido uma relação <u>“calma”</u>. Diz que quer pôr tudo em nome dela, <u>“jogar pelo seguro”,</u> porque <u>“sei lá como vão</u></p>	<p>Lar como passagem Lar como casa Vinculação ao lar</p> <p>Relações positivas Entre pares</p> <p>Memórias positivas da família</p> <p>Ajudante de lar Figura de referência Fidelidade à família</p> <p>Curso profissional</p> <p>Medo de sobrecarregar a família Falta de preparação para sair Lar como prisão</p> <p>Desejo de autonomia Impulsividade Policia Lar como prisão</p> <p>Responsabilidade</p> <p>Medo</p> <p>Autonomização</p> <p>Desconfiança em relação ao futuro</p>
--	--

<p><u>correr as coisas lá fora</u>".</p> <p>A Catarina refere que <u>ele quer ter filhos "já", e que ela lhe responde sempre "para o ano..."</u> Diz que fica para o ano porque quer ter "<u>um emprego fixo primeiro e porque queria aproveitar a liberdade</u>"! Diz que quer descansar primeiro do lar de jovens, "aqui já há muitos meninos todos os dias, não estou para isso".</p> <p>Diz com firmeza "<u>se engravidar faço logo um aborto!</u>", dizendo que o que faltou às colegas que engravidaram à saída do lar foi "juízo e responsabilidade". A Catarina afirma de seguida "o <u>meu destino sou eu que o traço, tenho de controlar tudo o que me acontece</u>".</p> <p>Sobre ficar grávida acaba por dizer "<u>que horror, só de pensar que vou engordar!</u> É que eu sou baixinha e tenho de ter sempre muito <u>trabalho para manter a linha, não gosto nada de me imaginar de barriga agora, ia ficar horrível</u>". Depois inicia um discurso com uma convicção desconcertante, explicando que já tem tudo planeado ao pormenor: "<u>antes de engravidar tenho de ficar com apenas 45 kg, por isso terei de fazer uma dieta rigorosa durante alguns meses. Durante a gravidez só poderei engordar 12 kg no máximo e depois do parto vou fazer ginástica e dieta outra vez para recuperar imediatamente a forma</u>".</p> <p><u>Toma a pílula e diz que está a ser seguida no centro de saúde, apesar do namorado não querer "porque ele queria um filho já."</u></p> <p>Imagina que <u>quando sair do lar a vida "não vai ser fácil", e o sentimento que elege para descrever a saída é "medo"</u>. Diz que "<u>não gostava de ter de ir morar para um bairro, gostava de ficar perto do lar</u>" mas que <u>não quer depender de ninguém</u>.</p> <p>Diz que <u>tem muito medo da despedida, que imagina que vai chorar a tarde toda porque "as senhoras conhecem-me desde pequenina", e que "a saída é definitiva", explicando que só voltará ao lar muito tempo depois para visitar, mas que já planeou que vai "sair e não voltar cá durante muito tempo até me habituar à ideia, para meter na cabeça que já não sou daqui!"</u></p> <p>Quando sair conta com o <u>apoio do irmão e de uma tia onde</u></p>	<p>Pressão para engravidar Ser mãe aos 18 Responsabilidade Liberdade</p> <p>Aborto</p> <p>Controlar o destino</p> <p>Preocupação com o corpo</p> <p>Planeamento familiar Dieta Incapacidade para pensar no bebé</p> <p>Contraceção Pressão para engravidar Desconfiança em relação ao futuro Medo Bairro Fantasia de morar perto do lar Desejo de autonomia Angústia de separação Chorar Ajudante de lar</p> <p>Corte nas relações Desamparo</p> <p>Apoio dos irmãos</p>
---	--

<p>também passa o fim-de-semana várias vezes e que tem sido uma referência importante na sua vida.</p> <p>Neste momento a Catarina <u>sente-se ambivalente quanto à sua saída</u>, dividida entre um <u>medo enorme do futuro</u> e uma sensação de asfixia na “prisão” do lar, “<u>eu aqui já não consigo respirar, quero viver a minha vida sem dar contas a ninguém, ser independente, e estou quase a fazer os 18 anos, está na hora de sair</u>”.</p>	<p>Apoio da família alargada</p> <p>Ambivalência quanto à saída</p> <p>Medo</p> <p>Lar como prisão</p> <p>Angústia</p> <p>Desejo de autonomia</p> <p>Desamparo</p>
--	--

ANEXO H: ENTREVISTA 5

<p>Entrevista 5 – Esperança (2ª entrevista)</p> <p>Esta segunda entrevista foi realizada nove meses depois da primeira conversa. A filha de Esperança tem agora um ano e um mês. <u>Está grande, bonita e muito bem disposta.</u></p> <p>A Esperança <u>aparece atrasada quarenta minutos, após ter faltado à primeira marcação para esta segunda entrevista,</u> justificando que se tinha esquecido.</p> <p>Durante a entrevista, a bebé ficou tranquila ao colo da mãe a maior parte do tempo, tendo havido no final <u>alguns momentos de maior agitação da criança que ficou de pé no chão agarrada à cadeira e à mão da mãe.</u></p> <p>A Esperança conta que <u>começou a trabalhar há cinco meses,</u> numa perfumaria, mas que foi muito <u>difícil encontrar emprego,</u> o que a estava a deixar desesperada. Diz que para entrar nesta perfumaria teve uma cunha e está agora realizada por <u>finalmente estar a ganhar o seu dinheiro.</u></p> <p><u>A menina continua na ama</u> e a Esperança refere que têm uma óptima relação, que “a bebé adora a ama”, mas apesar disso que a vai mudar para um infantário já no próximo ano, “para ela não ficar tão mimada” e para “ter mais meninos para brincar, e ter outras actividades, passeios...”</p> <p>A jovem refere que continuam a <u>residir em casa do pai,</u> “infelizmente”, mas que <u>planeiam alugar uma casa</u> já em Agosto. Pergunto como tem sido viver com o pai, e a Esperança responde: <u>“eu não vivo com ele, eu nem lhe falo, simplesmente tenho de ir dormir àquela casa por não ter outro sítio para dormir. Eu odeio aquele homem”.</u> Diz que o <u>pai continua a beber muito,</u> que <u>trabalha de vez em quando,</u> que tem <u>rendas em atraso</u> e apesar da casa ser da câmara que qualquer dia o põe na rua. Diz que quando ela chega a casa e o pai está alcoolizado, ela o ignora, <u>“é como se ele não existisse, nem olho para ele”.</u> Diz que isso já não a deixa triste, já não sente nada <u>“porque sempre foi assim e só tende a piorar.”</u></p> <p>Diz que agora essa situação é menos complicada porque,</p>	<p>Bom desenvolvimento dos filhos</p> <p>Desorganização</p> <p>Interacção com os filhos</p> <p>Emprego</p> <p>Desespero</p> <p>Autonomização</p> <p>Ama</p> <p>Dependência da família alargada Planos para o futuro Família disfuncional Desamparo Ódio Alcoolismo Desemprego Precariedade económica</p> <p>Zanga Tristeza Indiferença</p>
---	--

<p>como começou a trabalhar, já não passa tempo quase nenhum em casa. Explica que no princípio, após a saída do lar, <u>“foi um tormento estar em casa sem nada para fazer e ter de encarar aquele homem!”</u></p> <p>A jovem explica que a <u>casa é pequena para todos</u>, e que ela, o companheiro e a filha dormem na sala, dado que a casa tem dois quartos que estão ocupados pelo pai e pelo irmão.</p> <p>Segundo a Esperança a casa <u>“é um nojo”, “está sempre suja e cheira mal”</u>, e ela <u>recusa-se a limpar seja o que for</u> justificando que a casa não é dela <u>“esta casa não é nem nunca foi minha, eu vivia no lar, portanto não tenho obrigação de a limpar, não vim para ser empregada de ninguém, e eu estou aqui de passagem</u> -faz uma pausa, <u>ri de cara triste</u> e acrescenta – bem, já passou um ano, né?... <u>Mas eu sinto que não moro aqui.”</u></p> <p>Diz que o pai quando está sóbrio brinca com a menina, e que ela ensinou a filha a dizer que o avô era maluco. Ela e a menina <u>começam a interagir</u> e a menina faz um gesto a rir e a balbuciar que o avô era maluco.</p> <p>Diz que <u>quer mudar de casa para ter uma casa limpa</u>, sonha com <u>“uma casa com paredes brancas, e chão lavado”</u>, dizendo que está com vontade de cuidar de um espaço que sinta que lhe pertence.</p> <p>Conta que <u>sente saudades do lar</u>, principalmente <u>“do cheiro fresco a lavado”</u>.</p> <p>Diz que a casa nova que sonha alugar vai ser fácil de encontrar, pergunto se já andam a ver casas, e ela responde com muito orgulho <u>“não é preciso porque o meu marido trabalha numa imobiliária”</u>.</p> <p>Pergunto como tem evoluído a relação de casal, <u>ela baixa o olhar e responde: “agora estamos bem, crescemos muito, estamos os dois mais adultos, mas tivemos aí uma fase para esquecer”</u>.</p> <p>Conta que o <u>“marido” a traiu: “pôs-me os cornos, eu descobri e ele não entendia porque é que estava fula... Para ele o que tinha feito era tipo normal. Foi como se o mundo me caísse</u></p>	<p>Desespero Falta de actividades de tempos livres Família disfuncional Condições em casa</p> <p>Falta de higiene Zanga</p> <p>Lar como casa Revolta Tristeza Falta de pertença</p> <p>Interacção com os filhos</p> <p>Desejo de autonomia Capacidade de imaginar o futuro</p> <p>Saudades do lar</p> <p>Planos para o futuro</p> <p>Tristeza</p> <p>Desilusão</p> <p>Traição</p>
---	---

<p><u>em cima. Desabou tudo. Depois foi uma fase péssima. Discussões horríveis à frente da menina e tudo... ele ai também se desleixou bué com ela, não lhe ligava nada, e acho que isso é que me custou mais a mim...</u> (por causa da tua relação com o teu pai?) pois, eu sei muito bem o que é ter um pai que não presta e <u>queria que com a minha filha fosse tudo diferente.</u> Mas eu nem tenho uma única memória de afecto do meu pai, nem uma... e isso a minha filha já tem. (e como eram essas discussões?) ...muito más mesmo. Eu <u>sou muito destravada, e isso deu-me muita raiva. E ali não dá para ter privacidade, todo o mundo ouvia os nossos gritos.</u> Foi horrível, <u>mas ninguém percebeu bem porquê.</u> Até o meu irmão perguntou o que se passava e eu disse que eram cenas minhas, não gosto de contar a minha vida, <u>depois vão julgar-me! Eu cheguei a pô-lo na rua, estivemos separados tipo uma semana.</u> Eu disse-lhe que ele ia ter de mudar, senão não voltávamos mais. E eu dizia-lhe mesmo, <u>eu sou bonita, olha bem para mim, eu sou bonita, se quiser arranjar um homem é só ir à rua buscar um!</u> E ele ai percebeu que era a sério. <u>Fui ao cabeleireiro, pus tranças, fui tratar mesmo da minha autoestima com a minha irmã... ela é que foi o meu apoio. Mas discutimos muito, foi muito feio...</u> (ele ficava violento?) <u>Só a falar. Eu é que sou mais física. Não consigo discutir parada, eu vou enchendo, enchendo, mas quando chega aquele ponto não há nada a fazer, sai tudo assim... ele só usa a força para me parar, ele diz “não faças isso, não me faças isso!” Mas é só agarrar-me os braços para eu não bater. Depois eu mando-o embora e ele vai para a rua. Uma vez apareceu-me bêbado no trabalho, passei uma vergonha, ele queria discutir, e eu a dizer-lhe baixinho: não faças barulho, vai embora por favor, estou no meu local de trabalho, não grites, vai para casa...”</u></p> <p>Diz que o <u>“marido” só bebe ocasionalmente e que isso não a preocupa.</u></p> <p>Refere que ele voltou para casa porque disse que ia mudar, e <u>ela deixou-o voltar “por causa da menina”</u> e porque gosta muito dele. Acredita que ele agora está diferente. Quando pergunto se ela não tem medo que se repita tudo ela responde <u>“medo tenho,</u></p>	<p>Desespero Discussões</p> <p>Mágoa Família disfuncional Dar o que não teve</p> <p>Revolta Falta de privacidade Gritos Desamparo Medo de ser julgada Separação do casal</p> <p>Auto-estima</p> <p>Apoio dos irmãos</p> <p>Violência Doméstica</p> <p>Alcoolismo</p> <p>Vergonha Gritos</p> <p>Negação</p> <p>Pedir desculpa Filha como vínculo do casal</p> <p>Medo</p>
---	--

<p><u>mas não vai voltar a acontecer!”</u></p> <p>Questiono como é que ela imagina que teria sido a saída do lar se não tivesse um namorado, e que peso acha que ele teve na sua saída. Ela dá-me um <u>sorriso triste</u> e responde : “ nem quero imaginar. <u>Seria pior que mau. Quando sai fiquei sozinha no mundo, com tudo a acontecer à minha volta sem eu conseguir controlar nada. Tudo falhou. Não havia mais ninguém no mundo além dele. O meu pai não me apoiou, o meu irmão foi para o estrangeiro, a minha irmã estava aqui no lar, as pessoas do lar não me apoiaram, lá fora era uma selva e eu ‘tava completamente sozinha. Só tinha a ele.”</u></p> <p>Pergunto como é que ela tinha imaginado que fosse a sua saída, que projectos tinha, como sonhava o mundo cá de fora. Ela diz “<u>sonhava tudo diferente. Queria ter tirado a carta, um curso de hip-hop, ir para o ginásio, passar férias no Algarve como fazíamos no colégio, passear, divertir-me, curtir a liberdade que tanto me faltava”...</u></p> <p>Pergunto quais as diferenças entre essas expectativas e o que lhe acontece na realidade. <u>Ela diz muito triste: “tudo é diferente entre o que imaginei e o que me aconteceu.”</u> Questiono qual foi o ponto de viragem, onde começaram a correr mal as coisas. A Esperança escolhe dois momentos chave: “<u>primeiro terem-me mandado para casa do meu pai. Claro que eu não ia aguentar ficar lá. As técnicas disseram-me que eu era capaz, que depois lá me safava. Pois safei. Pirei-me na primeira oportunidade. Fui morar para o Alentejo com o meu marido, alugamos casa. Eu sabia lá o que era alugar casa. Não me ensinaram nada disto. Eu sai sem saber mexer no dinheiro, sem saber que as coisas todas tinham um preço, sem saber que ir ao médico se pagava, que não sabia que ir para o Algarve se pagava, não sabia que 400euros de renda para aquela casinha era um balúrdio, não sabia cozinhar, não sabia nada. Só fazer uns bolinhos que fazíamos cá mas de que me servia isso? Isso é que me dá muita raiva sabes? Não estava nada preparada para a vida cá de fora, foi um choque. Era muito ingénua...”</u> O segundo</p>	<p>Tristeza Desamparo Solidão Confusão Desilusão Companheiro como ancora Abandono familiar Abandono institucional Desespero</p> <p>Desilusão Diferença entre expectativas e a realidade Lar como prisão</p> <p>Desilusão</p> <p>Revolta Regresso a casa</p> <p>Zanga</p> <p>Desamparo</p> <p>Falta de preparação para a saída</p> <p>Revolta</p>
---	--

<p>ponto que a Esperança aponta para justificar a diferença das expectativas e a realidade foi : “o princípio da gravidez alterou tudo... foi tudo muito rápido. Eu andava aluada, mas apesar de gostar muito da minha filha...<u>sei que não veio na altura melhor.</u> (Aluada como?) <u>Assim sem pensar, com a adrenalina de ‘tar a viver a vida, sei lá, de ter saído finalmente do lar, a liberdade...</u> (silêncio). Mas <u>para mim foi muito difícil estar grávida, e por isso ter de voltar para casa do meu pai.</u> Foi o pior que me podia ter acontecido. <u>Eu quando sai disse que não voltava, e tive de voltar, né?... gostava que a gravidez acontecesse noutra fase.”</u></p>	<p>Arrependimento Impulsividade Correr riscos Liberdade Maternidade como prisão Revolta</p>
<p>Pergunto que significado teve esta gravidez para ela, o que pensa ela agora sobre esta experiência... “<u>a gravidez foi a forma que tive de ficar adulta. Quando se sai daqui não dá para continuar a ser adolescente...</u>” (porquê?) <u>Porque lá fora não há ninguém que cuide de nós... basicamente é isso.</u> Ninguém vai fazer comida, ninguém vai saber se estamos bem, do que precisamos... nada. <u>É muita solidão, muita raiva,</u> por isso é que eu acho... <u>acho que se não fosse a minha filha eu já estava doida.</u> <u>A minha filha e o meu marido são a minha família agora,</u> dão um <u>sentido à minha vida.</u> Mais a minha filha até, porque ele pode ficar ou não ficar, <u>ela fica para sempre, né?</u> E ela é muito bem tratada, tem sempre este sorriso na cara. Às vezes acorda-me de noite e eu penso, <u>são cinco, seis da manhã, e ela quer brincar, e eu penso... porque não? Vamos brincar filha...</u>”</p>	<p>Filhos para ficar adulta Desamparo Solidão Revolta Medo de enlouquecer Criar uma nova família Filhos para dar um sentido à vida Ter alguém para si Falta de limites</p>
<p>Pergunto quem acorda de noite para cuidar da menina e a Esperança diz que isso <u>tem sempre de ser ela, que o “marido” nunca acorda para nada,</u> e que um dia ela o obrigou a acordar para ser ele a ir ver o que a filha queria. “<u>ele levantou-se ainda a dormir, foi à janela fumar um cigarro e quando foi ver da menina adormeceu e ela ali a chorar.</u> Então eu disse que assim não dava, nunca mais, prefiro ser sempre eu a acordar...” Quanto à <u>divisão de tarefas e funções parentais</u> a Esperança acha que é equilibrado, que consoante os horários dela (trabalha por turnos) ou é ela ou o “marido” a <u>levar e ir buscar a menina à ama,</u> e a fazer o jantar. Diz que tem de ser sempre ela a deixar a roupa preparada para a</p>	<p>Diferença de género Maus tratos (negligência) Divisão de tarefas Ama</p>

<p>filha e a penteá-la porque o “pai a quer sempre com fitas ou ganchos para ficar mais feminina, mas diz que não sabe pôr então isso tenho de ser eu. <u>De resto todos tomam conta da bebé em casa, até o meu pai e o meu irmão, e a minha irmã aos fins-de-semana</u>”.</p> <p>Pergunto se sente que tem apoio e de quem. A Esperança diz que <u>só tem apoio da irmã e do “marido”</u>. Diz que já não se sente apoiada pelo irmão, apesar de dar muitas prendas à menina, que a <u>julga muito e dá sermões</u>. Que mesmo assim é com ele que <u>deixam a filha uma vez por mês para irem sair à noite, que é das coisas que sente falta</u>. Pergunto que outras coisas é que sente falta e que não pode fazer agora que tem a filha para cuidar e tem emprego. <u>Ela responde que é sair à noite, ir para a praia, passear, estar com amigos, ir a festas, “curtir a vida”...Diz que sente falta de voltar a ser adolescente</u>. Pergunto o que era ser adolescente para ela. Responde: “era estar aqui no lar, <u>não ter responsabilidades, fazer o que queria, ir às colónias de férias... que saudades das colónias, aquela excitação...</u>”</p> <p>Sobre o apoio refere ainda que da família do companheiro continua a <u>sentir muita pressão e não se entendem: “a minha sogra quer mandar em tudo e eu tenho de me defender e explicar que a filha é minha e eu é que decido a educação dela”...</u></p> <p>Refere que como projectos para o futuro tem a vontade de <u>manter este emprego, mudar de casa, ir para o ginásio...</u> “ele já começou a ir este mês. <u>Mas não temos dinheiro para os dois, então quando tivermos depois vou eu também</u>”.</p> <p>Pergunto o que pensa sobre voltar a ter filhos e ela ri-se e responde rapidamente: “<u>sim, daqui a dez anos, talvez!</u> Tenho de confiar no telemóvel” (no telemóvel??) “pois, ponho sempre o <u>alarme para tomar a pílula, para não me esquecer</u>”.</p> <p>No final telefona ao “marido” para a vir buscar porque ele <u>comprou um carro e assim era mais rápido chegar a casa para fazer o jantar</u>. Comento que ela o tratou por marido a entrevista inteira, ela justifica : “dantes eu chamava de companheiro, mas era assim que a minha mãe chamava o meu pai, e eu não gosto</p>	<p>Maternidade partilhada</p> <p>Apoio dos irmãos</p> <p>Hipersensibilidade à crítica Medo de ser julgada Sair à noite</p> <p>Maternidade como prisão</p> <p>Peso das responsabilidades Saudades do lar</p> <p>Sogra</p> <p>Emprego</p> <p>Diferença de género</p> <p>Medo de voltar a engravidar Contraceção</p> <p>Autonomização Diferença de género</p>
--	--

por causa disso. E ele também me trata por mulher à frente das outras pessoas, e então se eu sou a mulher ele tem de ser o marido, né?”

Ele respondeu que não a podia ir buscar, o que a deixou desiludida. Disse que então ia ao antigo andar dela visitar a senhora, e pedir sopa para a bebé que já devia ter fome. Antes de sairmos da sala a Esperança olha para o quadro da parede e diz com nostalgia “este era o meu quadro preferido daqui...”

Desilusão
Desejo que cuidem dela
Pedir comida no lar
Nostalgia

ANEXO I: ENTREVISTA 6

<p>Entrevista 6 – Maria, 24 anos</p> <p>A entrevista com a Maria foi realizada numa praça pública perto do lar. Ela chegou antes da hora, trazendo consigo o seu filho Paulo de 2 anos. A Maria é a mais velha de uma frateria de três jovens, tendo saído do lar de jovens já com cerca de 20 anos, porque esteve “à espera das irmãs” para sair.</p> <p>Pergunto como foi a saída do lar e os primeiros tempos lá fora. A Maria responde “<u>Foram tempo difíceis</u>. Eu sai com a minha irmã Beta, <u>alugamos casa, eu tinha começado a trabalhar no centro infantil há pouco tempo, já dava para pagarmos a renda</u>. Depois começamos a morar os quatro, <u>com o pai do Paulo e com o pai do João</u>. - (Os vossos namorados?)- Sim, quer dizer, na altura... <u>A Beta já está com outro rapaz, e eu e o pai do Paulo também estamos em ruptura</u>. Mas na altura ficámos logo a morar os quatro e não deu bom resultado.”</p> <p>A Maria conta que a irmã engravidou rapidamente e que quem pagava as contas da casa era praticamente ela sozinha, o que foi muito complicado. O sobrinho João Tomás foi como “um primeiro filho” para a Maria, <u>que ajudava a tomar conta “dele e de toda a gente naquela casa”...</u></p> <p>Refere que nos primeiros tempos sentiu “<u>um vazio enorme, muito medo de tomar decisões, porque não tinha ninguém ali para me dizer o que estava certo e o que estava errado, não havia ali ninguém para perguntar o que fazer, como fazer...era muito difícil pensar, organizar as ideias...</u>”</p> <p>Diz que antes de sair do lar estava a tirar um <u>curso profissional</u> mas não conseguiu acabar porque “<u>foram coisas demais a acontecer ao mesmo tempo</u>”. Conta que conheceu o companheiro uns meses antes de sair do lar, numa festa, e que começaram logo a namorar. Depois não conseguia estudar e chumbou num exame e então desistiu de acabar o curso, <u>começando logo a trabalhar</u>.</p> <p>Pergunto como aconteceu a passagem dela pelo lar de</p>	<p>Tristeza</p> <p>Autonomização Emprego Responsabilidade Companheiro como âncora</p> <p>Mudança de companheiro Separação do casal</p> <p>Maternidade partilhada</p> <p>Vazio Medo Desamparo</p> <p>Dificuldade em pensar Confusão</p> <p>Curso</p> <p>Desorganização</p> <p>Emprego</p>
--	--

<p>jovens. A Maria conta que <u>esteve lá desde os seus seis anos</u>, até aos vinte. Diz que a mãe “<u>saiu de casa</u>” quando ela ainda era pequenina, e que “<u>como o pai era alcoólico</u>” a levaram com as irmãs para um colégio. Diz que no princípio ainda ia passar os fins-de-semana a casa, mas que <u>o pai lhe batia e que “como chegava ao lar toda marcada proibiram os fins-de-semana”</u>. Diz que <u>o pai lhe batia com o cinto</u> porque <u>a deixava sempre a tomar conta das irmãs mais novas</u>, e como chegava sempre alcoolizado a casa “<u>não era preciso um motivo para pegar no cinto</u>”. A Maria repete algumas vezes que <u>era praticamente só a ela que o pai batia</u>, pela <u>responsabilidade de tomar conta das irmãs</u>, dizendo a certa altura da entrevista “<u>e eu até tomava bem conta delas, não sei porque é que ele me batia</u>”.</p>	<p>Institucionalização de longa duração Abandono familiar Alcoolismo</p> <p>Maus tratos Fins-de-semana</p> <p>Tristeza</p> <p>Revolta Peso da responsabilidade Culpabilização</p>
<p>Desde então, o pai passou a ir visitá-las à instituição, <u>aparecendo a maior parte das vezes alcoolizado</u>, “<u>sentia muita vergonha, muita raiva dele, era tão triste...</u>”</p>	<p>Alcoolismo Vergonha Revolta Tristeza</p>
<p><u>Da mãe nunca mais tiveram notícias</u>, “<u>perdemos contacto. Não me lembro dela, se ela passar agora por mim na rua eu não vou saber quem ela é.</u>”</p>	<p>Separação total da mãe Angústia</p>
<p>Quando pergunto porque é que ela imagina que a mãe saiu de casa a Maria responde “<u>eu não sei, acho que era por o meu pai beber e bater-lhe a ela também</u>”.</p>	<p>Violência doméstica</p>
<p>Questiono-a sobre as expectativas que tinha no lar sobre a sua saída e a vida cá de fora. A Maria responde: “<u>Expectativas? Eu vivia cheia de medo que me mandassem para casa do meu pai, era uma angústia enorme</u>”. Explica que depois foi percebendo que <u>havia a alternativa de alugar casa com a irmã e “foi um alívio enorme, parecia que me tinha saído a sorte grande”</u>.</p>	<p>Medo de regresso a casa Angústia</p> <p>Autonomização Alívio</p>
<p>Volta a contar que então se juntaram os quatro, e depois os cinco, quando a irmã mais nova também saiu.</p>	
<p>Conta que então as coisas começaram a correr muito mal com o seu companheiro, que depois de uma fase em que era carinhoso e que havia inter ajuda, passou a “<u>repetir os modelos que tem em casa</u>”, <u>tornando-se violento e controlador</u>. A Maria começa por descrever a sua relação de uma forma leve, contando</p>	<p>Violência doméstica</p>

<p>que <u>discutiam</u> porque era só ela a trabalhar dentro e fora de casa, que ele <u>não partilhava</u> tarefas nem se esforçava por <u>arranjar um emprego...</u> Depois acaba por descrever melhor a situação de <u>violência doméstica</u> que tem vivido desde a saída do lar. Conta um episódio em que <u>o namorado a agrediu violentamente</u>, “<u>aos murros e pontapés</u>”, e que ela e as irmãs tiveram de <u>fugir de casa</u>. <u>As irmãs dormiram no lar durante uns dias com medo de voltar para casa</u>. A Maria regressou a casa no dia seguinte, “<u>toda marcada</u>”, e fizeram as pazes. <u>A Maria diz que ele já estava sóbrio, que agride essencialmente quando chega alcoolizado a casa</u>. Diz que nesse dia fizeram as pazes “<u>porque ele me pediu desculpas</u>. E era a primeira vez que me pediram desculpa...” (a Maria começa a chorar, <u>aconchegando o bebé no seu colo</u>).</p>	<p>Discussões Divisão de tarefas Violência doméstica Fugir Medo Apoio do Lar Alcoolismo Pedir desculpas Chorar Filho como apoio/fonte afectiva</p>
<p>Perguntei se o pai do Paulobebia com frequência, ela responde “<u>sim, ele bebe desde os dez anos</u>, já tem vinte e cinco anos... chega quase sempre bêbado a casa, <u>faz muitas ameaças...</u> <u>eu tenho muito medo dele</u>. <u>Nos dias em que ele não vem dormir a casa porque fica por ai para mim é um alívio tão grande...</u> <u>estou sempre a desejar que ele não venha dormir a casa...</u>” (volta a chorar).</p>	<p>Alcoolismo Ameaças Medo Alívio Terror Chorar</p>
<p>Conta que <u>houve uma altura em que se separaram</u>, ela saiu de casa e alugou um quarto só para ela. Voltaram a juntar-se algum tempo mais tarde “<u>Não aguentava viver sozinha</u>. Era muito triste. E ele dizia que ia mudar...”</p>	<p>Separação do casal Solidão Desamparo</p>
<p>“Depois <u>fomos morar para a casa dos pais dele</u>, onde ele aprendeu tudo, é igual ao pai dele...”</p>	<p>Tristeza Companheiro como âncora</p>
<p>Perguntei porque dizia no princípio que estavam em ruptura. Ela conta “<u>estou a ter apoio da UMAR</u>, estamos a ver como poderei sair de casa com o meu filho sem ele dar conta. Eu <u>não aguento mais esta vida</u>. <u>Eu tenho muito medo dele</u>. Ele <u>controla tudo o que eu faço, segue-me na rua, dá-me ordens, desconfia de mim, as agressões verbais são constantes...</u> <u>ameaças a toda a hora</u>. Uma vez tentei sair de casa e ele só me disse “<u>experimenta e depois vais ver o que te acontece!</u>” (chora).</p>	<p>Dependência da família do namorado Apoio de outras instituições Desespero Medo Violência doméstica Ameaças Terror Chorar</p>
<p>A Maria diz que já tinha ouvido falar desta instituição, e</p>	<p>Figuras de referência do lar</p>

<p>que <u>foi aconselhada por uma técnica da antiga equipa técnica do lar para pedir ajuda</u>. Diz que na <u>UMAR está a ser atendida por uma psicóloga e a ter apoio jurídico</u> “para depois assegurar o poder paternal do meu filho e o subsídio do pai do Martin”. Na <u>UMAR estão a planear a saída da Maria de casa para uma instituição de acolhimento para vítimas de violência doméstica</u>. A Maria diz “<u>vivi a vida inteira numa instituição, e agora vou ter de voltar para outra. É muito triste. Mas não tenho outra opção</u>. Ele não pode saber onde estou, <u>tenho de recomeçar a minha vida</u> outra vez... E tem de ser agora. Ou é agora ou nunca. Tenho <u>objectivos a atingir, ainda sou muito nova... ando muito triste</u>. <u>Ele afastou-me de toda a gente, não me deixa estar com ninguém, não falo com ninguém... Sinto-me uma prisioneira. Estou farta de disfarçar que ‘tá tudo bem, não aguento mais’...</u></p>	<p>Apoio de outras instituições</p> <p>Nova institucionalização</p> <p>Tristeza</p> <p>Desespero</p> <p>Recomeçar</p> <p>Planos para o futuro</p> <p>Depressividade</p> <p>Isolamento</p> <p>Solidão</p>
<p>Pergunto o que sente neste momento pelo companheiro, e ela responde “<u>raiva, ódio... não sobrou nada de bom. Por isso tem de ser agora. A gente não sabe o dia de amanhã...</u>”</p>	<p>Revolta</p> <p>Ódio</p> <p>Falta de confiança em si própria</p>
<p>Perguntei como tinha aparecido o Paulo na sua vida.</p> <p>A resposta foi espontânea: “<u>engravidei porque pensava que ele ia mudar!</u> Ele já tinha um filho de outra rapariga, tem agora seis anos, mas eu pensava que comigo seria diferente. Eu <u>pensava que um filho meu e dele o mudasse e mudasse as nossas vidas. Foi uma ilusão. E o Paulo ficou no meio da confusão. O Paulo não tem culpa</u>.”</p>	<p>Filhos para mudar o companheiro</p> <p>Arrependimento</p> <p>Desilusão</p> <p>Confusão</p> <p>Culpabilização</p>
<p>Eu sempre quis ter um filho, e também com o nascimento do meu sobrinho ainda quis mais... <u>O Paulo nasceu numa fase de lua de mel, como se costuma dizer (ri-se, com cara triste), foi numa reconciliação. Depois, durante a gravidez ele foi-se embora, disse que foi trabalhar para Luxemburgo, mas acho que ele andou lá a passear... depois voltou para cá de mãos a abanar. O Paulo nasceu, o pai não tinha emprego, os subsídios de maternidade atrasaram e eu não tinha que dar de comer ao meu filho. Foi horrível. Quem me ajudou foi a Marta (antiga técnica do lar). Depois chegaram os subsídios e ele foi para o estrangeiro novamente. Ainda levou algum do nosso dinheiro.”</u></p>	<p>Fase de lua-de-mel</p> <p>Tristeza</p> <p>Abandono do companheiro</p> <p>Desamparo</p> <p>Desemprego</p> <p>Subsídios de maternidade</p> <p>Fome</p> <p>Aflição</p> <p>Figuras de referência do lar</p> <p>Violência</p>

<p>Pergunto como é que ela imagina que teria sido a saída do lar sem o companheiro. Ela responde “teria sido melhor, acho eu. Não teria problemas tão íntimos, estaria melhor a nível emocional. <u>Sinto que não consegui ajudar as minhas irmãs...</u>”</p>	doméstica
<p>Pergunto o que a levou a ficar com este companheiro. Ela responde: “<u>Quando sai do lar fiquei com ele com medo de ficar sozinha!</u> E agora continuo com ele <u>por medo de voltar a ser agredida.</u>”</p>	Culpabilização Companheiro como ancora Solidão Medo
<p>Pergunto como ficou a relação com o lar. A Maria <u>encolhe os ombros, desvia o olhar e responde “ficou boa”</u>, mas que como ele não a deixa sair de casa, que ela aproveita “as consultas do bebé para ir lá ver”...</p>	Desamparo
<p>Sobre <u>as memórias que traz do lar “são muito boas. Grandes amigos... (chora), tenho vontade de reviver tudo lá...as colónias... as amigas...”</u></p>	Memórias positivas do lar Chorar Nostalgia
<p>Volta a referir “<u>quando sai senti-me tão perdida, um vazio tão grande...</u>”</p>	Desamparo Vazio
<p>Questionei se não senti a fase de euforia, de alegria de ter saído do lar. Ela responde “não, <u>nunca senti a liberdade, eu sentia-me responsável por elas, pelas minhas irmãs. Elas sim, andavam doidas com a liberdade de estarem cá fora. Mas não consegui tomar conta delas...</u>”</p>	Peso da responsabilidade Liberdade Culpabilização
<p>Refiro que agora toma conta do Martim. Pergunto como tem sido ser mãe. Ela diz que gosta muito de ser mãe, <u>que não teve grandes dificuldades porque já sabia cuidar de crianças</u>, por causa do sobrinho e do trabalho.</p>	Prazer em ser mãe
<p>Questiono que significado teve este filho na sua vida. Ela respira fundo e diz “<u>ele significa atingir objectivos, tenho mais motivação para lutar por um futuro melhor, é a minha meta</u>”. Conta que se <u>inscreveu para a faculdade</u>, que vai tentar tirar o curso de Sociologia, apesar do companheiro ser contra, e dizer “<u>agora que és mãe é que vais tirar curso? Que raio de mãe e de mulher és tu?</u>”, e de ter consciência que se continuar com ele será impossível concretizar esse plano “porque ele nunca me iria deixar ir às aulas, ele disse logo que depois queria o jantar dele na</p>	Filho como motivação Aspirações académicas Violência doméstica

<p>mesa sempre a horas. Eu respondi sim ‘mor, se tu estiveres em casa a horas, terás sempre o teu jantar à tua espera. Também já aprendi a dizer o que ele quer ouvir em vez de dizer o que penso’.</p> <p>Pergunto como imagina o futuro, ela responde: “<u>há-de haver sempre problemas</u>. Mas sempre fui uma pessoa forte... no futuro quero fazer tudo em conjunto com o Martim, <u>fazer dele uma pessoa boa e livre, realizado</u>. Espero que eu o possa ajudar. <u>Gostava de fazer coisas em conjunto, entendes? Sozinha não, em conjunto, os dois sempre juntos. Nós somos inseparáveis, ele está sempre comigo. Temos uma relação muito forte, é a única relação mais íntima que tenho. Ele ajuda a esquecer a tristeza.</u>”</p> <p>Pergunto quem mais fazia falta para esquecer a tristeza. Diz que <u>gostava de conhecer a sua mãe, “para ver se podíamos ser uma família, para eu continuar a ter uma família</u>. Sinto muito a falta dela, e desde que o Paulo nasceu foi uma falta muito mais marcante.” <u>Diz que do pai não sente a falta nem tem relação nenhuma...</u> “<u>ele ainda nem conhece o Martim, nós não falamos, eu nunca mais o vi, nem sei onde ele mora...Não sinto a falta dele.</u>”</p> <p>Refere que com as irmãs ainda fala de vez em quando por telefone. <u>Sabe que a irmã mais nova está com o pai, e que a do meio “tem namorado novo, e o meu sobrinho ficou em casa com o pai dele, que também tem namorada nova. Tenho saudades do meu sobrinho, ajudei a criá-lo e nunca mais o vi”.</u></p> <p>Sobre <u>as irmãs diz que se afastaram muito, mas que ainda tem esperança que voltem a ser como antes.</u></p> <p>Falei sobre o apoio que tem tido, e com quem conta para recomeçar a sua vida. Ela fala automaticamente da <u>técnica que “tem sido uma amiga, uma segunda mãe”, de uma colega ainda institucionalizada que trabalha actualmente com ela, e das irmãs.</u></p> <p>Pergunto o que pensa ela deste seu percurso de vida depois da saída do lar. Ela ri, e diz “<u>nunca imaginei isto. É ridículo. Não sei como deixei que isto me acontecesse. Não foi esta a educação que me deram. Ensinarão-me que éramos todos iguais, mas eu não soube ser igual, fui deixando que ele</u></p>	<p>Depressividade</p> <p>Dar o que não teve</p> <p>Relação fusional Filho como extensão de si Filho como fonte afectiva</p> <p>Separação total da mãe Falta de pertença Criar uma nova família</p> <p>Revolta Família disfuncional Desamparo</p> <p>Dependência de família Mudança de companheiro</p> <p>Tristeza</p> <p>Isolamento Esperança</p> <p>Figura de referência</p> <p>Desilusão Culpabilização Revolta</p>
---	---

<p><u>acreditasse que era melhor que eu.</u> Ele percebeu perfeitamente que eu não tinha apoios, que eu não tinha ninguém, que ninguém me podia ir lá ajudar. <u>Ele viu o meu vazio, viu-me sozinha... sabia que podia abusar que eu ficava sempre com ele”.</u></p> <p>Pedi para se descrever a nível de sentimentos que a definem. Ela disse: “A revolta... <u>Revolta com a vida que tenho tido... A urgência de mudar. O medo de enlouquecer,</u> o medo dele, o <u>medo de tudo. A solidão, a angústia e a tristeza.</u> Mas quero <u>que tudo isto mude.</u> Quero poder descrever-me de maneira diferente. Se sair daqui acho que poderá ser tudo diferente com o Paulo ao pé de mim. <u>Tenho medo de perdê-lo porque ele é tudo o que tenho.</u> Às vezes de noite quando ele dorme vou lá ouvir se respira... (ri-se), ele é muito calminho. Acho que foi por eu ter tido uma gravidez calma, sem o pai dele ao pé, que o meu filho ficou assim tão calminho.”</p> <p>Depois disse que se tinha de ir embora, olhando para o relógio “<u>tenho de ir fazer o almoço para o pai dele, senão temos festa quando chegarmos a casa”...</u></p>	<p>Capacidade de auto-análise Vazio Solidão</p> <p>Revolta Desespero Medo de enlouquecer Medo Solidão Angústia Tristeza Mudança Medo de perder o filho</p> <p>Medo Violência doméstica</p>
---	--

ANEXO J – ENTREVISTA 7

<p>Entrevista 7– Esperança (3ª entrevista)</p> <p>Esta terceira conversa com a Esperança realizou-se <u>na sua casa nova</u>, três meses depois do último encontro.</p> <p><u>A filha da jovem está maior, já anda e corre pela casa fora, e pronuncia correctamente algumas palavras já com intencionalidade. Refugia-se muito no colo da mãe onde permanece serena, e noutros momentos explora a sala de forma autónoma.</u> A Esperança tem várias demonstrações de carinho em relação à filha, dando colo, beijinhos e abraços.</p> <p><u>Mostrou-me a casa nova com muito orgulho</u>, onde reside apenas com a filha e com o companheiro, há cerca de quinze dias. A primeira coisa que disse sobre a casa foi “eu adoro este cheiro a limpo, <u>finalmente consegui ter o meu espaço</u> onde está tudo limpinho e fresco!”.</p> <p>A casa é espaçosa, situa-se nos arredores de um centro urbano, e apresenta-se em boas condições.</p> <p>Quando entrei estava presente o pai da menina, com dois amigos, na sala. Saíram pouco tempo depois, dado que a Esperança disse que queria ficar sozinha comigo na sala. Antes de sair o pai da Clara pegou nela ao colo dando-lhe muitos beijinhos de forma efusiva e despedindo-se com um tom mais grave, dizendo já de fugida “o pai vai à rua, até logo”, deixando a criança a chorar de forma descontrolada no meio do corredor. A Esperança foi lá buscá-la, pegou-a ao colo e acarinhou-a, trazendo-a novamente para a sala, e comentou “ela agora é muito pai, pai e pai, gosta muito do pai, quer o pai a toda a hora”.</p> <p>A casa tem dois quartos, sendo que a menina começou a ter o seu espaço nesta casa, dormindo sozinha, separada dos pais. <u>O quarto da criança está muito investido na decoração, e a Esperança comenta “esta menina vai ter tudo aquilo que eu não tive”.</u></p> <p>Mostrou-me com entusiasmo a cozinha, dizendo que tiveram de comprar os electrodomésticos todos, e que ainda falta a máquina de lavar roupa, sendo que agora tem de lavar tudo à</p>	<p>Autonomização</p> <p>Bom desenvolvimento dos filhos</p> <p>Vinculação</p> <p>Orgulho</p> <p>Autonomização</p> <p>Dar o que não teve</p>
---	--

<p>mão. Mostrou com entusiasmo o frigorífico, abrindo-o e comentando “<u>este é o meu orgulho</u>”, dizendo depois que hoje ia dar um jantar lá em casa e que convidou amigos e família.</p> <p>Na sala existe um sofá que veio da casa do pai “<u>foi o meu irmão que mo deu</u>”, estando em contraste com o resto do recheio da casa, na medida em que se apresenta muito sujo. <u>Em frente ao sofá está uma televisão plasma de grandes dimensões, com instalação de tv cabo.</u> A Esperança diz que conseguiram comprar tudo ao mesmo tempo a prestações porque <u>ela trabalhou dois turnos em Agosto, fazendo as férias de uma colega, e não teve um único dia de folga durante todo o mês.</u> Diz que “foi horrível, mas valeu a pena pelo dinheiro” que recebeu, o que lhe permitiu pagar a renda com caução e recheiar a casa nas “coisas básicas”.</p> <p>Para ter trabalhado intensivamente o mês de Agosto, e dado que <u>a ama da menina fechou para férias,</u> a Esperança teve de <u>deixar a filha no Alentejo com os avós paternos,</u> com quem não mantém nenhuma relação de confiança: “<u>eu estava desesperada, não consegui ter tempo para planear as coisas como devia ser,</u> e depois não tive outra alternativa de a pôr lá com a avó. Foi a <u>primeira vez que fiquei longe da minha filha, foi horrível,</u> de <u>depois eles também não podiam ficar com ela o mês todo e ela ia para uns primos, mas depois os primos também se cortaram à última hora e ela veio, ia comigo para o trabalho, passava lá o dia inteiro, que eu entrava cedo e saia quase à noite, para ganhar mais, foi muito chato.</u> Mesmo assim passei aí uns vinte dias sem ela, foi uma má experiência, <u>ela voltou zangada!</u>”</p> <p>Falámos também da menina ter passado a dormir sozinha, no seu quarto, e perguntei como correu a primeira noite na casa nova. A Esperança diz que “ela aí reagiu bem, dormiu normalmente toda a noite, mas eu é que não consegui, passei a noite toda a levantar-me e a espreitar para o quarto dela a ver se estava tudo bem, <u>estava muito nervosa,</u> não estava habituada, mas agora já não me levanto de noite, tenho de me habituar à ideia (risos)”.</p> <p>Disse-lhe que esta conversa era para falarmos um pouco</p>	<p>Orgulho</p> <p>Apoio dos irmãos</p> <p>Prioridades</p> <p>Emprego Sacrifício</p> <p>Ama Entrega da criança a familiares</p> <p>Desespero Incapacidade para planear o futuro</p> <p>Angústia</p> <p>Desorganização</p> <p>Desespero</p> <p>Culpabilização</p> <p>Nervos</p>
--	---

<p>mais sobre a vida no lar. Comecei por fazer uma questão geral sobre como foi para ela viver num lar durante tantos anos. Ela respondeu que <u>“foi bom, foi uma boa experiência”</u>, ficando pensativa e depois justificou “foi bom porque cá fora teria sido muito pior, ia ser mais difícil. <u>Lá no lar eu tinha comida, tinha cama feita, roupa lavada... tomavam conta de mim, cá fora tinha sido pior”</u>.</p> <p>Pergunto se alguma vez se sentiu diferente das outras crianças, devido à experiência de viver num lar. Ela responde com muita segurança “não, nada. Na escola todos sabiam, e já não era novidade ali, porque já havia mais casos, mas eu nunca tive problemas em falar disso com os meus colegas, havia gente que até dizia <u>“És dum lar? Não pareces nada...”</u>, porque eu sempre fui bem comportada e isso, as pessoas às vezes pensam que somos bichos por não vivermos com a família, mas comigo nunca foi assim”.</p> <p>Perguntei que funções é que ela acha que um lar deve ter. Ela baixou o olhar, e reflectiu em voz alta “funções? Nunca pensei nisso... <u>acho que devem mostrar mais diálogo, lá era muita fachada na minha opinião. Têm que ensinar. Mostrar o melhor caminho... tipo, não é por eu ser boa aluna que eu tinha de me safar. Na escola não me ensinaram a saber a vida cá de fora, devia ter sido ensinada no lar. Acho que elas sempre pensaram que por ser boa aluna não precisavam de me ensinar mais nada...”</u></p> <p>Questionei-a sobre as principais diferenças que ela considera existir entre crescer num lar e crescer numa família. Ela diz “nós sabemos partilhar mais. Damos mais significado às coisas boas... damos mais valor. Por exemplo, o bolo de anos. Nas famílias pode ser uma coisa banal, mas para nós cada aniversário era uma festa a sério. O bolo de anos era uma coisa fantástica, nós ficávamos mesmo bué contentes. Era uma alegria. E também estragávamos menos as coisas. Agora já nem tanto, mas a minha geração não era tanto como os putos de agora, a gente vê na rua não ligam a nada, estragam tudo, depois os pais compram mais...”</p>	<p>Memórias positivas</p> <p>Tarefas</p> <p>Estigmatização</p> <p>Falta de diálogo no lar</p> <p>Revolta Desamparo</p>
---	--

<p>Pergunto então que tipo de relação se estabelece com os adultos que trabalham num lar. <u>Ela responde de forma impulsiva “ tias, mães”</u>. Depois cala-se. Ficamos em silêncio uns breves momentos e ela continua “ com algumas senhoras dávamo-nos bem, <u>tínhamos tipo uma relação familiar. Quer dizer, era só com uma. As outras eram mais distantes, estavam ali para cumprir funções. Arrumar a roupa, acordar-nos para a escola, pôr a comida...</u> e também elas <u>vão e vêm, não são sempre as mesmas, mudam de emprego e isso...</u>!”</p> <p>Pergunto de seguida que tipo de relação física, de confiança ou intimidade, se estabelece com esses adultos. Ela responde de olhar triste “<u>não havia abraços nem beijinhos nem essas coisas. Só com uma, até a tratávamos por tu. De resto tínhamos de tratar tudo por você, por tu só às senhoras da limpeza.</u> Essas sim, eram minhas amigas! Nós sentimos falta dessa proximidade. Ficámos mais calmos ao pé das senhoras da limpeza! Ali não há colo. Só para os bebés, para alguns até há mimo a mais... mas depois também há o outro lado, né? Ninguém nos tocava, não havia castigos físicos, só uma palmadita ou outra, mas não havia abusos!”.</p> <p>Questiono como era a relação com os colegas, e a Esperança ri-se, dizendo “<u>entre colegas já havia contactos físicos, de irmãos, e de namoradinhos</u>”. Pergunto então com quem podia ela contar na instituição quando precisava de um abraço. Ela diz “ colegas da escola, com os meus irmãos e com a Ana (ajudante de lar). Falámos de como ela lidava com essa falta de abraços no contexto da vida no lar. Ela afirma “nunca tive um abraço na vida de lar. <u>Elas pensam – a Esperança não precisa porque é forte! Eu sentia que era o trabalho delas, pensava que não fazia parte do trabalho delas dar abraços.</u> Eu também nunca fui muito de afectos, só preciso da minha irmã e do meu irmão.” Pergunto se ela agora ainda pensava assim. Ela responde “sim, ainda penso assim”.</p> <p>Questiono se a vida no lar os preparava para formarem a família deles cá fora. Ela responde firmemente “Não, de forma</p>	<p>Impulsividade</p> <p>Afectividade no lar Figura de referência Tarefas Inconstância de figuras de referência Distanciamento afectivo</p> <p>Carência afectiva Distanciamento afectivo</p> <p>Relacionamentos entre pares</p> <p>Revolta Distanciamento afectivo</p>
---	---

<p>nenhuma! Tudo falta. <u>Lá tínhamos comida na mesa, roupa lavada, cama feita, não faltava nada, mas faltava tudo! Não nos ensinaram a fazer as coisas sozinhas, não me ensinaram que o médico se pagava, a mexer no dinheiro... aprendi tudo com o meu marido...</u></p>	<p>Tarefas Falta de preparação para a saída Companheiro como ancora</p>
<p>Interpelei então sobre o que é que ela acha que deveria ser mudado para se sentirem mais preparadas para a saída. A Esperança suspira e diz “deviam falar com os mais velhos, ir a umas imobiliárias, ajudar a alugar casa, arranjar emprego, treinar as compras, comida, médicos. <u>Elas limitaram-se a distribuírem-nos pelas famílias...</u>”</p>	<p>Revolta</p>
<p>Perguntei se ela sentiu que teve algum apoio do lar desde que soube que estava grávida até agora. “<u>Nada – responde a jovem – só comentários nas minhas costas.</u> A minha irmã às vezes ouve elas a falarem. <u>Só sabem criticar. Tive apoio das senhoras da limpeza, às vezes ainda vou lá só para as ver.</u>”</p>	<p>Falta de apoio Hipersensibilidade à crítica Saudades do lar</p>
<p>Falei depois dos sentimentos que lhe vêm à cabeça quando pensa no momento em que se separou da família. Ela interpretou a questão, num primeiro momento, da última separação, depois de ter sido “reintregada” na casa do pai. Então disse “Eu fui afastada porque quis. <u>Eu é que quis ir embora. Já não aguentava mais. Tinha 18 anos, não dava para aguentar o meu pai.</u> Na noite antes de eu sair de casa eu avisei que me ia embora. <u>Ele estava podre de bêbado, queria que eu fosse arranjar o peixe,</u> eu fechei-me no quarto, <u>ele começou a mandar-me pedras à janela. Nunca mais o tratei por pai, ele já não era meu pai, nunca o soube ser. Agora trato-o pelo nome.</u>”</p>	<p>Família disfuncional Alcoolismo Diferença de género Maus tratos Revolta</p>
<p>Depois pergunto o que se lembra da primeira vez que se separou da família para ir viver no lar. Ela diz “ custou-me muito ir para o lar. Eu não percebia porquê que tinha de ser assim. <u>Senti que era um abandono. Pensava que os meus pais não gostavam de mim.</u> Tinham-me dito, um vizinho que também tinha vivido num colégio, <u>que era para sempre e era para os meninos maus.</u> Eu quando cheguei tive medo de toda a gente, estava insegura. Mas <u>como tinha lá o meu irmão, eu dizia para ele bater nos outros para</u></p>	<p>Abandono familiar Confusão Culpabilização Medo Insegurança Apoio dos irmãos</p>

<p><u>eu ter a certeza que ele era mais forte, e então sentia-me mais segura.”</u></p> <p>Depois volta a falar da saída do lar de forma voluntária, dizendo que aí a insegurança ainda foi maior. <u>“Quando sai do lar fiz uma tatuagem na barriga. Escolhi uma imagem qualquer, nem pensei, só a queria fazer. Aquilo para mim significou liberdade. Depois fiquei logo grávida, a tatuagem esticou, mas tava com uma barriga muito sexy (risos)... toda a gente achava piada. Foi a liberdade de sentir que ninguém mandava em mim. Mas depois não foi fácil pensar em tudo. Também apanhei muitas desilusões.”</u> Pedi para falar do que a desiludiu. Ela focou-se nas relações entre pares, explicando que <u>as amigas que também foram saindo do lar nunca mais foram tão próximas, e que perdeu a confiança nelas:</u> “ o que mais me magoou foi elas andarem a dizer que o Varela me batia. <u>Elas é que andam sempre a apanhar dos namorados, e depois vão falar de mim.</u> A Vera por exemplo teve de adiar o baptizado da filha porque levou uma tarefa do marido, a Carla, que tá grávida agora, também só faz asneiras, a Maria, foi a que me desiludiu mais, ela parecia ser uma pessoa tão normal, afinal agora anda fugida, levava cada tarefa... o Filipe e a Beta eram outros dois que andavam sempre à porrada. Mas o Varela não é assim, eu não ando a levar tarefas. Nem nunca levei...”</p> <p>Questiono se, então, a violência doméstica é considerada normal entre elas. Ela diz que é mais que normal, e que “ anormal é não existir” como ela refere que acontece no seu caso.</p> <p>No final a Clara começou a ficar mais irrequieta e a Esperança disse que já devia ser fome e que lhe ia dar um iogurte. Foi ao frigorífico, <u>trouxe o iogurte e disse para ser eu a dar de comer à menina enquanto ela ia à casa de banho</u> e mandava mensagem à irmã e perguntar se ainda demorava a chegar. Depois comentou sem contexto, que lhe <u>tem vindo o período duas vezes por mês e que tem andado com leite outra vez nos seios.</u> Eu perguntei o que é que ela achava que estava a acontecer, ela diz “sei lá, não percebo destas coisas, mas acho estranho”. Sugerí que fosse ao médico para pôr essas questões, e ele diz <u>“já fui. As</u></p>	<p>Liberdade Mudança</p> <p>Preocupação com o corpo</p> <p>Desilusão</p> <p>Corte nas relações</p> <p>Violência doméstica</p> <p>Maternidade partilhada</p> <p>Confusão</p> <p>Medo de voltar a engravidar</p>
---	--

<p><u>médicas acharam que eu tava grávida outra vez, fizeram-me o teste mas não tava.</u> Disseram que era normal o leite porque demorava tempo a secar tudo. Mas eu não fiquei convencida. Grávida não estou, mas normal também não sei se é.”</p> <p>Refere que tem <u>andado muito cansada</u>, que Agosto foi um mês muito difícil, mas que espera que na casa nova tudo vá ficando mais calmo, dizendo “aqui a minha filha tem espaço para correr de um lado para o outro, <u>tem o espaço dela, tem tudo limpo, e pode crescer como deve ser</u>”.</p> <p>Questionei o que era para ela “crescer como deve ser”, ela encolheu os ombros, desviou o olhar, e disse de fugida, já em pé a pegar na Brenda, “sei lá, deve ser ter o espaço dela, ter muitos beijinhos da mãe e juízo nesta cabeça, não é filha?”...</p>	<p>Planeamento familiar</p> <p>Cansaço</p> <p>Dar o que não teve</p>
--	--

ANEXO K - ENTREVISTA 8

<p>Entrevista 8– Ajudante de lar</p> <p>Combinei uma entrevista em casa da ajudante de lar, fora do seu local de trabalho, num dia de folga.</p> <p>A senhora recebeu-me com <u>uma criança pequena ao colo, numa agitação grande</u>, dizendo-me que era o seu neto, “mas é como se fosse um filho”. O menino estava muito irrequieto, e a <u>avó gritava com ele, tentando agarrá-lo enquanto ele tentava fugir e mexer em tudo o que podia agarrar, criando um ambiente muito confuso, ruidoso e movimentado.</u></p> <p>Depois de estarmos sentadas na sala, perguntei há quanto tempo ela trabalhava no Lar de Jovens. Ela respondeu muito prontamente e sem interrupções “Há quinze anos, <u>tinha um filho com onze e outro com quatro</u>. Perdi os meus filhos muito cedo. <u>Ficaram sozinhos! Desenrascaram-se sozinhos! Tinha uma colega que me ajudou muito no princípio mas depois morreu.</u>”. Fiquei um pouco desorientada, na medida em que ela dirigiu a resposta para a sua vida familiar e não para o lar de jovens. Perguntei, de seguida, se então a entrada dela no lar de jovens tinha interferido na sua vida pessoal e familiar... Ela suspirou, teve um riso nervoso e continuou num tom alto e agitado “e de que maneira! <u>O meu marido era ausente, era embarcado. Os meus filhos davam-se mesmo mal, se os deixava sozinhos matavam-se.</u> Então <u>comecei a levar o mais pequeno comigo. Ficava fechado na salinha do castigo, lá no lar. O maior ficava sozinho em casa. Batiam-se até ficar a casa cheia de sangue...paredes e tudo</u>, mas eu tinha de ir trabalhar”</p> <p>Perguntei nesta altura como era para ela trabalhar num lar de crianças e jovens. <u>Ela desviou o olhar, voltou a ralar com o neto</u>, e respondeu que era feito de “altos e baixos, às vezes é desmoralizante, outras vezes gratificante. <u>Esforçamo-nos muito e depois não dá resultado.</u> E ficamos a pensar... <u>será que vale a pena? O que andamos a fazer? Depois às vezes vão lá visitar-nos.</u> Mas nem sempre os deixam entrar...”</p> <p>Questionei de seguida quais eram as funções de uma</p>	<p>Vida familiar das ajudantes de lar Agitação</p> <p>Gritos Desorganização</p> <p>Vida familiar das a.l.</p> <p>Culpabilização</p> <p>Apoio de colega</p> <p>Marido ausente Desamparo Famílias disfuncionais Maus tratos</p> <p>Sangue</p> <p>Dificuldade</p> <p>Esforço Frustração Dúvidas Visitas ao lar</p>
---	---

<p>ajudante de lar. Ela riu-se e disse “são todas e mais algumas. É ajudá-los no dia-a-dia, <u>na alimentação, higiene, cuidados à refeição...</u> Eles quando lá entram sabem lá o que é uma colher! É como se estivessem em casa! <u>Temos de lhes ensinar as regras, temos de ensinar tudo. Cada qual chega da sua maneira... uns são uns revoltados...</u>”</p>	<p>Tarefas</p> <p>Regras</p> <p>Revolta</p>
<p>Entretanto o neto ficou mais irrequieto, <u>a avó gritou com ele de forma descontrolada, nervosa e agressiva.</u> Questionei se havia semelhanças entre a vida no lar e a vida familiar dela. Ao escutar a pergunta largou o menino, voltou a sentar-se voltada para mim, suspirou e respondeu com um ar mais abatido: “<u>o meu marido era embarcado. Passa muito tempo fora. Eu odeio despedidas. Não suporto fazer as malas. Tenho trauma! No lar nunca gostei das despedidas por causa disto.</u>”</p>	<p>Gritos</p> <p>Agressividade</p> <p>Vida familiar a.l.</p> <p>Marido ausente</p> <p>Angústia de separação</p>
<p>Pergunto então como se fazem as despedidas no lar na saída dos jovens. A resposta foi feita já no tom agitado e alto “normalmente somos avisadas quando saem. Mas nem sempre, e quando somos é tudo em cima da hora. Se elas quiserem <u>ajudamos a fazer as malas, a pensar no que é preciso levarem...</u> às vezes fazem isso tudo sozinhos. Depende. <u>Depois é tudo muito rápido. Saem e pronto! Vão à sua vida... passados uns dias entram os novos</u>”.</p>	<p>Fazer as malas</p> <p>Dificuldade</p> <p>Distanciamento afetivo</p> <p>Ideia de substituição</p>
<p>Pergunto quais são as maiores dificuldades que sente em ser ajudante de lar. Ela olha para cima, faz um ar pensativo e repete em voz alta “dificuldades? hum... <u>a agressividade dos miúdos!</u>”. Noto que <u>fica ainda mais agitada,</u> começa a gesticular de forma mais acentuada, a <u>agarrar de forma bastante bruta o neto que começa a chorar, e ela recomeça a gritar com ele enquanto ele tanta sair para o chão.</u> A avó dá a ordem para ele ficar quieto e a criança, <u>com um olhar de desafio e oposição, começa a afastar-se e a mexer em tudo o que lhe aparece à frente, e a avó bate-lhe enquanto grita num tom muito alto.</u> O menino depois de ser sacudido e de ter levado algumas palmadas, <u>chora também muito alto, mas acaba por se acalmar sozinho, sentado no chão da sala.</u> Ela retoma o seu discurso como se nada se tivesse passado: “os</p>	<p>Jovens agressivos</p> <p>Agitação</p> <p>Famílias disfuncionais</p> <p>Chorar</p> <p>Gritos</p> <p>Comportamento de oposição</p> <p>Agressividade</p> <p>Gritos</p> <p>Desorganização</p>

<p>miúdos de hoje em dia <u>são muito atrevidos!</u> Desde que se <u>começou a falar da Casa Pia... aprenderam a fazer queixa de nós por tudo e por nada; e dizem tu não me tocas senão...</u>”</p>	<p>Jovens atrevidos</p> <p>Casa Pia</p> <p>Falta de Autoridade</p>
<p>Eu pergunto se sente que a autoridade delas está sempre posta em causa, e ela segue o seu raciocínio “sempre! É uma vida complicada a nossa. <u>Nós não vivemos com a família, vivemos com a santa casa!</u> E depois <u>é a palavra deles contra a nossa...</u> e parece que dão sempre mais valor à palavra deles, porque são “os menores”... <u>Já aconteceu sermos agredidas mas nós não lhes podemos tocar. É difícil controlar o stress!</u> Cada vez elas estão mais do lado deles. <u>Há dias em que o lar parece uma casa de índios!</u>”. Depois conta-me uma história passada recentemente no lar, em que <u>uma colega foi despedida por ter batido numa criança.</u> A Lurdes assume por inteiro a inocência da colega, <u>dizendo cheia de raiva e revolta que foi uma injustiça porque a criança é que era “insuportável”!</u></p>	<p>Sacrifício</p> <p>Sentimento de injustiça</p> <p>Vitimização</p> <p>Desgaste</p> <p>Falta de autoridade</p> <p>Agressividade</p> <p>Sentimento de injustiça</p> <p>Raiva</p> <p>Revolta</p>
<p>Depois contou que são as ajudantes de lar a dar os comprimidos às crianças que estão medicadas. “Agora temos de fazer registo de tudo <u>porque uma delas se foi queixar</u>”, <u>diz muito indignada.</u></p>	<p>Revolta</p>
<p>Peço para me fazer uma caracterização das crianças e jovens do lar e ela responde de forma seca e com pouca ressonância afectiva: “o grupo tem vindo a mudar. As crianças são multifacetadas... a balança depois equilibra, <u>porque são muito agressivas, muito revoltadas... mas por outro lado também são carinhosas...</u> depende das alturas”, e <u>encolhe os ombros, com um sorriso desanimado...</u></p>	<p>Jovens agressivos</p> <p>Jovens revoltados</p> <p>Jovens carinhosos</p> <p>Tristeza</p>
<p>Questiono sobre o tipo de relação que conseguem estabelecer com as crianças e jovens lá do lar. Ela desvia o olhar, fica pensativa e responde que tem de ser aos poucos: “no <u>princípio fazemo-nos mais rígidas,</u> depois vai-se moldando, depende de cada um. <u>Eles são terríveis, mal-educados.</u> É preciso <u>ter muita paciência, eles sabem tirar uma pessoa do sério.</u> Depois das asneiras <u>até podem pedir desculpa...</u> nós depois também podemos <u>dar um abraço</u> quando fazem coisas boas, quando</p>	<p>Distanciamento afectivo</p> <p>Jovens terríveis</p> <p>Jovens mal-educados</p> <p>Paciência</p> <p>Pedir desculpas</p> <p>Afectividade</p>

<p>ajudam... Mas <u>quando estão com o rei na barriga a melhor arma é dar desprezo!</u> Eu também já não sou nova, tenho 47 anos e <u>já não tenho pedalada para os festivais que os meninos gostam de armar.</u> E por causa do meu <u>problema de costas, custa-me a dobrar,</u> e no outro dia houve <u>dois dos pequenos que me ajudaram a fazer as camas,</u> e a apanhar coisas do chão, <u>que é o que mais me custava,</u> e eu também soube agradecer, e <u>dar-lhes assim um abraço</u> por me estarem a ajudar. Nestas relações é sempre assim, há dias melhores, e dias piores!” Peço para me descrever esses dias. Ela continua “<u>uns dias chego e já estão todos à bofetada.</u> Outros dias, chego e <u>está tudo a correr tão bem que não tem piada nenhuma!</u> Acho que eles também se fartam de lá estar. <u>São muitos anos a fio”</u> .</p> <p>Pergunto o que é que ela pensa sobre o tempo que as crianças ficam lá institucionalizadas. “<u>É a história do temporário,</u> e depois passam lá anos e anos. O melhor era porem os miúdos em famílias de acolhimento, aqui tudo ao molho não resulta.</p> <p><u>Eu também sou uma espécie de família de acolhimento deste meu filho (referindo-se ao neto).</u> Ele chama-me mãe. Ele sabe que tem outra mãe, mas <u>com os pais dele também não podia ficar,</u> Deus me livre, <u>então para ele não ir parar a nenhuma instituição eu disse ao meu filho que ficava com este.</u> <u>Os pais dele não se souberam organizar, agora sobra para mim, claro!</u> E muita sorte tem ele! Que eu podia não poder... mas enfim, a vida vai-se levando, e agora <u>também não queria que mo tirassem,</u> já estou tão habituada.</p> <p><u>Mas os lá do lar não tiveram ninguém que os quisesse, chegam lá cheios de maus vícios, os problemas começam e depois a culpa é sempre nossa, como se eles fossem sempre as vitimas!”</u></p> <p>Perguntei, neste contexto, se não se sentiam apoiadas pela equipa técnica na gestão desses conflitos. Ela respondeu prontamente que não “<u>pela equipa das técnicas não porque a palavra deles vale sempre mais o que a nossa! A nós ninguém protege...</u> desde que elas entram até saírem são muitos anos e <u>deviam dar mais ouvidos às ajudantes de lar, nós é que estamos</u></p>	<p>Desprezo</p> <p>Desgaste</p> <p>Problemas de saúde</p> <p>Ajuda das crianças</p> <p>Afectividade</p> <p>Agressividade</p> <p>Necessidade de tensão</p> <p>Institucionalização de longa duração</p> <p>Lar como passagem</p> <p>Famílias de acolhimento</p> <p>Vida familiar das a,l.</p> <p>Família disfuncional</p> <p>Vida familiar das a,l.</p> <p>Sacrifício</p> <p>Abandono</p> <p>Jovens problemáticos</p> <p>Sentimento de injustiça</p> <p>Falta de apoio dos técnicos</p> <p>Insegurança</p> <p>Revolta</p>
---	---

<p><u>com eles todos os dias...</u>” Pergunto, então, se há alguma comparação possível entre o lar e a família. Ela diz : <u>“não, porque não é essa a função do lar de jovens! A família está lá fora, e a maioria volta para casa ao fim de uns anos.”</u></p>	<p>Relação com a família dos jovens Regresso a casa</p>
<p>Questionei sobre o que sentia e pensava sobre as jovens na altura das saídas e que função é que acha que o lar tem nessa altura. Ela diz muito rapidamente <u>“eles não saem preparados! Nem sabem estrear um ovo! Porque pensam que somos as empregadas deles! É sempre assim, a história repete-se. Eles estão ali, estão num hotel! Não querem aprender nem nós podemos ensinar nada. Agora já nem temos cozinha. Só os bolos! O resto é tudo comida que já chega feita lá de fora! Eles não dão valor ao que têm aqui dentro!”</u></p>	<p>Falta de preparação Revolta Ser empregada Lar como hotel</p>
<p>Pergunto o que é que ela imagina que as jovens sentem quando saem “lá de dentro”. A Ajudante de Lar responde <u>“sentem o contraste entre o que tinham e o que encontram lá fora. Confundem a liberdade. Ficam confusas. Mas eles não dão o braço a torcer, a família era sempre a melhor!”</u></p>	<p>Contraste Liberdade Confusão Relação com a família das jovens</p>
<p>Digo que depois de saírem, há alturas em que alguns voltam para visitar o lar... pergunto o que os faz voltar. Ela responde que às vezes parece que voltam só para <u>“se gabarem da liberdade”</u>, depois baixa o tom e acrescenta <u>“ou para nos ver, não nego! Ou, como muitas vezes acontece, quando a vida lhes corre mal, vêm para comer...”</u></p>	<p>Saudades do lar Pedir comida no lar</p>
<p>Peço-lhe para pensar nos percursos de vida mais comuns das jovens depois da saída do lar. Ela responde <u>“as miúdas ficam logo grávidas, de moços que não interessam a ninguém, passam fome e dificuldades, eles vão presos, elas vêm cá pedir comida. Outras nunca mais as vemos. Eles também não sabem o que fazer da vida lá fora. Ficam todos felizes com a liberdade e depois é só desgraças. Mas não saem nada autónomos. Não sabem nada da vida. Eu nem gosto de pensar nisto. Nós fazemos a nossa parte, o resto...”</u></p>	<p>Distanciamento afectivo Fome Prisão Pedir comida no lar Liberdade Falta de preparação para a saída Angustia</p>
<p>Pergunto o que aprendem estas meninas durante o tempo em que vivem no lar, sobre serem mães.</p>	

<p>Ela respondeu, desviando o olhar: <u>“não aprendem nada. As mães estão lá fora. (ri-se, com um ar irônico). Algumas estão juntas ao fim-de-semana. <u>Ai aprendem tudo o que não deviam.</u> Às vezes <u>vão aprendendo a tomar conta dos irmãos mais novos,</u> alguns vão nascendo e não vêm para cá. Aqui quando crescem também <u>vão deitando um olho aos mais novos de vez em quando,</u> <u>que a gente não pode estar em todo o lado ao mesmo tempo. Mas <u>cuidar sozinhas de um bebé sabem lá!</u> Elas às vezes trazem lá os filhos, a Esperança, no outro dia, <u>trazia a menina com o rabo todo assado,</u> a Ana, <u>que já veio aqui para comer,</u> <u>deu o filho à sogra,</u> a Vera, que <u>continua a levar tarefas do marido,</u> já para não falar da <u>Beta e do Filipe,</u> e do coitado do filho daqueles dois, dá mesmo pena, mas fazer o quê? Eles já cá dentro eram assim!”</u></u></p> <p>Pergunto como era a relação entre namorados no lar. “Sobre os namorados, eles <u>não podiam ter relações lá dentro né,</u> mas a gente sabe lá... <u>as técnicas lá em baixo davam-lhes preservativos,</u> têm lá uma caixa mesmo para eles irem tirar, e <u>depois vamos dizer que é para não fazerem nada?! Eles aqui uns com os outros também não havia assim tantos casais,</u> era mais com moços de fora, da escola ou dos bairros delas. Aqui, por exemplo, <u>o Filipe e a Beta,</u> era uma dor de cabeça, <u>tínhamos de estar sempre de olho, sermos polícias,</u> uma vez <u>ela deu-lhe com o ferro quente,</u> <u>queimou-o porque ele a queria agarrar.</u> Depois saem, <u>não arranjam emprego,</u> vão dar o quê de comer aos filhos? Elas também só têm filhos porque querem. Elas enquanto estão no lar também <u>vão à médica,</u> se quiserem, a gente leva ou elas pedem para ir sozinhas, <u>pedir a pílula e assim,</u> outras ficam com aquilo <u>no braço,</u> <u>podiam continuar a ir ao centro de saúde,</u> mas depois de sair deixam tudo. Acham que conseguem fazer tudo sozinhas.”</p> <p>Pergunto porque será que elas “querem” ter filhos nessa altura. Ela responde com indiferença <u>“porque não têm nada dentro da cabeça. São irresponsáveis. Nem aprendem com o mau exemplo umas das outras.</u> A primeira deste grupo a ficar foi a Beta, depois a Vera, depois a irmã ficou, a Ana, depois acho que foi a Maria, depois a Esperança, agora acho que está a Carla...e a</p>	<p>Ausência de modelos Distanciamento afectivo Relação com família das jovens Tomar conta dos irmãos</p> <p>Tomar conta das outras crianças no lar Falta de confiança nas competências das jovens Pedir comida no lar Entrega do filho a um familiar Sogra Violência doméstica</p> <p>Regras</p> <p>Contraceção</p> <p>Ser polícia Impulsividade Agressividade Desemprego</p> <p>Planeamento familiar</p> <p>Falta de contraceção</p> <p>Imaturidade Jovens irresponsáveis</p>
---	--

<p>Beta outra vez... elas não aprendem. <u>É para mostrarem que já são mulheres e que já ninguém manda nelas. Sei lá... acho que nem elas sabem. <u>Acontece! Se calhar é porque também têm medo dos maridos, eles se calhar também obrigam, para mostrar aos amigos que são garanhões, mas acho que também vão mudando...</u> os tempos de hoje são assim. <u>Eles mudam de par com facilidade.</u> Os miúdos às vezes acabam por ir parar para os colégios, como estes estiveram... <u>ao menos no lar nós damos cama, comida e roupa lavada.</u> (suspira) está tudo errado!”</u></p> <p>Pergunto o que sentem as ajudantes de lar sobre os filhos das jovens. Ela diz “<u>Nada. Tenho pena, mas é a vida. As pobres crianças não podem ser felizes com aquelas mães. Não sabem cuidar delas.</u> Mas algumas vão melhorando com o tempo, organizam a sua vida, com o trabalho, outras não. <u>Depois deixamos de ter notícias, o tempo passa, eles crescem.</u>”</p> <p>Pergunto, no fim, o que é que ela gostava que fosse diferente. Ela diz “<u>Acho que não somos reconhecidas!</u> Para a grande maioria <u>somos uma passagem.</u> Se o problema delas irem para os lares é a família, <u>e se a família é a mesma, para quê que as deixam voltar para lá?</u> Eu não sei, mas <u>assim não estamos cá a fazer nada.</u> Não é? ...Ao fim e ao cabo nós também <u>não estamos assim tanto tempo com eles, é mais ao acordar, ou ao fim da tarde nos banhos e jantar.</u> De resto eles estão na escola. E nós <u>trabalhamos por turnos, não estamos um dia inteiro.</u> E depois são muitos miúdos juntos, e de idades diferentes, cada um com a sua pancada. <u>Nós também não somos de ferro, claro!</u> Havia tanta coisa para mudar que nem sei por onde começar. Olhe, ficamos assim... ”.</p>	<p>Filhos para ser adulto Filhos para ser independente Banalização da gravidez Violência doméstica Virilidade Mudança de parceiros</p> <p>Tarefas</p> <p>Tristeza Distanciamento afectivo Falta de confiança nas competências das jovens Corte nas relações</p> <p>Falta de reconhecimento Lar como passagem Regresso a casa Dúvidas</p> <p>Distanciamento afectivo</p> <p>Lar como emprego Inconstância de figuras de referência Desgaste</p>
--	--

ANEXO L - ENTREVISTA 9

<p>Entrevista 9- Directora do Lar de jovens</p> <p>A entrevista foi realizada no lar de jovens, no gabinete da Directora.</p> <p>Comecei por lhe perguntar como tem sido ser directora de um lar de jovens. A Directora respondeu “<u>gosto daquilo que faço. Não é nada fácil</u> (risos). <u>A legislação mudou a 380 graus</u>, e muita coisa ainda precisa mudar. Com estas mudanças conseguimos, por lado, maior transparência, por outro, maior exigência de actuação.</p> <p>Pedi que falasse das emoções que o seu trabalho desperta. Ela respirou fundo e disse “<u>É difícil gerir o dia-a-dia</u>. Trabalhamos mais com a parte emocional, <u>temos de ter disponibilidade...</u> sangue frio, saber ouvir.</p> <p>Pedi para ser mais específica... Ela continuou “sangue frio nas situações em que não podemos tomar partido, <u>ser mais racional face às situações...Saber gerir</u> o campo pessoal, o económico, os problemas dos jovens...”</p> <p>Pedi-lhe que caracterizasse os jovens daquela casa. Ela sorriu e respondeu “vou-te dar antes uma imagem. <u>Cada um entre muitos à procura de um lugar ao sol! Alguém só para si</u>. À procura de uma vida e de um futuro diferente. Cada vez mais contam uns com os outros.”</p> <p>Pergunto se eles ali encontram esse tal “alguém só para si” que ela referiu... A Directora diz “<u>Isso é o desejo deles. Difícilmente... podem encontrar alguém que olhe por eles</u>. Aqui há sempre <u>alguém que os ampara nas quedas</u>. Na saída sentem que há essa ausência de “alguéns”. Questiono, então, o que ela acha que o lar representa na vida destas jovens. A resposta foi a seguinte: “desejo e espero que represente algo de positivo. Espero que o lar continue a ser um porto de abrigo, <u>mesmo quando saem, sentem que continuam a fazer parte desta família.</u>”</p> <p>Repito em tom de interrogação “família?” Ela limita-se a rir. Então eu pergunto quais são as semelhanças entre a família e o lar. A Directora responde que não há muitas semelhanças, “porque nós não somos a família deles! Mas é aqui que</p>	<p>Prazer profissional Dificuldade Legislação</p> <p>Dificuldade</p> <p>Disponibilidade</p> <p>Racionalização</p> <p>Ter alguém para si</p> <p>Limitações</p> <p>Apoio do lar</p> <p>Lar como família</p> <p>Segurança</p>
---	--

<p><u>encontram essa segurança, o beijo, o abraço, o ralhete...</u> Eles não têm a noção. O ser respeitado. <u>Mas aqui não conseguimos dar a individualidade que desejamos.</u></p>	<p>Afectividade Limites Falta de individualidade</p>
<p>Pergunto se o lar poderia ser comparado a uma casa para eles. Ela responde “<u>não digo a sua casa, mas a casa.</u> Chegar e saber que há a <u>refeição, o banho, a roupa lavada, e a pessoa que acorda e a que deita.</u> Há ritmos. Há lógica. Há muitas adaptações neste primeiro mês no lar. <u>Depois há o futuro.</u>”</p>	<p>Lar como casa Tarefas Futuro</p>
<p>Eu respondo que antes desse futuro, há um <u>projecto de vida para os jovens.</u> Questiono-a como se sente a equipa técnica ao delinear o futuro dos residentes. A Directora diz “<u>é difícil, as respostas nem sempre são as que queríamos. Nem sempre existem respostas adequadas,</u> e quando são jovens diferentes, quanto maior a debilidade, maior a dificuldade...”</p>	<p>Projecto de vida Dificuldade Impotência Falta de respostas sociais</p>
<p>Quem decide é a equipa, com o jovem, e com a própria família. Depende de caso para caso.”</p>	
<p>Peço para falar das emoções inerentes a esse processo. Ela repete “<u>É difícil. Nem sempre se consegue alcançar o que se deseja.</u> Geralmente <u>o desejo é regressar à família,</u> e nem sempre a família está disponível. A equipa sente uma vontade de fazer o que pode e sabe.”</p>	<p>Dificuldade Desejo de regressar a casa</p>
<p>Pergunto quem desempenha o papel maternal junto destas crianças e jovens. Segundo a Directora, <u>são os cuidadores directos, isto é, as ajudantes de lar: “são elas que embalam, ralham, limpam as lágrimas, que os conhecem e se dão a conhecer.</u> Mais do que figura materna <u>são a figura de referência!</u> Aqui é difícil ser a figura maternal, ou paternal, <u>porque também não queremos substituir a família, como é óbvio!”</u></p>	<p>Ajudantes de lar Afectividade Figuras de referência Relação com a família</p>
<p>Pergunto, então, quais são as funções de uma ajudante de lar. A resposta foi seguinte: “<u>as funções são a prestação de cuidados directos, tarefas fundamentais</u> para o bem estar tanto físico, como emocional, como social dos jovens. <u>Têm supervisão e formação contínua, para ajudar a superar todos os obstáculos que possam surgir.</u>”</p>	<p>Tarefas Supervisão de ajudantes de lar Formação contínua de ajudantes de lar</p>
<p>Pedi que me explicasse quais as qualidades que procuram</p>	

<p>numa ajudante de lar. A Directora disse que era importante “<u>o ar materno mas com firmeza. Pessoas com experiência de vida, com conhecimentos, com formação académica... Tem de se ser flexível, disponível, afectiva, assertiva, balizadora, com limites.</u>”</p> <p>Perguntei se era esse o perfil das ajudantes deste lar. “<u>não se adapta a todas, mas com a formação procuramos encontrar uma forma de lá chegar. É uma área em que há um desgaste muito rápido, entram facilmente em derrapagem é muito difícil gerir este dia-a-dia. O pensar, e o agir e o não agir... dualidades do dia-a-dia. Há sempre a necessidade de um suporte próximo de uma colega, para racionalizar nas situações de crise. O trabalho em equipa é fundamental. Quando uma falha abanam mais... se houvesse recursos para mais ajudantes... assim é difícil é uma por turno, e são 15 crianças por unidade familiar!</u>”</p>	<p>Perfil de ajudantes de lar</p> <p>Desgaste</p> <p>Dificuldade</p> <p>Impulsividade</p> <p>Apoio de colega</p> <p>Vulnerabilidade</p> <p>Recursos humanos</p>
<p>Perguntei depois qual era a maior dificuldade em se ser directora de um lar. Ela sorriu, e disse “<u>o mais difícil é gerir a questão económica. E também fazer o recrutamento de trabalhadores com perfil, e adequar o dia-a-dia às necessidades dos menores. Enquanto eles estão cá, temos de fazer o nosso melhor, para quando saírem levarem alguma coisa de bom para o seu futuro.</u>”</p>	<p>Gestão financeira</p> <p>Recursos humanos</p> <p>Futuro</p>
<p>Ponho, depois, a questão, de como é que ela imagina esse futuro dos jovens a seguir à saída do lar. Ela afirma “<u>Não sei. Tenho dificuldade. Quero acreditar que este tempo conseguiu dar algumas imagens positivas, novas emoções, e despertar para novas realidades. Se será um futuro dentro dos nossos parâmetros de vida? Não sei. O que foge mais é o lado afectivo e emocional, para compensar as lacunas existentes, esperar o outro enquanto físico, aquilo que não se tem... A instituição também não pode preparar para a saída.</u>” Pergunto o que falta. “<u>falta espaço disponível para ganharem autonomia, com esta estrutura e número de crianças não conseguimos tentamos, mas...por exemplo, a economia doméstica falha, mas não temos estrutura física para isso...depois fica tudo muito confuso na vida delas lá fora, e entretanto, surgem as gravidezes!</u>”</p>	<p>Incapacidade de imaginar o futuro dos jovens</p> <p>Memórias positivas</p> <p>Carência afectiva</p> <p>Impotência</p> <p>Falta de condições</p> <p>Confusão</p>

<p>Aproveito para perguntar, como se pode justificar essas gravidezes das adolescentes após a saída. Ela diz que está relacionado com <u>“o quererem procurar lá fora, no outro, algo seu. Algo que se gera dentro de nós. E dar aquilo que não se teve!”</u></p> <p>Pergunto, de seguida, como as imagina enquanto mães. Ela repete a minha pergunta em voz alta, com um ar pensativo, e depois diz <u>“quando não se tem muito dificilmente não se dá... o ter sido cuidado, embalado, ter sido prioridade na vida de alguém, nós não lhes conseguimos transmitir! Quando cá chegaram já não era possível reformular! Resulta principalmente nos primeiros anos de vida. As coisas depois complicam-se quando os bebés têm de ser cuidados, vestidos... elas também não foram cuidadas e continuam sem suporte familiar.</u></p> <p>Pergunto, neste contexto, qual é a sensação de as ver sair. Ela repete a minha pergunta, e responde apenas <u>“são muitos anos em instituição. Elas saem sem suporte familiar”</u>. (pausa).</p> <p>Questiono de seguida sobre o tipo de relação que o lar consegue estabelecer com essas famílias. A Directora responde “temos 45 frutos de árvores diferentes. Mas temos de construir uma relação. <u>Neste momento vêm sempre o lar contra si, porque vêm de decisões judiciais, e a culpa é sempre dos outros... não são capazes de perceber que são responsáveis!”</u></p> <p>Pergunto, como é que, sendo assim, se preparam as jovens para o regresso a casa. <u>“Estamos a falar de permanências longas. Há uma grande falta de respostas. Há a maioria das famílias que não se reorganizam,</u> a falta de técnicos para trabalharem as famílias in loco, e falta também abertura da parte das famílias para serem trabalhadas. Claro que depois temos a <u>adopção e a autonomia</u> quando o retorno à família é absolutamente inviável. <u>Mas a instituição em si não é um projecto de vida para ninguém.</u> Vemos na família alargada, alguma possibilidade de afecto. A instituição foi sempre um último recurso, portanto, depois transformar a família para o retorno é muito difícil. Mas às vezes, também acontece, que a ausência das crianças ajuda o agregado a organizar-se. Algumas jovens depois, <u>quando engravidam,</u></p>	<p>Filhos para ter algo seu Dentro/fora Dar o que não se teve</p> <p>Falta de confiança nas competências das jovens</p> <p>Impotência</p> <p>Falta de apoio</p> <p>Dificuldade</p> <p>Relação com a família das jovens Ausência de responsabilização dos pais</p> <p>Institucionalização de longa duração Falta de respostas sociais Famílias disfuncionais Adopção Autonomização</p> <p>Projecto de vida</p> <p>Criar nova família</p>
--	---

<p><u>também acabam por criar um novo agregado familiar...</u>”</p> <p>Pergunto-lhe o que representam estas gravidezes para as jovens. A Directora respira fundo e responde “<u>ter alguém só para si: a criança... como extensão. E terem o companheiro também.</u> Apesar de tudo acho <u>a noção do companheiro mais descartável,</u> são os modelos que têm!”</p> <p>Voltei a pegar nessa noção do “ter alguém só para si” e depois perguntei o que é ser mãe para estas jovens. A Directora diz “<u>é o desejo de darem aquilo que não tiveram, mas depois não são capazes de o fazer. Em parte, é para viverem a vida deles!</u>”... (pausa) Voltou a repetir a minha questão em voz alta e disse “<u>tenho muita dificuldade em responder</u>”.</p> <p>Pergunto que apoio têm estas jovens quando engravidam, e a Directora suspira e responde “<u>têm a família... e o lar. Acabam por vir pedir a nossa ajuda.</u> Elas sabem que estamos sempre aqui, que não fechamos a porta. Acabam por vir em <u>situações de S.O.S..</u> É uma forma de sentirem que estamos cá, que podem sempre contar... e nós também convidamos para virem cá, de vez em quando, nas festas de natal, por exemplo...”</p> <p>No final da entrevista, e já num registo informal, contou algumas <u>histórias de jovens que voltaram a visitar o lar,</u> já com os filhos pequenos. Senti que a primeira ideia que surge da parte de quem trabalha no lar e vê os ex-residentes entrar é qualquer coisa como “<u>o que será que correu mal?</u>” A história que teve mais realce foi a de um jovem que apareceu no lar com o seu filho pequeno, dizendo que <u>tinha de resolver uns problemas e não tinha absolutamente ninguém a quem deixar o menino</u> durante aquela manhã, <u>pedindo para ficarem com ele nesse período de tempo.</u> A Directora expressou o <u>impacto emocional que teve para ela, o ter de decidir se arriscava ficar com a criança, sem garantias que o pai voltasse, numa fantasia de abandono,</u> ou se confiava neste pai, e no seu regresso para vir buscar o filho, e funcionaria como rede de apoio do jovem. Depois de vivenciar este dilema, <u>optou por aceitar que o menino ficasse aquela manhã no lar, ameaçando o pai que se não chegasse até ao meio dia ligava para a Comissão</u></p>	<p>Ter alguém só para si Filhos como extensão Filhos como vínculo do casal Mudanças de companheiro</p> <p>Dar o que não tiveram Falta de confiança nas competências das jovens Viver a vida dos filhos Dificuldade</p> <p>Apoio familiar Apoio do lar</p> <p>Corte nas relações</p> <p>Visitas ao lar</p> <p>Falta de confiança nas competências das jovens</p> <p>Desamparo</p> <p>Apoio do lar</p> <p>Falta de confiança nas competências dos jovens Fantasia de abandono</p> <p>Ameaças</p>
--	--

<p><u>de Protecção de Crianças e Jovens, para ir buscar o menino. O pai voltou. Mas aquela sensação de dúvida permanece.</u></p>	Dúvidas
--	---------

